

MARCO AURÉLIO
MEDITAÇÕES

O DIÁRIO DO IMPERADOR FILÓSOFO



UMA NOVA TRADUÇÃO

 EDITORA
NOVA STOA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Icaro Moro & Mateus R. Carvalho

Meditações do Imperador Marco Aurélio

Uma nova tradução

Publicação por Editora Nova Stoa, 2021

Copyright © 2021 por Estoicismo Prático

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrônico, físico, fotocopiado, gravado, escaneado ou outro que seja sem a expressa permissão por escrito do editor. É ilegal copiar este livro, publicá-lo em um website ou distribuí-lo por qualquer meio sem essa permissão.

Esta obra foi traduzida a partir do manuscrito de George Long, publicado originalmente em 1862 sob o título de “The Thoughts of the Emperor Marcus Aurelius Antoninus,” e agora em domínio público; versão digital da obra disponível para acesso em <https://en.wikisource.org/>.

Primeira edição

Contents

1. [Introdução](#)
2. [Livro I](#)
3. [Livro II](#)
4. [Livro III](#)
5. [Livro IV](#)
6. [Livro V](#)
7. [Livro VI](#)
8. [Livro VII](#)
9. [Livro VIII](#)
10. [Livro IX](#)
11. [Livro X](#)
12. [Livro XI](#)
13. [Livro XII](#)
14. [Um pedido e uma gentileza](#)
15. [Notas da tradução](#)
16. [Índice de pessoas](#)
17. [Glossário](#)
18. [Agradecimentos](#)
19. [Referências bibliográficas](#)

Introdução

Quão fascinante é o fato de ainda hoje termos acesso a livros tão antigos? Livros que foram escritos em pergaminhos a mais de dois mil anos atrás; pergaminhos que foram guardados em bibliotecas, bibliotecas de cidades que foram saqueadas, queimadas e reconstruídas inúmeras vezes ao longo da história; livros que mesmo em face a todas as adversidades que o tempo colocou em seus caminhos puderam chegar a nós! Pois não foram poucos os perigos que correram: desde condições precárias para a conservação até ditadores lunáticos que queimavam livros (sim, estamos falando de Hitler e de Mao Tse-tung), foram muitos os obstáculos que poderiam tê-los detido. Mas essas obras superaram seus adversários, superaram a ignorância e continuaram nutrindo a mente e o espírito de incontáveis leitores ao longo dos séculos.

Contudo, mais fascinante que a sua existência são os caminhos percorridos por esses textos milenares. Pense que até 1990 a internet não era sequer imaginável; essa rede interconectada de computadores capaz de armazenar arquivos e manter vivo o histórico do conhecimento humano era um feito que não poderia ser concebido nem nos devaneios mais selvagens dos mais ousados inventores. Estamos falando que, até 30 anos atrás, o conhecimento dependia quase exclusivamente da sua forma física para ser conservado. Pense que não havia sequer imprensa até meados de 1430. Antes de Johannes Gutenberg, os livros precisavam ser copiados à mão. Ou seja: até tempos recentes, era mais fácil perder livros do que conservá-los. Por isso, precisamos reconhecer e admirar aqueles que permaneceram; sobretudo, este aqui—sobretudo *Meditações*, que tinha tudo para ser usurpado da história.

Dentre todas as obras milenares, esta talvez seja a que merece maior reconhecimento e admiração. Pois, diferente de seus pares filosóficos, o autor deste livro nunca planejou publicá-lo. *Meditações*, até onde sabemos,

era um conjunto de pensamentos do imperador para si mesmo, pergaminhos íntimos de suas horas mais solitárias e meditativas. E embora esses pergaminhos possuam a mesma grandeza de obras como a *Ilíada*, a *Poética*, e as peças de Sófocles, eles não estavam em circulação entre o público, como seus pares. A maioria das obras gregas e romanas que temos acesso foram publicadas em algum momento da antiguidade, portanto possuíam mais do que só uma cópia disponível. Enquanto isso, *Meditações* não apenas não foi publicada, como desfrutava do completo desconhecimento por parte da classe intelectual da época. Os únicos conhecedores da existência desses pergaminhos, supostamente, seriam seu autor, Marco Aurélio, seus poucos amigos próximos, e seu filho e herdeiro do trono, Cômodo.

Ainda supostamente, no seu leito de morte Marco teria pedido que seus pergaminhos fossem entregues ao filho, à época com apenas 16 anos, como uma maneira de continuar sua educação e formação para ser imperador. Mas Cômodo, embora fosse um Antonino, não compartilhava do mesmo apreço de seu pai e de seu avô pela filosofia. Conta-se que seu caráter e modo de agir assemelhavam-se ao do tio, Lucio Vero—boêmio e indiferente à integridade de caráter. Assim, não seria surpreendente se ele simplesmente esquecesse os pergaminhos num canto qualquer de seu palácio e deixasse que o tempo e a umidade fizessem seus trabalhos. Inclusive, não há motivos para duvidar que foi exatamente o que sucedeu. Pelos relatos históricos que temos dos breve 38 anos de vida de Cômodo, sabemos que sua tendência era imediatamente oposta à filosofia contida em *Meditações*. Se leu os pergaminhos, certamente os abnegou; isso se não os rejeitou sem nem sequer lê-los.

Se hoje temos acesso a esta obra, não é graças à linhagem real. Se hoje temos acesso a um dos livros mais importantes para o Estoicismo moderno, uma das obras mais autênticas jamais produzidas—cujos pensamentos guardam poesia em linhas de prosa, beleza em sua obscuridade, e pura filosofia ainda que o autor não se visse como filósofo—, é devido ao esforço de alguma pessoa curiosa, e anônima, que ao deparar-se com os pensamentos do imperador, recusou-se a abandoná-los. Esse curioso teria supostamente feito uma cópia para si daqueles pensamentos, e seria a sua versão que sobreviveu ao tempo. Até onde sabemos, o manuscrito original não existe mais. Só o que temos, hoje, são réplicas e traduções feitas por pessoas curiosas ao longo dos séculos.

Apesar dessa atitude parecer um ato de sorte, de parecer uma enorme coincidência que alguém interessado tenha encontrado o manuscrito e o salvado, quando observamos a história da humanidade, imediatamente percebemos que este é, na verdade, um fenômeno bem comum. Aos olhos da filosofia Estoica, sempre houve e sempre haverá uma guerra entre o vício e a virtude cujo campo batalha é o próprio espírito humano. Cada indivíduo é exposto às mesmas tentações que colocam à prova sua integridade e seu caráter. E não se deixar derrotar pelos vícios é a tarefa primária (e quiçá a única) de toda pessoa virtuosa. Portanto, quando uma pessoa virtuosa se depara com *Meditações*, o que ela encontra é mais do que pensamentos inspiradores: encontra um verdadeiro aliado para esse combate eterno em sua alma. E eis aqui o segredo para a longevidade desta obra.

Sempre houveram pessoas virtuosas para tomar conta deste livro, pessoas curiosas e empenhadas que mantiveram esta obra viva e circulante desde sempre. Da morte do imperador ao século XVI—quando final e oficialmente é publicada por Wilhem Xylander—*Meditações* foi transmitida de mão em mão, literalmente. Da queda do império romano adiante, é possível localizar citações à obra do imperador-filósofo em pensadores, poetas e políticos de diferentes séculos, de diferentes lugares, em diferentes idiomas. Esse reconhecimento e admiração fica ainda mais evidente numa carta escrita pelo arcebispo Aretas de Cesareia e endereçada a Demétrio, em 907:

“Eu tenho mantido, por algum tempo, esta velha cópia do livro mais promissor do Imperador Marco; que, de tão velha, está praticamente caindo aos pedaços... Dela eu fiz uma cópia e estou pronto para transmiti-la para a posteridade em sua nova aparência.”¹

A história de como *Meditações* sobreviveu não é uma história acadêmica; não foram homens velhos, protegidos por suas cátedras e diplomas que a mantiveram viva. Essa é a história de milhares e milhares de pessoas que estão todos os dias na arena da vida; pessoas iguais a nós, que viram em Marco Aurélio um professor, um mentor e um amigo para trilhar conosco essa jornada coletiva, porém individual e solitária, rumo ao aprimoramento pessoal—rumo à boa vida.

Se Marco Aurélio ainda estivesse vivo para ver, talvez ele se surpreendesse com quão longe seus pensamentos chegaram, e a quantas pessoas eles influenciaram. Talvez ele não acreditasse em seus próprios olhos. Pois, apesar de carinhosamente o chamarmos de Imperador-filósofo, esse é um título que ele não aceitaria; Marco Aurélio via-se como um bom aluno no melhor dos casos, e como um estudante medíocre de filosofia no pior. Para ele, ser um filósofo não tinha a ver com todos os anos que ele passou lendo e estudando: ele só seria um verdadeiro filósofo no dia em que vivesse corretamente. Mas ele era autoconsciente demais, e demasiado auto-observador para ignorar suas próprias falhas e erros. Era um homem em constante aprimoramento, um eterno estudante.

Talvez por isso tenha se negado a publicar seus escritos quando um amigo o sugeriu. Talvez por isso aquele homem de caráter tão elevado e nobre quisesse guardar seus pequenos pensamentos para suas horas reservadas. Mas, talvez sem perceber, ao colocar-se sempre na posição de aluno, Marco conseguiu atingir o âmago de todo ser humano, a verdade mais universal há: a de que estamos todos em constante desenvolvimento; que não importa o quanto já tenhamos trilhado, sempre haverá mais caminho pela frente. Que enquanto tivermos sangue correndo em nossas veias e ar entrando em nossos pulmões, haverá tempo para aprender uma coisa nova, para corrigir nossa rota, para sermos melhores do que antes.

Meditações, enquanto obra filosófica, alcançou o que muitos filósofos apenas sonham em atingir: o livro revela o leitor a si próprio; é um espelho de si mesmo. Quando lemos esse livro no Brasil dos nossos dias, não estamos testemunhando passivamente os pensamentos de outra pessoa—não, minhas caras amigas e amigos. Ao ler este livro estamos resgatando a fortaleza de nossos próprios espíritos, revivendo a coragem em nossas atitudes e honrando o que há de mais nobre em nós mesmos.

Portanto, quão fascinante é o fato deste livro estar em suas mãos agora? Quão admirável é o fato de, ao lermos esta obra, não sermos meros observadores, mas protagonistas da história!

Por esse motivo é que orgulhosamente estes tradutores entregam a você uma nova tradução do *Meditações*. Assim como esse livro chegou até nós, através do carinho de outras pessoas, queremos que esse livro chegue a você e às futuras gerações. Queremos que você seja mais uma das pessoas a manter esses pensamentos vivos e reverberantes através da sua vida—da sua boa vida.

Contexto histórico e estilístico

A cada palavra a mais que escrevemos nesta introdução, corremos dois riscos: primeiro, o de estragar a sua experiência de leitura; segundo, o de distorcer as palavras de Marco Aurélio. Toda explicação sobre uma obra é seletiva, todo contexto é arbitrário, por isso não existe um jeito de introduzir um livro imparcialmente.

Então, já que “ser imparcial” não é uma opção, decidimos ser transparentes e abrir para você nossa intenção com esse texto: quando decidimos traduzir o *Meditações*, queríamos criar uma versão que fosse legível sem empobrecer o vocabulário; que fosse fiel ao original sem perder proximidade com a nossa linguagem contemporânea; que fosse acessível sem ser estúpida. E talvez por isso tenhamos levado mais de 16 meses para traduzi-lo, porque quisemos proporcionar uma boa experiência sem privar a sua liberdade de leitura.

Estamos confiantes o suficiente quanto à qualidade do nosso trabalho a ponto de, agora, quereremos apenas desejar “boa leitura” e encerrar a introdução. Contudo, reconhecemos que isso seria um desserviço àquele o propósito. Assim, em vez de fingirmos que o que estamos escrevendo aqui é importante, ou que se trata de uma “parte fundamental para o seu entendimento,” iremos direto ao ponto, tudo bem? Afinal, estamos em casa; estamos todos entre pessoas que pretendem ser corajosas e justas—não há razão para escondermos nada de você.

Originalmente, este livro foi escrito sem nenhuma introdução, e se manteve assim por muitos séculos. Os pergaminhos que hoje chamamos de livros eram lidos fora de ordem e sem nenhuma organização. Possivelmente até continham erros ortográficos já que Marco Aurélio não era um gramático, nem nunca revisou sua própria obra. Ainda assim, seus primeiros leitores viram valor no que aqui estava escrito, provando que nenhuma introdução se faz necessária para esta obra ser compreendida.

Portanto, você poderia muito bem ignorar o que escrevemos e ir direto para o Livro I. Mas, ao chegar lá, você encontrará nomes de pessoas pouco conhecidas, referências a cidades da antiguidade e menções a eventos que talvez até fizessem sentido para os romanos em 170 d.C., mas que para nós, leitores do século XXI, são um verdadeiro labirinto temporal. Sem Notas da

Tradução, explicações históricas e ou contextualizações, ler *Meditações* pode ser um desafio bem particular.

Que fique claro: a compreensão desses nomes não é mandatória para a compreensão do livro; mas o desconhecimento e a falta de contexto podem desestimular a leitura. Com isso, queremos que essa obra seja acessível a todo leitor. Para tanto, queremos munir você do arsenal intelectual e histórico mínimos para facilitar a travessia desses possíveis impedimentos. Isso significa que nos parágrafos a seguir não vamos “resumir” nem “explicar” os capítulos de *Meditações*, assim como não introduziremos a filosofia Estoica. Faremos apenas um breve relato sobre a vida do imperador, sobre o contexto sob o qual ele escreveu seus pensamentos e sobre o estilo que ele adotou em sua escrita. Sobretudo, seremos muito breves e objetivos daqui para frente.

No mais, fica a seu critério o modo de ler esta tradução. Continue esta introdução até o final se assim desejar, ou pule direto para o Livro I. Avance nos livros e retorne caso sinta falta de alguma explicação. Mas, independentemente de como prossiga, o importante é que faça uma boa leitura. Queremos que faça deste livro seu, e apenas seu.

Portanto, leia como quiser, como sentir que deve ler. Reflita e dialogue com este livro, e seja você também um monumento vivo da grandeza de espírito, da bondade e da justiça e de um caráter virtuoso.

Por fim, desejamos uma boa leitura, uma boa jornada, uma boa vida.

Breve relato sobre a vida de Marco Aurélio

Marco Aurélio Antonino nasceu na cidade de Roma, em 121 d.C., sob o nome de Marco Ânio Vero, e assim como seus antecessores (*ANTONINO*² Pio, *ADRIANO* (a), Trajano e Nerva), não era um herdeiro direto do império. Era filho de aristocratas e neto de uma importante figura política da época, o que fez com que o jovem Marco crescesse próximo à alta classe romana. Após o falecimento de seu pai biológico, por volta de 130-133, a guarda e a tutela do jovem é transferida para o avô de mesmo nome, Marco Ânio *VERO* (a) (mais informações no índice de pessoas), que era um grande amigo do imperador Adriano. E foi assim que Marco ganhou proximidade com a corte, o que futuramente possibilitaria a sua sucessão.

Embora uma figura controversa, foi Adriano quem primeiro reconheceu o caráter excepcional e a inclinação à honestidade do jovem Marco. Essa postura admirável levou o imperador a apelidá-lo, carinhosamente, de Marco Veríssimo—um trocadilho com seu nome de batismo e o fato dele sempre falar a verdade; e a nomeá-lo como “a criança mais promissora de Roma.” O imperador, que àquela altura não possuía um sucessor definido, viu em Marco um potencial herdeiro do trono; e este teria assumido se não fossem por alguns empecilhos.

O primeiro problema: Marco era jovem demais para assumir o império. Sua imaturidade e despreparo teriam feito dele uma má escolha para a sucessão aos olhos do Senado, levando a corte a decidir por conta própria quem seria o próximo imperador. Nomeá-lo cedo demais poderia impedir que Marco viesse a ser imperador. O segundo problema: em 136, Adriano adotara Lúcio Élio César em uma tentativa de manter a estabilidade de seu império. Mas a saúde precária de Élio César o levou para o túmulo antes mesmo de assumir e deixou órfão um filho de 6 anos—que embora não tivesse nenhum direito legítimo ao trono, era o próximo na linha de sucessão do império. E nesse contexto, a adoção de Marco seria vista como uma traição, já que não faria sentido adotar uma criança para tomar o lugar de outra.

A saída de Adriano foi adotar um homem político mais maduro, um aliado de seu império, o procônsul da Ásia Tito Antonino (hoje conhecido por Antonino Pio). A única condição de Adriano era que, em seguida, Antonino adotasse ambos Marco Aurélio e o menino órfão Lúcio *VERO*

(b). Então, quando Antonino se torna imperador em 138, ele imediatamente propõe o casamento entre Marco e sua filha *FAUSTINA*, para oficializar os laços familiares entre eles, e o dá o nome de Marco Élio Aurélio César, ou seja, seu sucessor.

Em 161, com a morte de Antonino Pio, Marco Aurélio incorpora o nome de seu pai adotivo como uma homenagem e símbolo de que ele seria um imperador igualmente virtuoso—e se torna Marco Aurélio Antonino.

Num ato de boa-fé, Marco convida seu irmão adotivo para ser co-imperador consigo. Uma das hipóteses que explica essa atitude inédita, pois nunca antes na história Roma havia tido dois imperadores em simultâneo, é a de que Lúcio Vero, sendo filho do primeiro sucessor ao trono, poderia sentir-se ofendido por não ter sucedido Antonino Pio, levando-o a se aliar à oposição e tentar um golpe de estado. Ao nomeá-lo como co-imperador, Marco Aurélio teria evitado uma possível guerra civil.

Essa medida foi muito bem vista tanto pelo senado, que temia ter mais um imperador assassinado, quanto pelos opositores, que viam em Lúcio o herdeiro legítimo e verdadeiro líder de Roma. Mas para Marco, talvez essa fosse uma forma de assegurar a estabilidade do império em caso de sua morte precoce. Pois quando assumiu o império, já era um homem velho e doente; sua saúde instável e sua idade avançada eram uma ameaça constante para um vácuo de poder. Com Lúcio Vero ao seu lado, sendo este 10 anos mais novo, de boa saúde e aparência mais saudável, esse risco de um trono vazio reduzia significativamente.

O que ninguém esperava, contudo, é que Lúcio Vero partiria muito antes de Marco. O mais jovem dos imperadores, dado aos vícios e prazeres, entregue à vida boêmia e despreocupada, faleceu por causas desconhecidas 8 anos depois de sua coroação, com apenas 39 anos de idade. Algumas hipóteses são de que as excessivas taças de vinho que Lúcio consumia fragilizaram seu fígado, debilitaram seu corpo e ele não conseguiu resistir à Praga Antonina. Enquanto isso, Marco Aurélio, com seu estilo de vida modesto e temperado, manteve-se firme, íntegro e atuante até 180 d.C.. E não só viveu uma longa vida (para a época), como defendeu seu império até o seu último suspiro. Em seus últimos 10 anos de reinado, ele viajou de fronteira a fronteira para conter duas grandes invasões bárbaras, enfrentou uma ameaça de golpe militar e possível guerra civil e ainda lutou contra uma Praga que levava milhões de vidas romanas—e que acabou por levar a sua também.

Mesmo tendo assumido em idade avançada e com a saúde fragilizada, Marco Aurélio não perdeu nenhum território, manteve uma boa diplomacia com o senado e as províncias do império, e partiu aos 59 anos de idade sendo amado pelo seu povo, respeitado pelos seus comandante e eternizado como o último dos cinco bons imperadores de Roma.

Guerras e conflitos que marcaram seu império

A diferença entre Marco Aurélio e seus antecessores não está apenas em seu caráter e em seu amor pela filosofia. Está também nos tempos incomuns em que ele cresceu: tempos de paz. De Júlio CÉSAR a Adriano, todos os imperadores eram também líderes militares. Era comum vê-los marchar com o exército imperial para junto das fronteiras a fim de defender territórios, derrubar líderes locais e eleger aliados, ou simplesmente para demonstrar sua imponência. Todos eles eram conhecidos por suas conquistas em batalha e carregavam em seus nomes títulos em reconhecimento a suas vitórias. Todos, à exceção de Tito Antonino. Antonino recebeu seu cognome de *Pio* justamente por demonstrar piedade, e por resolver conflitos do modo mais pacífico possível.

Entre 138, ano em que Antonino se torna imperador, e 161, ano de sua morte, todos os conflitos e ameaças de invasão foram cuidados sem que ele precisasse se afastar de Roma. Sua confiança em seus comandantes e nos líderes políticos regionais inspirava lealdade e permitia ao imperador resolver quase todas as necessidades militares através de breves orientações enviadas por correspondência às regiões de conflito.

Essa sua postura não gerou apenas reconhecimento pela corte de sua época. Sua ausência em manobras militares possibilitou sua presença para assuntos políticos e sociais. No tempo de Antonino, Roma viu crescer seu número de museus, bibliotecas e teatros. A arte e a filosofia puderam novamente ver a luz do dia. E foi nesse contexto de paz e tranquilidade que Marco Aurélio foi educado e treinado como César. De seus 17 aos seus 41 anos, Marco Aurélio não participou de nenhum exercício militar, não teve que lidar com nenhuma crise sanitária, não sofreu nenhum atentado contra sua vida. Na maior parte do tempo pode se dedicar à filosofia e à sua formação para governante político do império.

Toda essa preparação em meio à calma, porém, é ironicamente contrastante com o seu tempo de governo. Enquanto Antonino passou a maior parte do seu tempo em Roma, esse privilégio não foi concedido a Marco Aurélio. Imediatamente após a sua sucessão, irrompe um conflito com os Partinos. Como contramedida, ele decide enviar seu irmão Lúcio, que diferente de Marco, possuía certo treinamento militar e boa saúde. Mas relatos históricos contam que Lúcio abandonou seu posto ainda a caminho

da guerra; desviou sua rota para a Antioquia e lá passou a maior parte dos dias enquanto a campanha militar se despontava no leste.

O combate contra os Partinos durou 5 anos, de 161 a 166, e só foi resolvido graças às intervenções de Marco Aurélio, com seus comandos enviados de Roma, e à liderança do general Avídio Cássio, cujos métodos implacáveis, para não dizer cruéis, foram mais do que satisfatórios para aniquilar a tentativa de invasão pelo leste do império. Em retribuição pela sua campanha bem sucedida, ele foi coroado rei da Armênia, adquirindo poder político e militar sobre a região. Sua eficácia trouxe a paz e a segurança que o império precisava naquele momento, e elevou a confiança do imperador neste rei. Só o que ninguém imaginava é que alguns anos depois, a partir do boato de que Marco Aurélio teria morrido em combate, ele tentaria marchar sobre Roma com seu exército para reivindicar o posto de imperador.

Já em 166, mal havia encerrado o conflito com os Partinos, agora eram os Marcomanos e os Sármatas que ameaçavam o império na fronteira oposta. Essas várias tribos germânicas estavam insatisfeitas com as terras tomadas pelos romanos e se juntaram para retomá-las. Por conta do seu conhecimento local e do tamanho da aliança que formaram, constituíam uma ameaça muito maior do que a partina.

Inicialmente, Marco tentou resolver o conflito enviando seus melhores comandantes. Mas com os constantes avanços dos germânicos e a demora para a correspondência chegar de Roma ao fronte, o imperador decide se deslocar para junto de seus homens e enfrentar os bárbaros na linha de frente. Então, por volta de 168 e 169, em seus quase 50 anos, Marco Aurélio marcha com a Legio XIV Gemina (legião gêmea 14^a) em direção à sua primeira experiência militar. Desse momento em diante, se voltou a pisar em Roma, certamente não foi por muito tempo. A guerra contra os povos germânicos se estendeu para além de sua morte, e só foi se encerrar durante o reinado de Cômodo. Marco passou os últimos 10 anos de sua vida habitando acampamentos militares, que, distante do clima agradável e italiano de Roma, eram gelados e desconfortáveis, e lutando contra a incansável tentativa de invasão bárbara.

Não foram poucos os obstáculos e dificuldades insurgentes durante o seu reinado. Ao todo, foram duas guerras contra estrangeiros que duraram 19 anos ao todo, uma ameaça de guerra civil e uma peste que varria todo o império—mas especialmente os acampamentos militares. O espectro da

morte o seguia a todo lugar, e o acompanhou o tempo todo em que foi imperador.

Quando lemos *Meditações*, não estamos lendo pensamentos concebidos no conforto de uma poltrona de filósofo; não foram concebidos por um homem afastado da vida e seus perigos. Muito pelo contrário, *Meditações* é fruto de um homem intimamente envolvido com seu próprio destino, e cuja fortuna não poupou esforços para testá-lo. Encontramos neste livro não um exercício metafísico, mas a forja do caráter de um bom homem. É neste contexto e sob o pretexto de não se deixar consumir pelas circunstâncias à sua volta que Marco Aurélio produziu esta obra.

Breve explicação sobre o formato deste livro

Meditações não é um livro de pensamentos originais. Sua contribuição para a “história do pensamento” é mínima se o compararmos com as obras de seus contemporâneos (como Epicteto, Musônio Rufo e Sêneca). Nesse aspecto, *Meditações* chega a ser repetitivo e maçante de tanto que um mesmo pensamento é reproduzido e reciclado em diversos capítulos, apenas com palavras diferentes. Se colocarmos este livro ao lado de outras obras que hoje consideramos filosóficas, ele deixaria muito a desejar.

Contudo, *Meditações* não é um livro como os outros que conhecemos. Na verdade, é um livro diferente de tudo que já vimos publicar. Sua originalidade está contida não nos pensamentos e conceitos em-si, mas justamente no estilo de escrita adotado pelo autor. É na crueza de suas ideias, na ausência de edição e refinamento dos capítulos, e na redundância de seus temas que esse livro encontra sua autenticidade. Um aspecto é responsável tanto por nos tornar íntimos da obra quanto por nos afastar da leitura. A experiência de navegar pelos 12 livros que Marco nos deixou não é nada amigável, quanto menos confortável para quem está acostumado com livros com começo, meio e fim.

Cada capítulo (ou “parte,” ou “entrada”) tem um raciocínio próprio, por assim dizer. Começa e termina em si mesmo. Alguns longos, outros são apenas uma linha com seis palavras. Os temas do livro não são organizados por livro, e a própria divisão de cada livro é arbitrária e meramente figurativa. Ou seja, tentar lê-lo do começo ao fim como se cada capítulo fosse uma continuação do anterior é o mesmo que tentar andar em linha reta num labirinto curvilíneo. Nesse sentido, a experiência de leitura se parece menos com o desfrutar de uma viagem de trem e mais com cair de avião numa floresta vietnamita. Somos deixados sem pistas, sem orientação, sem ordenação lógica que nos permita avançar despreocupadamente. Precisamos, em vez disso, inspecionar cada centímetro que avançamos para não pisar em falso, para não cair em armadilhas do nosso próprio pensamento. E é por isso que muito comumente ficamos acuados diante deste texto, que queremos esquecê-lo e retornar às leituras que nos são mais confortáveis.

Portanto, para desfrutar de todo o valor aqui contido, e superarmos esse estranhamento inicial, cabe-nos investigar e compreender o porquê

deste livro ser como é.

Uma das hipóteses mais bem aceitas é a de que Marco teria usado seus pergaminhos como uma maneira de continuar o exercício das suas virtudes após a morte de seu mentor. E dois fatores históricos reforçam essa hipótese.

Primeiro, a morte de *RÚSTICO* em 170. Júnio Rústico foi um ávido filósofo Estoico e um homem político de Roma. Foi aluno imediato de *TRÁSEA* Peto, e também pretor e cônsul por algumas vezes. Suas qualificações políticas e filosóficas faziam dele não apenas um bom mentor para Marco como também um bom amigo. Com a sua morte, Marco teria se visto sem ninguém com quem continuar o exercício de suas virtudes. Mesmo cercado por pessoas de sua confiança, o imperador agora estava isolado filosoficamente. Assim, supostamente, seria o falecimento de seu amigo e mentor que o teria motivado a escrever estes pensamentos.

Segundo, as inscrições “*Entre os Quadros, às margens do rio Granua*” e “*Escrito em Carnuto,*” nos livros I e II. Embora não haja datas em nenhum dos pergaminhos, é sabido por meio de outros relatos históricos que Marco Aurélio esteve nestas regiões que ele cita por volta de 172 e 173. Coincidência ou não, essa data vai de encontro com a partida de seu amigo. *Meditações*, então, seria escrita durante os últimos 10 anos de Marco Aurélio, enquanto ele combatia as ameaças marcomanas.

Em grego, seus pergaminhos eram titulados como “*Τὰ εἰς ἑαυτόν,*” o que, numa tradução literal, significaria “pensamentos para mim mesmo.” O título de “*Meditações*” foi atribuído por algum leitor ou editor futuro, e o nome se popularizou. Mas o que podemos aprender do título original é que este livro foi composto num exercício filosófico e reflexivo de Marco Aurélio. Seu texto se afasta da intenção de *construir um novo pensamento* e busca abrigo na tentativa de reforçar aqueles pensamentos e atitudes que ele já entendia como *bons e elevados*.

Naturalmente, tudo isso é apenas hipotético. Pode ser que nada disso seja verdade e que as razões de Marco Aurélio fossem completamente outras. Mas diante dos fatos que temos diante de nós, essa é a explicação mais plausível. Essa hipótese explicaria não apenas porque o livro parece “desorganizado,” como também justificaria a redundância, a repetição maçante de ideias e até certa contradição entre alguns capítulos.

Portanto, ao ler *Meditações* não devemos prosseguir como fazemos com livros “convencionais.” Mesmo quando capítulos forem curtos não

deveríamos saltar de um para o outro sem a devida reflexão. Em vez disso, repliquemos a prática adotada pelo autor: *meditemos* sobre um capítulo por vez. Prossigamos com parcimônia e cautela, tanto para não nos apressarmos quanto para não nos esquecermos de que não somos meros leitores aqui, mas igualmente protagonistas destes pensamentos. A proposta de *Meditações* não é ser lido e esquecido, mas consultado recorrentemente e vivido diariamente por meio das atitudes e posturas diante da vida.

Por fim, tenhamos em mente que os capítulos não nos levarão a lugar nenhum se nós próprios não tomarmos a iniciativa. O lugar para onde essa obra conduz não é nenhuma instância fora de nós, senão para o nosso âmago, para o cerne da vida que pulsa e corre em nossas veias. Esse livro é uma ponte para a cidadela da nossa mente, uma passarela gentil e obtusa que dá acesso à universalidade do ser humano; suas reflexões nos convidam a vasculhar nossas impressões, a reformar nosso espírito, a questionar suas posturas e a encontrar a fonte inesgotável de virtude que há em cada um de nós.

Sejamos justos com esse convite. Aceitemos a oportunidade que Marco Aurélio nos apresenta e vejamos quão longe, em nós mesmos, poderemos chegar.

¹ Essa é uma tradução livre feita por estes tradutores do texto de Farquharson 1944, p. xvii.

² Todos os nomes que estiverem em caixa alta e em itálico podem ser consultados no Índice de Pessoas.

Livro I

1

De meu avô Vero, [herdei] os bons costumes e o temperamento controlado.

2

De meu pai—por meio da sua reputação e das minhas memórias—, a modéstia e a virilidade.

3

De minha mãe, a piedade, a beneficência e a abstenção não apenas de atos como também de pensamentos maldosos. Ademais, a simplicidade do estilo de vida—distante de como vivem os abastados.

4

Ao meu bisavô, [devo o fato de] não ter frequentado escolas públicas, ter tido bons preceptores em casa e ter compreendido que o homem deve gastar generosamente com educação.

5

Com o meu tutor, [aprendi a] não ser partidário do time verde ou do azul nos jogos circenses, nem dos Parmulários ou dos Escutários nas lutas de gladiadores. Além disso, ser robusto no trabalho, desejar pouco, trabalhar com as minhas próprias mãos, não me intrometer em assuntos alheios e não dar ouvidos a caluniadores.

6

Com Diogneto, não me ocupar com trivialidades. Não crer no que milagreiros e charlatões falam sobre encantamentos e exorcismos de gênios ou entidades afins. Não criar codornas, nem me entregar apaixonadamente a atividades similares.

A ele, [devo] o respeito à liberdade de expressão e a familiaridade com a filosofia. Outrossim, [devo o fato de] ter sido um aluno de Bachius e depois de Tandaso e Marciano, ter escrito diálogos quando jovem e ter optado por uma cama de tábuas coberta com pele animal—e pelo resto pertencente à disciplina grega.

De Rústico, [recebi] a impressão de que o meu caráter requer aperfeiçoamento e observância. Não devo desviar-me para o fervor sofista, escrever dissertações sobre questões especulativas, proferir sermões moralizantes ou me gabar de ser disciplinado ou benigno. Devo abster-me da retórica, da poesia e do preciosismo linguístico. Não devo desfilar com vestimentas luxuosas pela casa ou ceder a outras vaidades. Devo redigir minhas cartas de maneira simples, como a que ele escreveu para a minha mãe quando esteve em Sinuessa.

Quanto àqueles que me insultam ou me fazem o mal, devo manter-me pacífico e disposto a reconciliar tão logo demonstrarem a mesma disposição. Devo ler atentamente, sem me satisfazer com um entendimento superficial de um livro. Quanto aos faladores, não devo assentir depressa. Por último, [estou em dívida com ele por] ter-me apresentado aos discursos de Epicteto quando me emprestou uma cópia que possuía na sua coleção.

8

De Apolônio, [adquiri] a autonomia e a firmeza indesviável. Adicionalmente, [seu exemplo me ensinou que] devo guiar-me pela razão e nada mais. Devo permanecer íntegro ao sentir uma dor aguda, ao perder um filho ou ao conviver com uma doença crônica. Um homem pode ser, concomitantemente, resoluto e flexível. É possível ser paciente ao instruir.

Considerava sua experiência e habilidade de explicar princípios filosóficos o menor de seus atributos. Com ele, [descobri como] aceitar favores benquistos de amigos sem me rebaixar ou ser ingrato.

9

De Sexto, [obtive] a feição benevolente. O exemplo de uma família governada de maneira paternal. A ideia de viver em consonância com a natureza. A seriedade sem afetação. O cuidado com os interesses dos amigos. A tolerância com os ignorantes e com quem forma opiniões irrefletidamente.

Acomodava-se na presença de qualquer homem, de modo que conversar com ele era mais agradável do que receber elogios. Ao mesmo tempo, os mais próximos o veneravam. Identificava e ordenava, inteligente e metodicamente, os princípios necessários para uma boa vida. Nunca manifestou raiva ou qualquer paixão. Parecia estar, simultaneamente, livre de paixões e cheio de afeição. Aplaudia, mas não era estrondoso. Era sábio, mas não ostentava seus conhecimentos.

10

Com Alexandre, o gramático, [compreendi que] devo evitar apontar falhas. Não devo repreender quem pronuncia barbarismos, solecismos ou expressões malsonantes. Nesse caso, devo ou introduzir habilmente a expressão corrigida ao responder e ao concordar, ou concentrar na investigação e não nas palavras usadas ou propor uma correção.

11

Com Fronto, [aprendi a] identificar a inveja, a malícia e a hipocrisia dos tiranos e a falta de afeto paternal daqueles entre nós que denominamos patrícios.

12

Com Alexandre, o Platonista, não dizer ou escrever em cartas, frequente ou desnecessariamente, que não disponho de tempo ocioso. Não alegar “ocupações urgentes” como justificativa para negligenciar deveres e obrigações sociais.

13

Com Catulo, não ser indiferente a críticas de companheiros—mesmo que sejam infundadas, devo buscar reconciliação. Falar bem dos professores, assim como é dito acerca de Domício e Antenódoto. Amar meus filhos genuinamente.

Com Severo, meu irmão, amar a família, a verdade e a justiça. Por meio dele, conheci Trásea, Helvidio, Catão, Díon e Bruto. Concebi a noção de um estado onde as leis se aplicam igualmente a todos, onde há igualdade de direitos e de liberdade de expressão e onde a independência dos governados é respeitada acima de tudo.

Dele, [recebi] a consistente e invariável consideração pela filosofia. O ânimo para fazer o bem, compartilhar com o próximo e acalentar as boas esperanças. A confiança que sou amado pelos meus amigos.

Não escondia opiniões sobre quem condenava. Seus conhecidos não precisavam conjecturar o que ele desejava ou não, pois sempre foi transparente.

De Máximo, [adquiri] o autogoverno e a índole estável. A alegria em todas as circunstâncias, inclusive quando doente. O misto de doçura e dignidade. O cumprimento das tarefas sem reclamação.

Todos acreditavam na equivalência entre suas palavras e seus pensamentos e na ausência de más intenções. Nunca demonstrou espanto ou surpresa, foi apressado, adiou um dever ou esteve perplexo ou abatido. Jamais riu para disfarçar seu aborrecimento nem, por outro lado, foi impetuoso ou desconfiado.

Era benfeitor, indulgente e sincero. Aparentava não poder ser desviado da linha reta, ao invés de ter sido alinhado. Ninguém se sentia inferior ou superior em relação a ele. Era dotado de um senso de humor cortês.

Em meu pai, [observei] a brandura. A solidez das decisões tomadas após a devida ponderação. A inexistência de vanglória baseada em condecorações mundanas. O apreço pelo trabalho e pela perseverança. A prontidão para ouvir quem tem algo a propor em prol do bem comum. O empenho para reconhecer cada pessoa pelo seu devido mérito. A experiência de quando agir com vigor e quando refrear. A superação da pederastia.

Não se considerava acima de qualquer cidadão. Eximiu seus amigos da obrigação de estarem ao seu lado em um jantar ou uma viagem. Seus companheiros sabiam que, a despeito de não o acompanharem, ele permaneceria o mesmo homem quando voltasse. Era meticuloso e persistente ao investigar cada questão. Não se satisfazia com as primeiras aparências. Conservava suas amizades sem se enfadar ou ser extravagante em sua afeição.

Mantinha-se satisfeito e radiante independentemente da conjuntura. Antecipava eventos futuros e se atentava aos menores detalhes sem se vangloriar por isso. Restringia aclamações públicas e bajulações. Vigia as questões necessárias para a administração do Império. Gerenciava as despesas com parcimônia e arcava com as críticas a tal conduta.

Não era supersticioso no tocante aos deuses. Não cortejava os homens com presentes, agrados ou lisonjas. Preservava-se diligente e firme, distante de pensamentos ou ações desprezíveis. Não nutria um apetite insaciável pela novidade. Usufruí de seu conforto material—proporcionado em abundância pela fortuna—sem ostentação ou desculpas. Quando as comodidades estavam a seu alcance, desfrutava sem apego. Quando não, não as desejava.

Ninguém poderia descrevê-lo como sofista, submisso ou pedante. Imunizou-se contra a adulação. Era reconhecido como um homem maduro e realizado, não seduzível pela lisonja e apto para governar si próprio e os outros. Em acréscimo a tudo isso, respeitava os verdadeiros filósofos—sem depreciar ou se deixar ser convencido pelos demais. Era solícito e afável, mas não dissimulado.

Cuidava do corpo com moderação, sem um apego exagerado à vida. Não valorizava sua aparência em demasia, mas também não negligenciava a

própria saúde. Raramente necessitava de assistência médica, de remédios ou de qualquer tratamento.

Reconhecia, livre de inveja, aqueles que possuem habilidades notáveis, como a eloquência ou o conhecimento sobre a lei ou a moral. Ajudava-os, para que cada um pudesse desfrutar de uma reputação proporcional ao seu mérito.

Agia em conformidade com as tradições, sem fazer disso um motivo para se engrandecer. Não gostava de mudanças e não era instável. Permanecia nos mesmos locais e desempenhava as mesmas atividades. Mesmo quando sofria de enxaquecas, retornava revigorado às suas ocupações usuais.

Seus poucos segredos eram de estado. Era comedido ao providenciar espetáculos públicos, novos edifícios e doações para a população. Preocupava-se com o que deveria ser desempenhado e não com a fama edificada a partir do desempenho.

Não se banhava em horários inapropriados. Não gostava de construir casas. Não se importava com a origem de sua comida, com o pano e a cor das suas roupas ou com a aparência dos seus escravos. Suas vestes vinham de sua vila litorânea em Lório e de Lanúvio.

Sabemos como ele se comportou quando o coletor de impostos em Túsculo pediu perdão. Comportava-se em todas as situações tal como naquela. Não era áspero, implacável ou violento. Nada o levava “até o ponto de suar”. Examinava tudo de forma isolada, clara, ordenada, vigorosa e consistente—como se tivesse tempo em abundância.

O que é dito acerca de Sócrates também pode-se dizer dele: era capaz de gozar e de se abster do que a maioria é fraca para recusar e imoderada ao usufruir. Era, paralelamente, forte e sóbrio, qualidades de um homem com uma alma aperfeiçoada e invencível—o que ele comprovou quando Máximo estava doente.

Quanto aos deuses, [estou em dívida por] ter tido, com quase nenhuma exceção, bons avós e pais, uma boa irmã e bons professores, associados, parentes e amigos. Nunca os ter ofendido precipitadamente, embora às vezes tivesse uma predisposição para tal. Nunca ter vivenciado tais ocasiões, as quais me testariam.

Não ter sido criado pela concubina do meu avô por um período maior. Ter preservado a inocência durante minha juventude. Não ter precisado testar minha masculinidade antes do momento adequado—pude adiar esse teste.

Ter sido submetido a um governante e um pai que soube retirar o meu orgulho. Que me apresentou a possibilidade de viver na corte sem muitos guardas, trajes suntuosos, tochas, estátuas e outras extravagâncias. Que me mostrou estar no poder de tal homem viver como uma pessoa comum, sem parecer desleixado ou negligenciar seus deveres como governante.

Ter tido um irmão como o meu, cujo caráter me incentivou a me vigiar, ao passo que me nutriu com respeito e afeto. Não ter tido filhos debilitados física ou mentalmente. Não ter progredido na oratória, na poesia e em outros estudos, pois me teriam ocupado mais.

Não ter demorado para honrar meus tutores de acordo com as suas expectativas—por serem jovens, eu poderia ter postergado as devidas honrarias. Ter conhecido Apolônio, Rústico e Máximo.

Ter sido lembrado, clara e frequentemente, de viver conforme a natureza e de qual é a qualidade dessa vida. Quanto ao que depende dos deuses—seus dons, assistências e inspirações—, nada me impediu de viver em concordância com a natureza. Quanto ao que depende de mim, ainda falho por não me atentar às admoestações divinas—suas instruções diretas.

Meu corpo ter resistido após tantos anos nesse estilo de vida. Nunca ter tocado em Benedita ou Teódoto—quando fui dominado pelas paixões amorosas, consegui me curar. Nunca ter tratado Rústico de um jeito que me arrependeria, embora nem sempre estivesse de bom humor com ele. Minha mãe ter passado os últimos anos de sua vida comigo, ainda que tenha falecido jovem. Nunca me ter faltado recursos quando precisava deles para ajudar os necessitados. Nunca ter necessitado amparo de terceiros.

Ter tido uma esposa como a minha, tão obediente, carinhosa e honesta. Ter providenciado bons mestres para meus filhos. Ter curado minhas tosses de sangue e minhas vertigens com remédios prescritos por meio dos sonhos. Não ter caído nas mãos de sofistas quando me interessei pela filosofia. Não ter desperdiçado tempo com escritores de histórias, resolução de silogismos ou investigações sobre aparições nos céus.

Por fim, [estou em dívida] pois tudo isso requer a ajuda dos deuses e da fortuna.

Entre os Quadros, às margens do rio Granua.

Livro II

1

Amanheça dizendo: “Hoje encontrarei um intrometido, um ingrato, um arrogante, um desonesto, um invejoso e um insociável.”

Eles se comportam dessa maneira por não saberem distinguir o bem do mal. Eu, em contrapartida, aprendi a enxergar a beleza do que é bom e certo e a feiura do que é mau e errado. Observei o parentesco entre mim e eles. Não compartilhamos do mesmo sangue ou semente, mas somos uniformemente dotados de inteligência e porções divinas.

Não posso ser ferido por um parente, sequer me zangar ou odiá-lo, pois ninguém é capaz de me embaraçar com o que é feio. Nascemos para cooperar, tal qual os dois pés, as duas mãos, as pálpebras superiores e inferiores e o maxilar e a mandíbula. Não cooperar é contrário à natureza, e me irritar ou me afastar deles não é um ato de cooperação.

2

O que quer que eu seja, não passo de carne, um pouco de sopro vital e uma faculdade hegemônica.

Coloque seus livros de lado e pare de se distrair. Isso não é admissível. Aja como se estivesse à beira da morte e despreze a carne—um conjunto de sangue e ossos e um emaranhado de nervos, veias e artérias. Reflita também sobre o que é o sopro vital: um fluxo inconstante de ar—ora exalado, ora inalado.

Quanto ao seu terceiro componente, considere isto: você é um homem velho. Não mais permita que a sua faculdade hegemônica seja escravizada ou guiada por impulsos antissociais como se fosse uma marionete. Pare de se descontentar com o presente e de se acovardar diante do futuro.

3

Tudo o que é divino está permeado de providência. O que deriva da fortuna está não dissociado da natureza, mas sim entrelaçado e envolvido em meio a tudo aquilo que é providencial. Tudo flui disso e é tanto necessário quanto benéfico para todo o cosmos, do qual você é parte.

O que é bom para a natureza do todo, e contribui para preservá-la, é bom para cada uma de suas partes. Assim o universo é conservado: tanto pelas mudanças dos elementos, quanto das coisas compostas por eles. Tome esses princípios como suficientes e os trate como convicções. Rejeite sua sede pelos livros, para que possa morrer sem resmungos e com alegria, sinceridade e seu coração grato aos deuses.

4

Lembre-se de há quanto tempo você adia tais incumbências e do quão frequentemente não aproveita as oportunidades dadas pelos deuses. É hora de reconhecer a qual cosmos você pertence e de qual regedor universal sua existência flui. O tempo atribuído a você é limitado. A menos que o use para dissipar o nevoeiro mental, sua mente sucumbirá e, junto dela, você—pela eternidade.

5

Como um homem e um romano, seja sempre resoluto em agir de forma digna, afetuosa, independente e justa e em se abster de quaisquer outros pensamentos. Você se aliviará caso tome cada ação como se fosse sua última, deixando de lado o descuido e a repulsa apaixonada aos comandos da razão, bem como a hipocrisia, o egocentrismo e o descontentamento com a porção que lhe foi dada. Perceba o quão pouco é preciso para viver uma vida tranquila e divina. Os deuses nada mais exigem daqueles que se atentam a tais princípios.

6

Tu te maltratas. Tu maltratas ti mesma, ó alma. Em breve não mais terás a oportunidade de te honrares, pois a vida de cada pessoa é apenas um breve instante. O teu tempo está quase acabando e, em vez de te respeitares, tu condicionas tua felicidade ao que se passa na alma alheia.

7

Coisas externas o distraem? Então dedique tempo para aprender algo bom e novo. Pare de ser passivamente arrastado em todas as direções. Por outro lado, tenha cuidado com o excesso, pois semelhantemente tolo é aquele que se esgota à custa de sua atividade. Aquele carece de um propósito para o qual direcionar seus impulsos e pensamentos.

8

Desconhecer o que se passa na alma alheia não torna um homem infeliz. A infelicidade está em não saber o que se passa na sua própria alma.

9

Isto você sempre deve ter em mente: qual é a natureza universal, qual é a minha, como ambas se relacionam e qual tipo de parte compõe qual espécie de universo. Ninguém pode impedi-lo de falar e agir conforme a natureza da qual participa.

10

Teofrasto revela-se um verdadeiro filósofo ao fazer uma comparação corriqueira entre maus atos. Ele diz que maus atos motivados por desejos são mais condenáveis do que aqueles incitados pela raiva, pois quem está enfurecido parece se afastar da razão com certa dor e contração inconsciente. Por outro lado, quem ofende movido pelo desejo e direcionado pelo prazer parece mais intemperante e menos viril em suas ofensas.

Teofrasto tem razão, e está filosoficamente correto, ao classificar maldades conduzidas pelo prazer como mais prejudiciais do que as comandadas pelo sofrimento. Uma pessoa é prejudicada e levada à ira pela dor. A outra é levada à maldade por uma agitação interna—arrastada pelo desejo.

11

Sua vida poderia acabar agora. Fundamente cada ato e pensamento nessa possibilidade.

Caso os deuses existam, abandonar os homens não é assustador, pois os deuses não o envolveriam no mal. Caso não existam, ou não se importem com assuntos humanos, qual seria o sentido de viver em um universo desprovido de divindades ou providência?

Contudo, os deuses existem, importam-se conosco e nos empoderaram com os meios necessários para não cairmos nos males reais. Caso restasse algum mal além desses, também nos teriam providenciado a capacidade de evitá-lo.

Caso algo não o torne uma pessoa pior, como poderia piorar sua vida? A natureza universal jamais negligenciaria a existência dessa possibilidade por ignorância ou por incapacidade de corrigi-la. Tampouco cometeria o erro de atribuir bens e males indistintamente a homens bons e maus. A morte e a vida, a honra e a desonra e a dor e a alegria são atribuídas igualmente a todos. Portanto, não nos melhoram ou pioram e não são boas ou más.

12

É função da nossa faculdade intelectual observar:

i. O quão subitamente tudo desaparece—os corpos no espaço e as memórias no tempo.

ii. Qual é a natureza das coisas sensíveis, particularmente daquelas que atraem com a isca do prazer, aterrorizam com a dor ou alardeiam com o orgulho.

iii. O quão inúteis, desprezíveis, sórdidas, perecíveis e mortas tais coisas são.

Ademais, observe as pessoas cujas opiniões e vozes constroem reputações. Contemple a morte e, mediante uma abstração, analise-a e isole as imaginações ao redor dela. Perceberá que morrer é natural, e somente crianças temem processos naturais. Aliás, é não só um processo da natureza, como também algo que a conduz ao seu propósito. Por último, considere como e com qual parte de si o homem se aproxima da divindade e quando essa parte está disposta para tal aproximação.

Ninguém é mais miserável do que aquele que anda em círculos e “vai até os confins da terra”, como diz o poeta. Enquanto conjectura sobre o conteúdo das mentes de seus vizinhos, esquece que basta atender ao próprio gênio interior e reverenciá-lo sinceramente. Essa reverência consiste em mantê-lo puro, distante das paixões, da irreflexão e da insatisfação com o que advém dos deuses e dos homens.

A obra dos deuses deve ser venerada por sua excelência e a dos homens, querida graças ao parentesco. Não obstante, essa, às vezes, merece pena devido ao desconhecimento dos homens acerca do bem e do mal—cegueira equivalente a não conseguir distinguir preto e branco.

14

Ainda que você viva por três mil anos, ou dez vezes esse tempo, nunca se esqueça: ninguém perde outra vida além da que vive, nem vive outra além da que perde. A vida mais longa e a mais curta terminam iguais. O presente é idêntico para todos, embora diferentes homens o percam. Um breve instante é tudo o que é perdido. Ninguém perde o passado ou o futuro. Como alguém poderia perder algo que não possui?

Mantenha em mente estes dois pontos:

i. Tudo o que é eterno é como uma forma e retorna em ciclos. É indiferente se um homem testemunha eventos repetidos ao longo de cem, duzentos anos ou por toda a eternidade.

ii. Quem vive muito é privado do mesmo que quem morre jovem. Se o presente é só o que temos, então é tudo o que podemos perder.

“Lembre-se de que tudo é opinião.”

Esse ditado de Mónimo, o Cínico, é manifesto. O seu uso também o é, caso o homem obtenha o que pode ser extraído dele—na medida em que é verdadeiro.

16

A alma do homem violenta-se quando:

i. Em primeiro lugar, comporta-se como um abscesso—por assim dizer, uma espécie de tumor no cosmos. Aborrecer-se com os acontecimentos significa isolar-se da natureza, onde está contida a natureza de tudo que existe.

ii. Avança contra ou se afasta de qualquer homem com a intenção de lesá-lo—como é o caso da alma daqueles tomados pela fúria.

iii. É dominada pelo prazer ou pela dor.

iv. Age ou fala de modo desonesto e falso.

v. Permite que seus atos ou impulsos não tenham um direcionamento claro e age sem pensamentos ou considerações prévias. Inclusive, até a menor das ações deve ter um fim. A finalidade dos animais racionais é obedecer à razão e à lei das cidades e dos governos mais antigos.

Na vida humana, o tempo é um ponto. A substância, um fluxo. A percepção, opaca. O corpo, putrescível. A alma, um turbilhão. A fortuna, incerta. A fama, duvidável. Em resumo: o que pertence ao corpo é uma correnteza; à alma, um sonho e uma névoa; à vida, uma guerra e uma estadia temporária em terra estrangeira; à fama póstuma, o esquecimento.

O que, então, pode conduzir o homem? Somente a filosofia. Essa consiste em:

i. Manter nosso gênio interior inviolado e ileso, acima da dor e do prazer e livre do despropósito, da falsidade, da hipocrisia e da dependência da ação ou inação de outrem.

ii. Aceitar as ocorrências e a porção que nos foi alocada—proveniente de onde nós mesmos viemos, onde quer que seja.

iii. Aguardar, com uma mente alegre, a morte—uma dissolução dos elementos dos quais todo ser vivo é composto.

Caso os elementos não sejam danificados ao continuamente se transformarem em outros, por que ficar apreensivo diante da dissolução deles? Essa transformação está de acordo com a natureza. E nada que é natural pode ser ruim.

Escrito em Carnunto.

Livro III

1

Não devemos considerar apenas que nossa vida está se esvaindo e que a cada dia nos resta menos dela. Precisamos ponderar também que, mesmo se vivermos mais, é incerto se nossa mente continuará capaz de entender e de contemplar—capacidades que nos permitem assimilar conhecimento acerca de questões divinas e humanas.

Quando começamos a enfraquecer, permanecemos capazes de respirar, de digerir, de imaginar, de sentir impulsos e assim por diante. Por outro lado, é extinto o nosso poder de recorrer a nós mesmos, de medir o que é nosso dever, de investigar as aparências, de considerar se é o momento de se afastar da vida e de realizar quaisquer outros atos dependentes de uma razão disciplinada.

Então, precisamos nos apressar. Não só porque nos aproximamos da morte a cada dia, mas também porque nossa capacidade de entendimento cessará primeiro.

2

Temos de observar que mesmo os frutos das coisas que são concebidas conforme a natureza são agradáveis e atraentes. Por exemplo, quando o pão é assado, fendas são abertas na sua superfície. Por um lado, as rachaduras são antagônicas ao objetivo da arte do padeiro. Por outro, são belas de uma forma peculiar e estimulam o apetite.

Os figos abrem quando maduros. As azeitonas adquirem uma beleza ímpar quando estão perto de apodrecer. As espigas de milho curvadas para baixo, as sobranceiras franzidas de um leão e a espuma que escorre da boca de um javali estão longe de serem consideradas belas frente a uma análise minuciosa. Entretanto, agradam à mente por resultarem de um processo da natureza e por contribuírem para adorná-la.

Ao nutrir sua sensibilidade e uma percepção aprofundada acerca do universo, dificilmente um dos frutos das coisas nele produzidas não parecerá aprazível. Então, contemplará as mandíbulas escancaradas de bestas selvagens com não menos apreço do que as imitações modeladas por pintores e escultores. Estará apto a enxergar certa maturidade e formosura em idosas e idosos. Será capaz de observar, com olhos castos, a amabilidade atraente dos jovens.

Inúmeros frutos se apresentarão. Contudo, agradarão não a qualquer homem, mas sim àquele verdadeiramente familiarizado com a natureza e suas obras.

3

Hipócrates, após ter curado incontáveis doenças, ficou doente e morreu. Os Caldeus profetizaram a morte de muitos, mas, eventualmente, o destino também os alcançou. Alexandre, Pompeu e Caio César arruinaram cidades inteiras e dizimaram dezenas de milhares de soldados de cavalaria e infantaria. Não obstante, também partiram. Heráclito, depois de tantas especulações relativas à conflagração cíclica do cosmos, teve seu corpo inundado por água e morreu coberto de lama. Demócrito foi morto por uma espécie de verme e Sócrates por outra.

Qual é o significado de tudo isso? Você embarcou, navegou e chegou à costa. Agora, desembarque! Caso se depare com outra vida, não estará desprovido de deuses. Caso não haja nada além de uma condição insensível, abandonará as dores e os prazeres. Ademais, deixará de ser escravo do vaso corpóreo—inferior em relação à inteligência e à divindade que o serve, pois é terra e corrupção.

4

Não desperdice o restante de sua vida com especulações sobre os outros, caso não estejam orientadas para uma utilidade comum. Ao especular sobre o que determinada pessoa faz, diz, pensa e planeja ou quais são suas motivações, você distancia sua atenção da sua própria faculdade hegemônica. Deve, então, identificar seus pensamentos despropositados e inúteis, em especial os excessivamente intrometidos e os perversos. Deve pensar unicamente de modo que, quando questionado “sobre o que está pensando agora”, possa responder abertamente: “Penso nisso ou naquilo.” Desse modo, sua resposta evidenciará sua modéstia e benevolência, próprias de um animal social. Demonstrará não se importar com o prazer ou a sensualidade. Demarcará a distância entre a sua mente e a rivalidade, a inveja, a desconfiança ou qualquer pensamento pelo qual se envergonharia caso precisasse revelá-lo em público.

Um homem de tal estirpe, que não poupa esforços para ser o melhor possível, é como um sacerdote ou um ministro dos deuses. Obedece à deidade que o habita e o impede de ser profanado por prazeres, lesado por dores, tocado por insultos e conivente com perversidades. É um lutador na luta mais nobre—um que não pode ser dominado pelas paixões. Está tingido indelevelmente pela justiça. Acolhe, com toda sua alma, tudo o que acontece e lhe é designado como sua porção. Jamais, exceto por necessidade ou em prol do interesse geral, especula a respeito do que o outro está dizendo, fazendo ou pensando.

Esse homem se dedica exclusivamente ao que lhe concerne. Sempre reconhece que o lote atribuído a ele compõe um todo. Age de forma justa e se contenta com sua porção—pois a carregamos enquanto somos carregados por ela. Recorda-se de seu parentesco com animais racionais e que é da natureza do homem cuidar de seus parentes. Sustenta não a opinião de todos, mas sim a de quem vive confessadamente em harmonia com a natureza. Quanto àqueles que não vivem de tal maneira, mantém em mente o tipo de homem que são—dentro ou fora de casa e durante o dia ou à noite—e na companhia de quem experimentam uma vida impura. Portanto, não valoriza elogios provenientes desses homens, visto que não estão sequer satisfeitos consigo mesmos.

5

Cumpra sua tarefa sem relutância, egoísmo, imprudência ou desleixo. Impeça que enfeites adornem seus pensamentos. Não seja um homem de muitas palavras e não se ocupe em demasia. Permita que a divindade dentro de você seja a guardiã de um ser vivo viril, maduro e engajado em assuntos políticos. Um romano e um governante que assumiu o posto onde aguarda o sinal para deixar a vida—com prontidão e sem exigir juramentos ou testemunhos. Esteja bem-disposto e não busque ajuda ou serenidade fornecida por terceiros. Um homem deve se erguer, e não ser erguido.

6

Caso encontre na vida humana algo melhor do que a justiça, a verdade, a temperança e a fortaleza—e do que uma mente satisfeita com aquilo que a possibilita agir racionalmente dentro das condições impostas—, abrace-o com toda sua alma e o aproveite ao máximo.

Caso não se depare com nada supremo em relação à deidade plantada em você—aquela que submete os impulsos a si própria, que examina cuidadosamente as impressões, que se subordina aos deuses, que se preocupa com a humanidade e que, como Sócrates costumava dizer, está livre da persuasão dos sentidos—, não dê lugar a mais nada, pois, se o fizer, perderá a competência de priorizar os bens em sua posse.

É errado rivalizar o aplauso, o poder, o prazer ou similares com aquilo que é racional e politicamente bom. Esses, de repente, elevam-se e nos arrastam—ainda que, em um pequeno grau, possam parecer compatíveis com o que é supremo.

Escolha aquilo que é superior e nada mais.

“Mas o que é útil é superior.”

Caso algo lhe tenha utilidade enquanto ser racional, mantenha-o. Caso lhe seja útil somente enquanto animal, esteja ciente e reconheça sem arrogância. De qualquer jeito, tenha cautela e investigue-o por meio de um método confiável.

Nunca avalie como proveitoso algo que o obriga a quebrar uma promessa, a abdicar de sua dignidade, a odiar o outro, a suspeitar, a praguejar, a agir com hipocrisia ou a cobiçar o que necessita de paredes e cortinas.

Aquele que, acima de tudo, privilegia sua própria inteligência e seu gênio interior—e que cultua a superioridade desse—não atua em nenhuma tragédia, não geme, não demanda solidão ou companhia numerosa e, sobretudo, não vive perseguindo ou fugindo da morte. Ele não se importa se sua alma permanecerá anexa ao corpo por muito ou pouco tempo. Ainda que precise partir de imediato, irá prontamente—como se fosse desempenhar qualquer função que possa ser executada com decência e ordem. Durante toda a vida, empenha-se apenas para que seus pensamentos não se distanciem do que pertence a um animal inteligente—membro de uma comunidade civil.

8

Na mente de alguém que foi castigado e purificado, não é possível encontrar impurezas, vestígios de corrupção ou feridas na pele. Sua vida não fica incompleta quando o destino o alcança—algo que poderiam afirmar sobre um ator que deixa o palco antes de encerrar a peça. Ademais, nele não há nada de caráter servil ou afetado, nada muito apegado ou desprendido, nada digno de culpa e nada que busque esconderijo.

9

Reverencie a faculdade que produz opiniões. A existência de qualquer opinião inconsistente com a natureza e com a constituição do animal racional depende inteiramente dela. Além disso, ela promete liberdade de julgamentos precipitados, amizade com os homens e obediência aos deuses.

10

Jogue fora todas as coisas e se apegue unicamente àquelas que são poucas. Outrossim, lembre-se que todo homem vive apenas o tempo presente—um ponto indivisível. O restante de sua vida é passado ou é incerto. Breve é o tempo durante o qual cada homem vive, e pequeno é o recanto da terra onde mora. Efêmera é a mais duradoura fama póstuma, conservada somente por uma sucessão de pobres seres que logo falecerão e que não se conhecem—tampouco têm conhecimento daqueles que morreram há muito tempo.

Aos conselhos propostos, acrescente este: defina ou descreva o objeto que lhe é apresentado de modo a despi-lo de tudo, salvo sua substância, e a deixá-lo nu e íntegro. Nomeie-o adequadamente e informe-se os nomes de seus elementos—para os quais ele eventualmente retornará.

Nada é tão produtivo para elevar a mente quanto ser capaz de examinar, metódica e verdadeiramente, os objetos que se manifestam diante de você. Contemple-os visando assimilar a qual universo pertencem, quais papéis cumprem e qual valor possuem em relação ao todo e ao homem—habitante da cidade mais alta, onde as outras cidades se equiparam a famílias. Indague o que é cada objeto que o impressiona, do que é composto, quanto tempo perdura naturalmente e de qual virtude precisa para interagir com ele—seja da gentileza, da masculinidade, da verdade, da fidelidade, da simplicidade, da autarcia ou das demais.

Por conseguinte, sempre deve dizer: “Isto provém de deus.” Também: “Isto harmoniza com a repartição e a tecedura do fio do destino, bem como com tal coincidência e acaso.” Por fim: “Isto procede de um parente e companheiro que partilha da mesma linhagem, porém desconhece aquilo que concorda com a sua natureza. Em contrapartida, eu conheço. Por esse motivo, comporte-me com ele conforme a lei natural da comunidade—com benevolência e justiça. Concomitantemente, procuro averiguar o valor de cada uma das coisas indiferentes.”

12

Viverá feliz caso trabalhe naquilo que está à sua frente e siga a razão correta com seriedade, vigor e calma. Caso não seja distraído por nada e acondicione a pureza da sua parte divina, como se precisasse devolvê-la imediatamente. Caso se agarre ao que está adiante sem medo ou expectativas e se satisfaça com a atividade presente, consoante à natureza. Caso profira uma verdade heroica por intermédio de cada palavra e cada som. E não há nenhum homem capaz de impedi-lo.

Tal como médicos mantêm seus bisturis afiados e seus instrumentos prontos para emergências, você deve manter suas convicções à disposição. Isto posto, poderá compreender o que é divino e o que é humano e se recordar do vínculo que os une. Não desempenhará bem o que depende dos homens caso não tenha os deuses como referência, e vice-versa.

14

Não extravie. Você não lerá suas próprias memórias, os atos dos antigos gregos e romanos ou os livros que reservou para a velhice. Adiante-se para o desfecho que se aproxima. Jogue fora suas esperanças vãs. Caso valorize seu bem-estar, socorra-se enquanto pode.

15

Eles não percebem quantas coisas são significadas pelos termos “roubar,” “semear,” “comprar,” “ficar quieto” e “identificar deveres.” Isso não é visível pelos olhos, mas sim por outra espécie de visão.

Corpo, alma e inteligência. Ao corpo, pertencem as sensações. À alma, os impulsos. À inteligência, as convicções. Até mesmo os animais recebem impressões a partir das aparências das formas. Até as feras selvagens, os catamitas, Fálaris e Nero são impulsionados pelas cordas do desejo. Até os hereges, os traidores da pátria e os praticantes de atos impuros a portas fechadas possuem a inteligência que direciona ao que parece adequado.

Se essas qualidades são comuns aos mencionados, restam as exclusivas do homem bom:

i. A aptidão para se satisfazer com os acontecimentos e se contentar com fio tecido para ele.

ii. A preservação da tranquilidade e a obediência à divindade guardada em seu peito—sem contaminá-la ou perturbá-la com uma multidão de imagens.

iii. A inclinação para não dizer o oposto da verdade e não agir contrário à justiça.

O homem bom não se zanga com os que se recusam a acreditar que ele vive contente e de maneira simples e modesta. Não se desvia do caminho que leva ao fim da vida, onde se deve chegar puro, tranquilo e pronto para partir—sem qualquer compulsão desconciliada da sorte.

Livro IV

1

Quando em concordância com a natureza, aquilo que rege o interior é afetado pelos eventos de tal modo que se adapta às possibilidades apresentadas. Adicionalmente, não carece de materiais específicos e se move em direção a seu propósito sob certas condições. Por último, converte o que é desfavorável em material para si, tal qual o fogo, que se apodera do que nele cai. Quando o fogo é pequeno, pouco é preciso para apagá-lo. Quando se torna uma labareda, a chama se apropria e absorve a matéria arremessada contra si e, a partir dela, ascende.

2

Não admita nenhum ato despropositado ou não fundamentado nos perfeitos teoremas da arte.

3

É característico dos homens buscar refúgio em casas de campo, nas praias e nas montanhas. Você também cogita essa possibilidade quando se esquece que sempre pode se refugiar dentro de você mesmo. Não há lugar mais pacífico e livre de problemas do que sua própria alma—particularmente quando não acolhe pensamentos atijadores.

A tranquilidade não é nada além de um bom ordenamento da mente. Sendo assim, retire-se e se renove com regularidade. Contudo, seja breve. Atenha-se aos princípios fundamentais, pois são suficientes para purificar sua alma por completo. Liberte-se de todo descontentamento em relação à vida para a qual retornará.

Com o que está descontente? Com a maldade dos homens? Recorde-se: os animais racionais existem uns para os outros. Perseverar é parte da justiça. Homens erram involuntariamente. Calcule quantos, após animosidades, suspeitas, ódio e contendas, acabaram igualmente reduzidos a cinzas. Por fim, fique quieto.

Talvez esteja insatisfeito com aquilo que lhe é designado. Nesse caso, pondere: há providência ou somente átomos. Ou, como lhe foi demonstrado por argumentos, o mundo é uma espécie de comunidade política.

Talvez se encontre aprisionado ao que é corpóreo. Nessa situação, considere: a mente não continua presa ao sopro vital e aos seus movimentos—sejam suaves ou violentos—uma vez que se separa e descobre sua própria competência. Pense também em tudo que escutou e assentiu sobre a dor e o prazer.

Talvez o desejo pela fama o esteja atormentando. Em tal caso, veja como logo tudo é esquecido. Olhe para o caos da infinitude do passado e do futuro. Ouça o eco dos aplausos. Note a mutabilidade e a falta de julgamento daqueles que fingem louvar. Aviste a estreiteza do espaço pelo qual tudo é circunscrito. A terra é um ponto. Contemple o pequeno recanto dela onde você habita e quão poucas pessoas nele residem. Examine o tipo de pessoa pela qual será louvado.

Por último: refugie-se no seu pequeno território sem se distrair ou se tensionar. Mantenha-se liberto e aprecie seus arredores como um homem,

um ser humano, um cidadão e um mortal. Guarde em mãos dois preceitos, aos quais deve recorrer:

i. As coisas não tocam a alma, pois são externas e permanecem imóveis. Nossas perturbações decorrem apenas da opinião interna.

ii. As coisas observáveis mudam sucessivamente e em breve deixarão de existir. Tenha em mente quantas dessas mudanças você já testemunhou. “O universo é transformação. A vida, opinião.”

4

Se as nossas faculdades intelectuais são comuns, a razão que nos torna racionais também o é. Se assim for, partilhamos da razão que nos comanda e que designa o que fazer e o que não fazer. Se assim for, existe uma lei comum. Se assim for, somos concidadãos. Se assim for, participamos de alguma comunidade política. Se assim for, o mundo é, de certo modo, um estado.

De qual outra comunidade política alguém poderia dizer que toda a raça humana faz parte? O intelecto, a racionalidade e a lei advém desse estado do qual somos membros. De onde mais poderiam advir?

Minha porção terrestre me foi provida a partir de determinada terra. A parte aquosa provém de outro elemento. A porção calorosa e ardente se origina de outra fonte peculiar. Nada surge do nada. A existência não deixa de existir. Logo, a faculdade intelectual procede de alguma fonte.

5

A morte, tal como o nascimento, é um mistério da natureza. É a composição a partir dos elementos e a decomposição nos mesmos. Não é vergonhosa para o homem, pois não é contrária à natureza de um animal racional ou à sua razão constituinte.

6

É natural e necessário que tais coisas sejam feitas por tais pessoas. Querer diferente equivale a não admitir que a figueira secrete suco. De todo jeito, recorde-se: em pouco tempo, tanto você quanto eles estarão mortos e até mesmo seus nomes serão deixados para trás.

7

Remova sua opinião e não mais se queixará de ter sido prejudicado. Retire suas queixas, e o prejuízo será removido.

8

O que não corrompe o seu caráter não desvirtua a sua vida, tampouco o danifica por fora ou por dentro.

9

A natureza daquilo que é útil foi compelida a fazer isso.

10

Observe com atenção e perceberá: tudo acontece justamente. Digo em relação não somente ao encadeamento dos eventos, mas também à justiça. É como se os acontecimentos fossem obra de quem atribui valor a cada coisa. Continue atento. Aja em harmonia com a bondade—com o que é particular de um homem bom. Atenha-se a isso quando agir.

11

Não detenha opiniões análogas às que o malfeitor possui ou deseja que você possua. Veja como as coisas verdadeiramente são.

12

A todo instante, deve ter, de prontidão, estas duas regras:

i. Faça unicamente o que a razão da faculdade governante e legislativa orienta para o uso dos homens.

ii. Mude de opinião quando alguém o endireitar e o afastar de qualquer convicção. Essa mudança deve proceder apenas da persuasão fundamentada na justiça, no bem comum e assim por diante. O convencimento não deve se basear no que é aprazível ou no que traz fama.

13

Você é dotado de razão?

“Sim.”

Por que, então, não a usa? Se ela cumpre sua função, o que mais você deseja?

14

Você existe como componente. Desaparecerá naquilo que o produziu. Ou melhor, transmutará e regressará à sua razão seminal.

15

Há muitos grãos de olíbano no mesmo altar. Um desmorona antes, outro depois. No entanto, não há diferença.

16

Agora, você é visto como uma besta ou um macaco. Em dez dias, será considerado um deus—caso retorne às suas convicções e cultue a razão.

17

Não aja como se fosse viver dez mil anos. A morte paira acima de você.
Enquanto estiver vivo e capaz, seja bom.

18

Evita transtornos quem vigia não as palavras, ações e pensamentos do vizinho, mas sim seus próprios atos—para garantir que sejam justos e puros. Quem, como Agatão diz, não encara a moral depravada dos demais à sua volta e corre em linha reta, sem se desviar.

19

Quem deseja fervorosamente a fama póstuma desconsidera que aqueles que se lembram dele também falecerão em breve. Posteriormente, seus sucessores. Até que toda a lembrança—após ter sido transmitida por quem admira e perece de maneira tola—seja extinta.

Suponha que tanto aqueles quanto as lembranças sejam imortais. O que isso significa para você? Questiono o significado não para os mortos, mas para os vivos. O que é o louvor quando não carrega determinada utilidade? Você rejeita impropriamente o dom da natureza e se agarra a outra coisa...

Tudo que é belo é autossuficiente e termina em si próprio. O elogio não pertence, e não soma ou subtrai, à beleza. Afirmo o mesmo acerca do que é considerado bonito pelo povo, como objetos materiais e obras de arte.

O que é realmente belo—tal qual a lei, a verdade, a benevolência e a modéstia—não carece de mais nada. Algo se embeleza ao ser enaltecido ou se degrada ao ser desprezado? Uma esmeralda se deteriora caso não seja louvada? E quanto ao ouro, à púrpura, ao marfim, à lira, ao punhal, à flor ou ao arbusto?

“Se as almas continuam existindo, como o ar conseguiu suspendê-las desde a eternidade? Como a terra consegue englobar corpos sepultados em um passado longínquo?”

Depois de determinada sucessão de eventos—quaisquer que sejam—, a mutação desses corpos os decompõem e abre espaço para outros cadáveres. De maneira semelhante, as almas, que perduram enquanto se deslocam pelos ares, transmutam-se e se dissipam. Em seguida, assumem uma natureza ígnea ao retornarem à razão seminal do universo. Deste modo, abrem espaço para novas almas habitarem o ar.

Essa é uma resposta possível, partindo da hipótese de que as almas subsistem. Contudo, devemos considerar não só a quantidade de corpos soterrados, como também o número de bestas das quais nós e outros animais nos alimentamos diariamente. Essas são numerosas e estão, de certa maneira, enterradas nos corpos daqueles que delas se alimentam! Não obstante, por serem convertidas em sangue e transformadas em ar ou fogo, a terra consegue incorporá-las.

Como investigar a verdade nesse assunto? Por meio da análise do que é material e do que é causal.

22

Não se permita rodopiar. A cada impulso, respeite a justiça. A cada impressão, assegure a faculdade da compreensão.

Harmoniza comigo tudo o que harmoniza contigo, ó universo. Nada do que está no devido tempo para ti está cedo ou tarde para mim. Tudo que tua estação traz é, para mim, um fruto, ó natureza. De ti tudo parte, em ti tudo reside e para ti tudo retorna.

O poeta diz “querida cidade de Cécrope” e você não dirá “querida cidade de Zeus”?

“Ocupe-se com pouco se busca a tranquilidade,” diz o filósofo. Em contrapartida, avalie se não seria melhor dizer: “Faça o que é preciso, independentemente do que seja e de como for requerido pela razão do animal gregário.” Afinal, isso traz a tranquilidade advinda não só de atuar bem, mas também de se ocupar com pouco.

A maior parte do que falamos e fazemos é desnecessário. Caso se livre disso, terá mais ócio e menos inquietação. Por conseguinte, em toda ocasião deve perguntar-se: “Isto é necessário?” Em seguida, elimine não somente ações como também pensamentos desnecessários. Desse modo, atos supérfluos não os sucederão.

25

Experimente viver como um homem bom—satisfeito com sua porção do todo, suas próprias ações justas e sua disposição benevolente—e veja como essa vida se adéqua a você.

26

Você já viu aquelas? Então observe também estas.

Não se perturbe. Simplifique-se. Alguém comete um erro? Acomete contra si mesmo! Aconteceu algo com você? Ótimo. Desde o início, o universo repartiu e fiou os episódios para você. Em suma, a sua vida é curta. Você deve aproveitar o presente com a ajuda da razão e da justiça. Esteja sóbrio em seu relaxamento.

27

O universo, seja ordenado, seja caótico, é um universo. É possível subsistir, em você, certa ordem e, no todo, desordem? Sendo que tudo é tão distinto, difuso e simpático?

28

Um caráter sombrio, afeminado, teimoso, bestial, infantil, animalesco, estúpido, falsificado, obsceno, fraudulento e tirânico.

Se é estrangeiro no cosmos quem desconhece o que nele há, não menos estranho é quem não sabe o que nele ocorre. É fugitivo quem foge da razão social. É cego quem fecha os olhos da compreensão. É pobre quem carece de outro e não possui tudo que é útil para a vida. É um abscesso no cosmos quem se afasta e se desconecta da razão da nossa natureza comum por se descontentar com o desenrolar dos fatos, pois a mesma ordenou você e os desenrolou. Amputa-se do estado quem secciona sua própria alma daquela dos animais racionais, as quais são uma.

30

Um filósofo sem túnica e outro sem livro. O terceiro, seminu, diz: “Não tenho alimento, mas me sustento recorrendo à razão.” Não obtenho os meios de subsistência mediante meus estudos, mas permaneço racional.

31

Ame a arte, por mais pobre que seja, e contente-se com ela. Viva o restante da sua vida como alguém que confiou aos deuses toda a sua alma e tudo que possui. Não se torne tirano ou escravo de ninguém.

Considere, por exemplo, os tempos de Vespasiano. Verá pessoas se casando, criando filhos, adoecendo, morrendo, guerreando, festejando, negociando, lavrando o solo, bajulando, ostentando, suspeitando, conspirando, desejando a morte de outros, resmungando sobre o presente, amando, entesourando e cobiçando o consulado ou a realeza. Pois então, a vida dessas pessoas não existe mais.

Examine a época de Trajano. Encontrará pessoas em conjunturas similares. Outrossim, suas vidas findaram. Da mesma maneira, contemple os povos de outras épocas e nações. Constate quantos, depois de um notável empenho, decaíram e foram decompostos em seus elementos.

Sobretudo, reflita sobre seus conhecidos que se distraem com inutilidades e que negligenciam, não se apegam firmemente a e não se contentam com o que concorda com suas adequadas constituições. É preciso lembrar que o cuidado tem seu devido valor e proporção. Não se insatisfazerá caso não cuide desproporcionalmente de assuntos menores.

Palavras, outrora familiares, hoje são antiquadas. Nomes, antes célebres, agora soam arcaicos: Camilo, Cesão e Voleso... Cipião e Catão... Augusto... Adriano e Antonino. Tudo logo desvanece, é transformado em um mero conto e é soterrado pelo esquecimento. Falo isso a respeito daqueles que brilharam prodigiosamente. Os demais expiraram em seus últimos respiros, e ninguém mais fala deles.

Enfim, o que é a lembrança eterna? Nada. Em que, então, devemos nos empenhar? Apenas nos pensamentos justos, nos atos sociais, nas palavras verdadeiras e na disposição que aceita alegremente tudo que acontece como necessário e usual e como algo que flui a partir de um princípio e uma fonte da mesma qualidade.

34

Entregue-se à Cloto de bom grado e a permita tecer o fio da sua vida da forma como agradá-la.

35

Tudo é efêmero—tanto o que se lembra quanto o que é lembrado.

36

Note, reiteradamente, como tudo ocorre por transmutação. Acostume-se a conceituar que a natureza universal não ama nada tanto quanto transformar as coisas existentes e conceber novas congêneres.

Tudo que existe é, de certa forma, a semente do que existirá. Está se limitando a pensar nas sementes introduzidas na terra ou no útero, todavia essa é uma noção deveras vulgar.

37

Está à beira da morte. Entretanto, ainda não é simples, imperturbável e gentil com todos, desconfia que coisas externas são capazes de o ferir e não julga sábias somente as ações justas.

38

Investigue as faculdades hegemônicas dos homens e, inclusive, dos sábios.
Examine do que se esquivam e o que perseguem.

O que é mau para você não subsiste na faculdade hegemônica do próximo ou em qualquer mudança e mutação em sua superfície corporal. Onde o mal perdura, então? Naquela parte onde está o poder de opinar acerca dos males. Impeça-o de formar tais opiniões, e tudo ficará bem.

Mesmo caso seu pobre corpo—aquilo que está mais perto de você—seja cortado, queimado ou preenchido com matéria e podridão, cale o poder que opina a respeito. Impossibilite-o de julgar como males ou bens aquilo que pode acontecer identicamente ao homem mau e ao bom. O que ocorre de modo idêntico a quem vive em desacordo e a quem vive de acordo com a natureza não é desarmônico nem harmônico com o que é natural.

40

Regularmente, pense no cosmos como um único ser vivo, detentor de uma substância e de uma alma. Perceba como tudo referencia uma única percepção: a desse ser. Testemunhe como tudo se move segundo um impulso singular e como todas as coisas, de forma cooperativa, causam tudo que existe. Contemple a contínua tecelagem do fio e o entrelaçamento do tecido.

41

Como Epicteto costumava dizer:

“Você é uma pequena alma carregando um cadáver.”

42

Mudar não é mau, assim como perdurar depois da mudança não é bom.

43

O tempo é como um rio e uma correnteza violenta composta pelos acontecimentos. Logo que uma coisa é avistada, é escorrida. Outra aflui ao seu lugar e, por sua vez, também escoá.

44

As eventualidades são tão familiares quanto a rosa na primavera e a fruta no verão. Igualmente conhecidas são a doença, a morte, a calúnia, a traição e outras que deleitam ou aborrecem os tolos.

45

Na sucessão dos fatos, os que sucedem estão sempre apropriadamente ajustados aos que precederam. Trata-se não de uma mera enumeração de eventos desconexos, cuja sequência é necessária, mas sim de uma conexão racional. Tal como tudo que existe é harmonioso, tudo que existirá exhibe não um mero encadeamento, mas sim um certa relação admirável.

Lembre-se sempre do ditado de Heráclito:

“A terra, quando morre, torna-se água. A água, ar. O ar, fogo. O fogo, terra.”

Refleta também acerca “daquele que se esquece aonde o caminho leva” e “dos homens que brigam com aquela com a qual estão em comunhão”—a razão que governa o universo. Pondere sobre “as coisas que aparentam estranheza, com as quais se deparam diariamente.”

Considere que “não devemos agir e falar como se estivéssemos dormindo, pois, pelo visto, mesmo no sono agimos e falamos”. Ademais, “não devemos, feito crianças que imitam seus genitores, simplesmente nos comportar e nos expressar conforme nos foi ensinado.”

Se algum deus lhe dissesse que morreria amanhã ou, com certeza, no dia posterior, não se importaria se morresse amanhã ou depois. Caso se importasse, demonstraria o mais alto grau de mesquinhez, pois a diferença é ínfima. Por conseguinte, não julgue maior a diferença entre sucumbir amanhã ou depois de anos—tantos quanto puder contar.

Pondere quantos médicos morreram após franzirem as sobrancelhas repetidas vezes enquanto examinavam os enfermos. Quantos astrólogos, após pressagiarem de modo pretensioso o falecimento de outrem. Quantos filósofos, após discursarem de maneira interminável sobre a morte ou a imortalidade. Quantos heróis, após matarem milhares. Quantos tiranos, após se apoderarem com terrível insolência da vida dos subjugados—como se fossem imortais. Quantas cidades estão inteiramente mortas—como Helice, Pompeia, Herculano e inúmeras outras. Some ao cálculo todos os seus conhecidos. Em pouco tempo, um homem, após enterrar outro, morre, e outro o enterra.

Para concluir, constate sempre a efemeridade e a trivialidade do que é humano. O que ontem era um pouco de muco, amanhã será uma múmia ou cinzas. Então, viva durante este pequeno período em conformidade com a natureza. Satisfaça-se ao terminar a sua jornada como uma azeitona que cai ao amadurecer, que louva a natureza que a produziu e que agradece à oliveira onde cresceu.

Seja como o promontório que permanece firme quando as ondas quebram nele e que doma a fúria da água ao seu redor.

Estou infeliz porque isto aconteceu comigo? Não. Estou feliz apesar disto, pois continuo sem sentir dor, sem ser esmagado pelo presente e sem temer o futuro. Algo como isto poderia ter acontecido com qualquer homem, todavia nem todos permaneceriam livres da dor. Por que, então, isto é admitido como infortúnio e não como dádiva?

Você considera um obstáculo isso que não o desvia de sua natureza? Ademais, considera um desvio isso que não é contrário à vontade da natureza do homem? Bem, você conhece a vontade natural. Nesse caso, isso o impedirá de se manter justo, magnânimo, temperante, prudente e protegido contra falsidades e opiniões inconsideradas? De cultivar a modéstia e a liberdade e de reunir todas as qualidades a partir das quais a natureza do homem obtém tudo que lhe pertence?

Quando se aborrecer, lembre-se de aplicar esta convicção: “Isto não é um infortúnio e, caso eu suporte nobremente, será uma dádiva.”

Um auxílio vulgar, porém eficaz contra o desprezo pela morte: lembrar aqueles que se agarraram à vida com afinco. O que ganharam em relação aos que partiram cedo? Eles—Cediciano, Fábio, Juliano, Lépido e diversos outros—jazem em seus túmulos em algum lugar. Enterraram inúmeros, até que eles próprios foram enterrados.

O intervalo entre o nascimento e a morte é pequeno. Pondere com quantos problemas, na companhia de qual tipo de pessoa e o quão débil é o corpo em que esse intervalo é vivido de maneira árdua. Portanto, não valorize a vida. Contemple a imensidão do tempo atrás e adiante, ambas infinitas. Nessa infinitude, qual é a diferença entre viver três dias e três gerações?

51

Corra para o caminho mais curto e natural. Diga e faça tudo em conformidade com a razão mais sã. Tal rumo liberta o homem de problemas, guerras, artifícios e ostentações.

Livro V

1

Pela manhã, quando se levantar indisposto, diga-se: “Estou me levantando para realizar o trabalho de um ser humano. Por que estou insatisfeito se realizarei as tarefas para as quais existo e pelas quais vim ao mundo? Ou será que fui feito para ficar na cama, enrolado em cobertores, e me manter aquecido?”

“Mas ficar deitado é mais prazeroso.”

Então você existe para gozar dos prazeres e não para agir e se esforçar? Não vê as plantas, os pássaros, as formigas, as aranhas e as abelhas trabalhando juntas para dispor seus papéis no cosmos? Ainda assim reluta em trabalhar como um ser humano e não se apressa para se conduzir em conformidade com a sua natureza?

“Mas o repouso também é necessário.”

De fato. Porém, a natureza estabeleceu limites para o descanso, bem como para a comida e a bebida. Não obstante, você os extrapola e vai além do que é suficiente. Em contrapartida, seus atos ficam aquém das suas limitações.

Você não se ama, senão abraçaria sua natureza e as vontades dela. Aqueles que amam suas artes labutam até a exaustão, sem alimento ou banho. Contudo, você dá menos valor à sua natureza do que o torneiro à arte de tornejar, o dançarino à dança, o sovina ao dinheiro ou o vanglorioso à ínfima glória. Tais homens, quando apegados violentamente a algo, preferem não comer ou dormir a não aperfeiçoar aquilo com o que se importam. Na sua perspectiva, ações que concernem à sociedade são mais vis e menos dignas de seu trabalho?

2

Quão fácil é repelir e varrer para longe toda impressão incômoda ou inadequada e, imediatamente, alcançar a tranquilidade!

3

Julgue cada palavra e ação condizente com a natureza como adequada para você. Não se deixe desviar pelas acusações ou vozes de outrem. Caso determinadas palavras e ações sejam belas, não as considere indignas. Aqueles possuem suas próprias faculdades hegemônicas e seguem seus impulsos particulares, os quais você deve desconsiderar. Basta seguir em frente. Siga a sua natureza e a natureza comum, pois o caminho de ambas é único.

4

Atravesso os acontecimentos proporcionais à natureza até cair e descansar, devolvendo meu fôlego ao elemento do qual o inspiro diariamente e me estirando sobre a terra.

Terra da qual meu pai coletou a semente, minha mãe, o sangue, e minha ama, o leite. Ademais, a qual, durante tantos anos, supriu-me com comida e bebida e me sustenta quando piso sobre e me aproveito dela para tantos propósitos.

5

“Os homens não poderiam me admirar pela agudeza da minha perspicácia.”

Que assim seja! Existem inúmeras outras qualidades acerca das quais não podem afirmar que você é naturalmente desprovido. Demonstre aquelas que dependem de você: a sinceridade, a seriedade, a resiliência no trabalho, a aversão ao prazer, o contentamento com sua porção e com poucas coisas, a benevolência, a franqueza, a magnanimidade e a indiferença em relação ao que é fútil.

Não vê quantas qualidades você consegue exibir sem alegar incapacidade ou inaptidão natural? Não vê que, todavia, permanece voluntariamente abaixo do seu limite? Você foi moldado de maneira defeituosa pela natureza e, por consequência, compelido a murmurar, ser mesquinho, bajular, criticar o seu pobre corpo, tentar agradar aos homens, alardear e ter uma mente inquieta?

Pelos deuses, não! Você poderia ter se livrado desses defeitos há muito tempo. Caso seja verdadeiro que sua compreensão é lenta e obtusa, deve labutar nisso também, sem negligenciar ou se deleitar com sua estupidez.

6

Certo homem, após servir o próximo, está pronto para cobrá-lo pelo serviço prestado. Outro não o cobra, porém o registra na memória como devedor e sabe que o serviu. Um terceiro, de certa forma, nem sequer considera o que fez um serviço, tal como uma videira que produziu uvas nada mais busca depois de ter frutificado adequadamente.

Tal qual o cavalo, ao correr, o cão, ao caçar e a abelha, ao melificar, o homem, ao fazer o bem, não se vangloria do que fez. Em vez disso, apenas avança para o próximo bom ato, como uma videira que frutifica a cada nova estação.

“Então o homem deve agir como aqueles que agem sem perceber?”

Sim!

“Mas o homem deve desenvolver uma percepção referente ao que faz, pois, pode-se dizer, é característico do animal sociável perceber que está trabalhando socialmente e, inclusive, esperar que seu parceiro também perceba.”

Tem razão, mas você não entendeu direito o que foi dito. Por isso, acabará se tornando um daqueles que mencionei, enganados por uma lógica aparente. Por outro lado, caso opte por entender do jeito correto, esse motivo não o fará ter receio de omitir qualquer ato social.

7

Uma prece Ateniense:

“Faça chover! Faça chover sobre os campos arados e as planícies de Atenas, ó caro Zeus!”

Nossas orações devem ser simples e nobres, ou não devemos orar de modo algum.

Do mesmo jeito que entendemos quando ouvimos que Asclépio receitou exercitar com cavalos, banhar-se com água gelada ou caminhar descalço, devemos entender quando é dito que a natureza universal prescreveu a doença, a mutilação, a perda ou quaisquer outras eventualidades. No primeiro caso, um remédio foi receitado para o homem obter saúde. No segundo, o evento foi prescrito de uma maneira apropriada ao seu destino.

“Pedras quadradas são apropriadas para as paredes e as pirâmides quando se encaixam e formam um tipo de conexão”, dizem os construtores. O mesmo se aplica aos eventos, pois há um cabimento singular para todos.

O cosmos é composto por todos os corpos para ser o corpo que é. Analogamente, o destino é constituído por todas as causas existentes para ser a causa que é. Até os ignorantes compreendem isso, pois costumam dizer que “o destino trouxe aquilo para tal pessoa”. Aliás, não só trouxe, como também prescreveu. Portanto, devemos receber esses fatos como recebemos as prescrições de Asclépio. Ainda que muitos sejam desagradáveis, devemos aceitá-los na esperança de nos curar.

Julgue os aperfeiçoamentos e os feitos que a natureza comum julga serem bons como sendo da mesma categoria que o seu bem-estar. Aceite tudo o que sucede, mesmo quando aparenta ser desagradável, pois tudo contribui para a saúde do universo e para a prosperidade e a felicidade de Zeus. Ele jamais traria para um indivíduo algo inútil para todos. Igualmente, nenhuma natureza, qualquer que seja, causaria algo inadequado àquilo que dirige.

Dois motivos para se contentar com as ocorrências:

i. Foram feitas e prescritas especificamente para você a partir das mais antigas causas tecidas juntas do seu destino.

ii. Aquelas que advêm individualmente para cada homem contribuem para a felicidade, a perfeição e a continuidade do poder administrador do cosmos. A integridade do todo é mutilada ao seccionar uma parte da conjunção e da cadeia das partes ou das causas. Dentro do possível, você secciona quando está descontente e tenta remover uma ocorrência do trajeto.

9

Não fique enjoado, desanimado ou desgostoso caso não consiga fazer tudo de acordo com as convicções corretas. Quando falhar, retorne, contente-se caso a maioria dos seus atos sejam consistentes com a natureza do homem e ame esses aos quais retorna. Não volte à filosofia como se ela fosse uma mestra. Aja como quem têm olhos doloridos e os umedece ou aplica um pouco de esponja e ovo ou emplastro. Assim, não deixará de obedecer à razão e nela repousará.

Lembre-se que a filosofia requer somente o que a sua natureza demanda. É você quem almeja algo a mais que discorda da natureza.

“Ora, o que poderia ser mais harmonioso?”

Não é essa a exata dúvida por meio da qual os deleites nos iludem? Pondere se a magnanimidade, a liberdade, a simplicidade, a equanimidade e a piedade não são mais harmônicas. O que harmoniza mais do que a própria sabedoria, quando pensa na segurança e no curso feliz de tudo que depende da faculdade do entendimento e do conhecimento?

10

Todas as coisas estão envelopadas de tal forma que parecem ininteligíveis para diversos filósofos, incluindo os melhores e os próprios Estoicos. O nosso assentimento também é mutável, pois onde está o homem que nunca muda?

Leve seus pensamentos para os próprios objetos. Examine a efemeridade e a inutilidade deles. Podem estar na posse de um degenerado, de uma prostituta ou de um ladrão. Em seguida, volte-se para a moral daqueles com quem convive. É provável que não consiga aturar nem mesmo o mais agradável deles—para não citar o quão difícil é se suportar.

Em meio a tal escuridão e sujeira—uma corrente constante de substância, tempo, movimento e objetos movidos—, não consigo imaginar algo que valha a pena ser altamente valorizado ou buscado. Pelo contrário: é dever do homem se confortar, aguardar a dissolução natural, não se irritar com a demora e descansar apenas nestes preceitos:

- i. Nada incompatível com a natureza universal ocorrerá comigo.
- ii. Está em meu poder nunca contrariar deus e o meu gênio interior, e nenhum homem é capaz de me compelir a isso.

11

Indague-se em toda ocasião:

- i. “Em que estou empregando minha alma neste momento?”
- ii. “O que se passa na minha faculdade hegemônica?”
- iii. “De quem é a alma que eu tenho agora? É de uma criança, de um homem jovem, de uma mulher débil, de um tirano, de um animal doméstico ou de uma besta selvagem?”

Podemos aprender até mesmo com a classe de coisas que as multidões classificam como boas. Se tivessem classificado as coisas certas—tais como a prudência, a temperança, a justiça e a fortaleza—, não suportariam ouvir nada dissonante no que tange aos bens genuínos. Caso o homem classifique como bom o que somente aparenta ser, ele ouvirá os escritos do poeta cômico e de imediato os considerará aplicáveis.

Inclusive, a multidão percebe a diferença. Caso contrário, dissonâncias não ofenderiam e não seriam rejeitadas, e ditados a respeito da riqueza, do luxo e da fama não seriam percebidos como apropriados e perspicazes.

Prossiga e questione se devemos valorizar e classificar como boas as coisas às quais, após uma concepção inicial, as seguintes palavras do poeta possam ser aplicadas: “Quem as possui em abundância não tem um canto para se aliviar.”

13

Sou composto do formal e do material. Nenhum deles deixará de existir, pois não surgiram da inexistência. Cada componente meu será decomposto em outros componentes do universo, e assim por diante, eternamente. Eu existo como resultado dessa decomposição, bem como meus genitores e os seus antepassados.

Nada nos impede de afirmar isso, nem a hipótese de que o cosmos é administrado por períodos definidos.

14

A razão e a arte da racionalidade são poderes suficientes para você e suas obras. Partem de um princípio inerente e caminham até o fim que lhes foi proposto. Como atos racionais prosseguem em linha reta, são denominados “atos corretos”.

Nenhuma dessas coisas deve ser atribuída ao homem caso não pertença à sua constituição típica. Elas não lhe são exigidas, não são prometidas pela sua natureza e não constituem os meios pelos quais a natureza do homem alcança seu fim. Além disso, nelas não reside a finalidade do homem ou aquilo que o ajuda a alcançá-la—e somente aquelas que contribuem para isso são boas.

Caso alguma dessas coisas lhe pertencesse, seria errado desprezá-la e se opor a ela. Um homem que demonstrasse não querê-las não seria digno de elogio. Um homem que se limitou a qualquer uma delas não seria bom. No entanto, quanto mais um homem se priva ou é privado dessas coisas ou de similares, mais suporta a perda com paciência e melhor se torna.

16

Suas impressões habituais caracterizam o seu entendimento e tingem a sua alma. Portanto, prefira tingir-se com estas e afins:

i. Onde um homem pode viver, é possível viver bem.

“Mas ele deve residir no palácio...”

Ora, também é possível viver bem lá!

ii. Tudo foi constituído para um propósito e é conduzido a ele. O seu fim está naquilo para o qual é levado. Sua vantagem e o seu bem se encontram onde está seu fim.

O bem para o animal razoável é a sociedade, pois fomos feitos para ela —conforme demonstrado acima. Não está claro que as coisas inferiores existem para o bem das superiores e estas para o bem mútuo? As coisas vivas são superiores às inanimadas e as racionais às irracionais.

17

É loucura almejar o impossível. E é impossível que os maus não cometam maldades.

18

Nada que a natureza não o tenha formado para suportar acontece com o homem. O mesmo acontece com o outro, todavia, por desconhecimento ou por necessidade de exibir um grande espírito, ele se conserva firme e ileso. É vergonhoso a ignorância e a vaidade serem mais fortes do que a sabedoria nesse caso.

19

As coisas em si não tocam, acessam, giram ou movem a alma. Ela, sozinha, gira-se, move-se e julga as coisas que se apresentam conforme lhe parece apropriado.

20

O homem é o que há de mais próximo de mim, tendo em vista que devo fazer o bem e suportá-lo. Entretanto, quando alguns tentam obstruir as minhas ações adequadas, passam a ser, para mim, tão indiferentes quanto o sol, o vento ou uma fera.

É verdade que talvez possam impedir minhas ações. Contudo, jamais impedirão meus impulsos e minha disposição, que está apta a proceder condicionalmente e mudar.

O entendimento converte o entrave em travessia. O impedimento para a ação avança a ação. O obstáculo no caminho se torna o caminho.

21

Reverencie o que há de melhor no cosmos: a parte que utiliza e emprega cada coisa. Adore também o que há de melhor em você: a parte da mesma estirpe. Aquela usa todas as coisas direciona a sua vida.

22

O que não fere o estado não afeta o cidadão. Diante do que lhe parece prejudicial, aplique esta regra: “Se o estado está ileso, não fui afetado.” Entretanto, se o estado for prejudicado, não se zangue com o malfeitor. Apenas lhe mostre onde errou.

23

Com frequência, pense no quão rápido tudo passa e desaparece—tanto o que há quanto o que é produzido. A substância é como um rio cuja correnteza é perene. As atividades das coisas mudam constantemente e as causas trabalham em infinitas variedades. É difícil algo se manter imóvel. Contemple a imensidão do abismo do passado e do futuro, onde tudo se dissipa.

Como é tolo quem se encoleriza, atormenta-se e se faz miserável à custa de tais fatos! Sua miséria durará só por um tempo—um breve período.

24

Pense sobre:

- i. A substância universal, da qual você detém uma porção minúscula.
- ii. O tempo universal, a partir do qual um breve e indivisível intervalo lhe foi designado.
- iii. O cumprimento do destino, e o quão pequeno é o seu papel.

25

Alguém me prejudicou? Deixe-o refletir sobre isso. Cada pessoa possui sua própria disposição e atividade. Quanto a mim, tenho o que a natureza universal quer que eu tenha e faço o que ela quer que eu faça.

Não permita que a parte hegemônica da sua alma se perturbe por efeito das agitações da carne, que são causadas pelas dores ou pelos prazeres. Distancie-as. Circunscreva e limite as sensações às suas respectivas partes. No entanto, quando subirem ao entendimento—em virtude da simpatia existente em um corpo único—, não se esforce para resistir, pois são naturais. Porém, ao mesmo tempo, não autorize a faculdade hegemônica a adicionar a elas a opinião de que são boas ou más.

“Viva com os deuses.” Quem o faz demonstra uma alma sempre satisfeita com o que recebeu e obediente às vontades de seu gênio interior, que Zeus concedeu a cada um como um guardião e guia—um pedaço de si mesmo, e a inteligência e a razão do homem.

Está zangado com aquele cujas axilas fedem? E também com aquele que tem mau hálito? Qual bem essa raiva proporciona? Quem possui tal boca e tal axila está sujeito a exalar mau cheiro!

“Mas quem é dotado de razão também pode descobrir seu defeito, caso empenhe o devido esforço. E espero que descubra!”

Ora essa, você também possui razão! Use a sua faculdade racional para despertar a dele. Aponte onde está o erro e admoeste-o. Caso lhe ouça, ele estará curado e não haverá motivo para raiva.

Nem ator, nem prostituta.

A vida que anseia ter depois de partir... você pode vivê-la agora. Caso um homem não lhe permita vivê-la, parta como quem não sofre nenhum prejuízo. “Se a casa está enfumaçada, eu saio.” Por que partir seria um problema?

Contudo, enquanto nada me expulsa, eu permaneço, sou livre e nenhum homem bloqueia a minha capacidade de escolher. E eu escolho viver de acordo com a natureza do animal racional e social.

30

A inteligência do universo é social. Por consequência, criou os seres inferiores para o bem dos superiores, e estes para o bem uns dos outros. Percebe como ela subordinou, coordenou e entregou a cada um sua devida porção? Ela reuniu harmonicamente tudo que há de melhor.

31

Como se comportou até então perante os deuses, seus pais, irmãos, filhos e professores e perante aqueles que viram você crescer—seus amigos, parentes e escravos? Reflita se sua conduta é digna do ditado: “Nunca ofendeu ninguém com ações ou palavras.”

Recorde-se de tudo que passou e suportou; das belezas que viu; dos prazeres e das dores que desprezou; das honrarias que rejeitou; das tantas vezes que se mostrou amável para pessoas mal-intencionadas. Lembre-se que a história da sua vida está completa e que seu serviço acabou.

Por que almas desqualificadas e ignorantes perturbam quem é hábil e conhecedor? Qual alma, então, detém habilidade e conhecimento? É aquela que identifica o início e o fim, que conhece a razão que permeia toda a substância e que, pela eternidade, administra o todo mediante períodos fixados.

Logo, muito em breve, você será cinzas ou um esqueleto. Um mero nome ou nem isso—nomes são somente som e eco. As coisas muito valorizadas em vida são vazias, podres e triviais. Cães mordendo uns aos outros. Crianças brigando, rindo e chorando. A lealdade, a modéstia, a verdade e a justiça “partiram da ampla terra rumo ao Olimpo”.

O que ainda mantém você aqui se os objetos do sentido são inconstantes e facilmente alterados? Se os órgãos da percepção são lentos e prontamente recebem falsas impressões? Se a pobre alma é uma exalação de sangue? Ambicionar uma boa reputação num mundo como este é algo vazio.

À vista disso, por que não se mantém tranquilo enquanto aguarda o seu final—seja a extinção ou a transmutação? Até lá, faça o que é suficiente: adore aos deuses e os abençoe; faça o bem aos seus vizinhos; pratique a tolerância e o autocontrole. Quanto a tudo que está além da pobre carne e sopro vital, lembre-se que nada disso lhe pertence ou está sob seu poder.

34

Você pode viver em um fluxo equânime de felicidade caso siga pela trajetória reta e pense e aja corretamente. Duas características são comuns às almas de deus, do homem e de todo ser racional:

- i. Não são impedidas pelos demais.
- ii. Preservam o próprio bem na disposição para a justiça e na prática dela, e, nisso, seu desejo encontra seu objetivo.

35

Se isto não é a minha própria maldade ou um efeito dela e o bem comum não está ferido, por que estou preocupado? Qual é o dano ao bem comum?

Não se deixe levar pelas impressões sem discernimento. Ajude os outros conforme pode e como for proporcional a cada um. Se eles perdem algo que é indiferente, não aja como se fosse uma perda grande, pois isso é um mau hábito. Aja como o ancião, que se vai e leva consigo o brinquedo de seu filho adotivo, sabendo que é só isto: um brinquedo.

“Quando discursa sobre a Rostra você se esquece o que são as coisas?”

“Mas são objetos de grande importância para esse povo.”

“Você também será feito de tolo por essas coisas?”

“Já fui afortunado, mas a fortuna me deixou, e não sei como.”

“Ora, ser afortunado é atribuir-se uma boa fortuna. E isso significa ter uma boa disposição da alma, boas emoções e bons atos.”

Livro VI

1

A substância do universo é obediente e complacente. A razão que o governa não tem motivo para fazer o mal, pois não tem malícia. Não prejudica, nem é prejudicada. É responsável pela criação e pelo aperfeiçoamento de tudo.

2

Caso esteja cumprindo seu dever, não há diferença se você sente frio ou calor, se está desperto ou sonolento, se foi elogiado ou criticado e se está morrendo ou fazendo outra coisa. Morrer é um dos atos da vida. Logo, basta fazer bem o que temos em mãos no presente ato.

3

Olhe para dentro. Não deixe escapar o valor e a qualidade peculiar de cada coisa.

4

Tudo que existe muda rapidamente. Se a substância é uma, tudo será reduzido a vapor. Se não, apenas se dispersará.

5

A razão governante sabe qual é a sua própria disposição, o que faz e em qual material trabalha.

6

A melhor vingança é não se tornar igual.

7

Encontre prazer e descanso nisto: concluir uma boa ação e partir para a seguinte—enquanto pensa nos deuses.

8

A faculdade hegemônica desperta e dirige a si mesma. Ao passo que faz de si tal como é e como quer ser, faz das coisas que se apresentam tal como deseja.

9

Tudo é realizado em conformidade com a natureza do universo, não com outra—seja esta uma que a compreende, uma que é compreendida por ela ou uma externa e independente.

10

O universo ou é confusão, interação e dispersão, ou é unidade, ordem e providência.

No primeiro caso, por que eu desejaria permanecer em uma fortuita combinação e desordem? Por que me importaria com algo além de eventualmente regressar à terra? Por que me perturbaria se a dissipação dos meus elementos é inevitável?

Caso a segunda suposição seja verdadeira, eu venero, permaneço firme e confio naquele que rege.

11

Quando as circunstâncias o perturbarem, volte depressa para si. Não permaneça desarmonizado depois que a compulsão passar. Você terá mais domínio sobre a harmonia caso recorra a ela com frequência.

12

Caso você tivesse simultaneamente uma madrasta e uma mãe, obedeceria àquela, porém sempre retornaria a esta. Agora, faça o mesmo com a corte e a filosofia: retorne frequentemente a esta e se apoie nela. Desse modo, o que encontrar na corte parecerá mais tolerável e você se demonstrará mais tolerante.

Quando temos carne à nossa frente, recebemos a impressão de que se trata do cadáver de um peixe, de uma ave ou de um porco. O falerno é somente suco de uva. A toga púrpura, um bocado de lã tingida com sangue de marisco. Uma relação sexual, um atrito de entranhas seguido de um tipo de convulsão e uma excreção de uma espécie de muco.

Impressões como essas são assim: alcançam as coisas e as penetram, de forma que nos permitem ver de qual qualidade são. Portanto, devemos proceder do mesmo jeito na vida. Onde houver uma coisa que parece digna de nossa aprovação, devemos desnudá-la, descortinar sua insignificância e despi-la das palavras mediante as quais é exaltada.

O exibicionismo é um espantoso enganador da razão. Quanto mais certo você estiver do valor das coisas nas quais se empenha, mais será enganado. Considere o que Crates disse sobre Xenócrates.

A maioria das coisas que a multidão admira são comuns, mantidas íntegras por coesão ou por uma organização natural, como pedras, madeira, figueiras, videiras e oliveiras. Já os homens um pouco mais razoáveis admiram aquelas que são unidas por um princípio vivo, como rebanhos e manadas. Homens ainda mais instruídos apreciam as que são unificadas pela alma racional—pela racional, e não pela universal, pois ela é uma alma hábil em alguma arte e especialista em algo ou, simplesmente, porque possui uma série de escravos. Por último, aquele que valoriza a alma racional—universal e adequada para a vida política—não considera nada acima de manter sua alma em condições e atividades compatíveis com a razão e a vida social e coopera com seus semelhantes para esse fim.

Algumas coisas estão correndo para a existência e outras se retirando dela apressadamente. Parte do que está surgindo já se extinguiu. O movimento e a mudança continuamente renovam o mundo, enquanto o ininterrupto curso do tempo renova as eras. Neste fluxo, no qual nada permanece, quais coisas o homem deveria precificar mais alto?

É como se apaixonar por pardais que voam e somem de vista. É como a própria vida de cada homem, a exalação do sangue e o respiro do ar. Inspiramos e expiramos a todo instante, e o mesmo ocorre com a capacidade de respiração: nós a adquirimos ao nascer ontem e anteontem e a devolvemos ao elemento de onde a aspiramos inicialmente.

16

Nada disto deve ser valorizado:

- i. a transpiração, uma vez que é comum às plantas;
- ii. a respiração, comum aos animais domesticados e às bestas selvagens;
- iii. o recebimento de impressões por intermédio das aparências;
- iv. ser impulsionado pelo desejo tal como marionetes são impulsionadas pelas cordas;
- v. ser reunido em rebanhos;
- vi. ser nutrido por alimentos, pois isso significa meramente separar e retirar a porção inútil de nossa comida.

“O que, então, vale a pena valorizar? Ser recebido com aplausos?”

Não. Do mesmo jeito, não devemos apreciar o aplauso das línguas, pois o elogio das multidões trata-se disso: línguas aplaudindo.

“Supondo que desistiu dessa inutilidade chamada fama, o que de valor resta?”

Na minha perspectiva, isto: mover-se e se restringir conforme a sua própria constituição—fim para o qual todos os esforços e todas as artes conduzem, pois o que foi feito deve se adaptar ao trabalho para o qual foi constituído. O agricultor, que cuida das suas videiras, o adestrador de cavalos e o treinador de cachorros buscam esse fim. A educação e o ensino dos jovens visam algo, e este é seu valor. Se esse for bom, você não buscará mais nada.

Não deixará de valorizar outras coisas? Então não será livre, nem suficiente para sua própria felicidade ou destituído das paixões. Necessariamente, será invejoso, ciumento e desconfiado em relação a quem pode tirar essas coisas de você. Além disso, conspirará contra aqueles que têm o que você valoriza.

Quem aprecia essas coisas se condena a um estado de perturbação e culpa os deuses. Quem honra e reverencia o próprio entendimento está contente consigo mesmo, em harmonia com a sociedade e em concordância com os deuses—louvando tudo o que providenciam e ordenam.

17

Os percursos dos elementos estão acima, abaixo e ao nosso redor. Já a moção da virtude é mais divina e segue feliz pelo seu próprio percurso, dificilmente observado.

18

Como os homens agem de maneira estranha! Não elogiam aqueles com quem convivem, porém valorizam o louvor póstumo, proveniente daqueles que nunca viram nem verão. É o mesmo que se entristecer porque aqueles que viveram antes não o louvaram.

19

Caso uma realização seja difícil para você, não pense ser impossível para o homem. Caso seja possível para o homem e adequado à sua natureza, assuma ser realizável por você.

20

Suponha que, durante os exercícios de ginástica, um homem o rasgou com as unhas e o feriu com uma cabeçada. Bem, não devemos mostrar quaisquer sinais de irritação ou ofensa, ou suspeitar como se ele fosse um sujeito traiçoeiro. Ainda assim, devemos nos resguardar e sair do trajeto dele em silêncio. Novamente, não como se ele fosse um inimigo ou como se suspeitássemos dele.

Comporte-se assim em outros momentos da vida. Devemos ignorar muitas ações daqueles que são análogos a antagonistas no ginásio. Como eu disse, está em nosso poder dar passagem sem guardar suspeitas ou ódio.

21

Se algum homem for capaz de me convencer e mostrar que não penso ou ajo corretamente, mudarei de bom grado, pois procuro a verdade, pela qual nenhum homem jamais foi ferido. Fere-se aquele que continua errado e ignorante.

22

Cumpro com meu dever. Nada mais me perturba. O restante carece de vida ou de razão, ou divagou e não conhece o caminho.

23

Mantenha o espírito gentil e liberal ao lidar com animais irracionais e objetos inanimados, visto que você é racional e eles não. No entanto, diante de seres humanos, que também são racionais, comporte-se com o espírito sociável. Em todas as ocasiões, recorra aos deuses e não se desorienta por conta do intervalo de tempo no qual o fará, pois três horas gastas nisso são suficientes.

24

Alexandre, o Grande, e seu cavaliário foram levados para o mesmo estado quando morreram. Ou foram recebidos pela mesma razão seminal do cosmos, ou foram dispersados entre os átomos.

25

Considere quantas coisas ocorrem em cada um de nós no mesmo período indivisível—algumas que dizem respeito ao corpo e outras à alma. Assim, não se perguntará se mais ou se todas as coisas que passam a existir naquele que é um e tudo—que chamamos de cosmos—existem nele em simultâneo.

Caso um homem lhe perguntasse “como se escreve o nome Antonino,” você se esforçaria para pronunciar cada letra? Caso ele se irritasse, você também se irritaria? Você não manteria a compostura ao soletrar?

Lembre-se que na vida cada dever também é composto de certas frações. Você deve observá-las, seguir em sua trajetória e finalizar o que está adiante—sem se perturbar ou se enfurecer com aqueles que estão enfurecidos com você.

27

Quão cruel é impedir os homens de buscarem o que aparenta ser proveitoso e adequado às suas naturezas! De certo modo, você faz isso ao se zangar quando erram. Afinal, eles se movem em direção às coisas porque supõem serem proveitosas e adequadas.

“Mas essas coisas não são...”

Então os ensine e mostre-os em vez de se enraivecer.

28

A morte é a cessação das impressões sensoriais, do puxar das amarras que movem os apetites, da divagação discursiva dos pensamentos e do serviço à carne.

29

É uma vergonha a alma desistir da vida antes do corpo.

Cuidado para não se tornar um César e se manchar, pois isso acontece. Mantenha-se simples, bom, puro, sério, livre das afetações, um amigo da justiça, um adorador dos deuses, gentil, afetuoso e vigoroso em todos os atos adequados. Empenhe-se para continuar sendo como a filosofia desejou que você fosse. Reverencie os deuses e ajude os homens. A vida é curta. Há só um fruto desta existência terrena: uma disposição piedosa e ações sociais.

Aja como um discípulo do Antonino. Lembre-se da consistência dos atos dele em conformidade com a razão; da sua constância em todas as situações; da sua piedade; do seu semblante sereno; da sua doçura; do seu desprezo pela fama vazia; do seu esforço para compreender tudo; de como nunca deixava nada passar sem uma inspeção minuciosa e um entendimento claro; de como suportou aqueles que o acusaram injustamente sem acusá-los de volta; de como não fazia nada com pressa; de como não dava ouvidos a calúnias; de como era preciso ao examinar maneiras e ações; de como não tinha uma inclinação para repreender as pessoas; de como não era tímido, desconfiado ou sofista; do quão pouco precisava para se satisfazer, seja quando se tratava de hospedagem, de cama, de roupas, de comida ou de serviçais; do quão laborioso e paciente era; de como resistia até o anoitecer graças a sua dieta moderada, sem precisar se aliviar evacuando fora da hora usual; de como era firme e uniforme nas amizades; de como tolerava a liberdade de expressão daqueles que se opunham às suas opiniões; da alegria que demonstrava quando qualquer homem lhe propunha uma melhoria; de sua religiosidade sem superstição.

Limite-se a esses traços. Desse modo, quando sua última hora chegar, terá uma consciência tão limpa quanto a dele.

31

Retorne aos seus sentidos sóbrios e chame-se de volta. Quando despertar, perceberá que suas perturbações foram por efeito de meros sonhos. Agora, desperto, olhe para aquelas como olhou para estes.

Eu sou um pequeno corpo e uma alma. Para este corpo, todas as coisas são indiferentes, pois ele não é capaz de perceber as diferenças. Para o entendimento, são indiferentes apenas aquelas que não são obras da sua própria atividade. Estão em seu poder todas aquelas que são. Aliás, não todas, mas somente as coisas feitas com referência ao presente, pois as atividades mentais futuras e passadas também são indiferentes agora.

A mão não contraria a natureza ao manusear, nem o pé ao pisar, contanto que o pé faça o trabalho dos pés e a mão o das mãos. Da mesma maneira, o homem não trabalha contrário à natureza caso faça o trabalho dos homens. Ademais, caso não a contrarie, esse trabalho não é mau.

34

Quantos prazeres são gozados por ladrões, parricidas e tiranos!

35

Não vê como artesãos—embora, até certo ponto, adaptem-se àqueles que não são hábeis em seu ofício—apegam-se à razão de sua arte e se recusam a afastar dela? Não é estranho os arquitetos e os médicos respeitarem mais a razão de suas próprias artes do que o homem respeita sua própria, comum a ele e aos deuses?

No cosmos, tudo é ínfimo, transitório e perecível:

- i. a Ásia e a Europa são os cantos do universo;
- ii. os oceanos são uma gota;
- iii. o Monte Athos, um estreito torrão;
- iv. o presente, um ponto na eternidade.

Tudo provém da mesma fonte, do poder dominante universal, seja diretamente ou por consequência. Sendo assim, a mandíbula escancarada do leão, os venenos e as coisas nocivas, como os espinhos e o lodo, são subprodutos daquilo que é belo e grandioso. Não imagine que essas coisas tenham uma qualidade diferente daquilo que você venera. Forme uma opinião justa sobre a fonte de tudo.

37

Quem vê o presente vê tudo, tanto o que já aconteceu quanto o que acontecerá. Afinal, tudo é da mesma categoria e da mesma forma.

38

Frequentemente considere a conexão de todas as coisas com o universo e o vínculo entre elas. De certa maneira, todas estão envolvidas e são amigas, pois uma sucede a outra, em virtude do movimento ativo, da conspiração mútua e da unidade da substância.

39

Adapte-se às coisas com as quais a sua sorte foi lançada. Ame os homens entre os quais recebeu o seu lote, mas ame-os verdadeiramente.

40

O instrumento, a ferramenta e o recipiente ficam bem quando cumprem sua função, ainda que seus criadores não estejam por perto. O que é mantido junto pela natureza possui dentro si o poder que o criou. Portanto, ao reverenciar esse poder e pensar que, caso viva e aja consoante a vontade dele, tudo em você estará em consonância com a inteligência. Tudo no cosmos que o pertence também o está.

41

Caso classifique como bom ou mau algo que independe da sua volição— seja o que for—, quando algo “mau” acontecer ou quando perder algo “bom” você necessariamente culpará os deuses e odiará os homens— responsáveis pela causa do infortúnio ou pela perda, ou presumivelmente culpados. De fato, cometemos injustiças porque fazemos tais distinções. Contudo, se julgarmos apenas o que está em nosso poder como bom ou mau, não nos restarão justificativas para criticar deus ou hostilizar o homem.

Todos trabalhamos para um único fim, alguns consciente e deliberadamente e outros mesmo sem saber. Heráclito, acredito, afirmou: “Mesmo dormindo, os homens são trabalhadores e colaboradores no que diz respeito ao que decorre no universo.” Não obstante, colaboram de maneiras distintas. Até mesmo aqueles que criticam os eventos e tentam se opor e impedi-los cooperam abundantemente, pois o universo precisa até mesmo de homens como eles.

Logo, resta descobrir qual classe de trabalhador você é, pois, com certeza, aquele que governa o todo o usará corretamente e o acolherá entre outros colaboradores cujos trabalhos conduzem a um fim. Entretanto, na peça, não atue no papel cujo verso é mesquinho e ridículo na peça, citado por Crisipo.

43

O sol se compromete a fazer o trabalho da chuva? Asclépio assume os deveres da frutífera? E quanto a cada estrela em específico? Embora sejam diferentes, não trabalham juntas para um único fim?

Caso os deuses tenham deliberado sobre mim e o que deve acontecer comigo, eles o fizeram bem, pois é difícil imaginar uma deidade desprovida de premeditação. Por que eles me desejariam o mal? Qual vantagem resultaria disso para eles ou para o todo—o objeto especial de sua providência?

Se não deliberaram diretamente sobre mim, certamente o fizeram sobre a totalidade, pelo menos. Por conseguinte, devo aceitar com prazer e me contentar com tudo o que acontece em sequência nesse arranjo geral.

E se os deuses não tiverem deliberado sobre nada? Primeiramente, acreditar nisso é perverso. Se acreditarmos, não vamos sacrificar, orar e jurar por eles ou fazer o que fazemos como se estivessem presentes e vivessem conosco. Todavia, se esse for o caso, estou apto para decidir por mim mesmo e indagar sobre o que é útil—o que concorda com a constituição e a natureza particular dos homens. A minha natureza é a de um ser racional e sociável. Como um Antonino, minha cidade e pátria é Roma. Como um homem, é o cosmos. Em vista disso, o que é útil para essas cidades é útil para mim.

45

O que ocorre com cada homem é de interesse universal. Isso é o suficiente. Caso aceite isso como uma verdade geral, constatará que o que é proveitoso para qualquer homem também o é para todos os outros. Entenda a palavra “proveitoso” de acordo com o senso comum, como é usada para descrever as coisas intermediárias.

46

A vida é como o que se desenrola no anfiteatro e em lugares dessa variedade, onde a monotonia e a visão contínua dos mesmos atos tornam o espetáculo cansativo. Tudo acima e abaixo é o mesmo e tem a mesma origem. Por quanto tempo, então?

Contemple regularmente homens de todas as linhagens, ofícios e nações que morreram, até chegar em Filistio, Febo e Origânio. Em seguida, prossiga para outros. Iremos para aquele lugar, para onde foram tantos grandes oradores e nobres filósofos, como Heráclito, Pitágoras e Sócrates; heróis da antiguidade e, posteriormente, generais e tiranos; homens com talentos naturais, como Eudoxo, Hiparco e Arquimedes; grandes mentes e amantes do trabalho, versáteis, confiantes e zombadores até mesmo da vida perecível e efêmera do homem, como Menipo e outros parecidos.

Considere há quanto tempo já são somente poeira. Qual dano isso lhes causou? Qual prejuízo sofreram aqueles cujos nomes são desconhecidos? Há uma única coisa valiosa: transpassar a vida com a verdade, a justiça e uma disposição benevolente inclusive no tocante aos mentirosos e injustos.

Quando quiser se deleitar, pense na virtude daqueles com quem convive. Por exemplo, a atividade do primeiro, a modéstia do segundo, a liberalidade do terceiro e outra qualidade do último. Afinal, nada deleita tanto quanto exemplos de virtudes. Especialmente quando se manifestam em abundância na moral daqueles que vivem conosco, na medida em que é possível. À vista disso, devemos mantê-los diante de nós.

49

Você não está insatisfeito, suponho, por pesar só alguns quilos e não trezentos. Logo, não se insatisfaça porque viverá somente alguns anos e não mais. Posto que está satisfeito com a quantidade de substância que lhe foi designada, satisfaça-se com o seu prazo.

Vamos tentar persuadi-los. Aja mesmo contra a vontade deles quando os princípios da justiça conduzirem para esse rumo. Contudo, caso usem a força para obstruir o caminho, concentre-se no contentamento e na tranquilidade. Ao mesmo tempo, use a obstrução para exercitar alguma outra virtude. Lembre-se: suas tentativas devem ser feitas com reservas, pois não deve almejar o impossível.

“O que, então, deve almejar?”

Apenas esforços possíveis, como esse. Alcançará seu objetivo caso realize aquilo para o qual foi movido.

51

Para quem ama a reputação, o seu próprio bem é a atividade de outro homem. Para quem ama o prazer, são as suas próprias sensações. Para quem é inteligente, os seus próprios atos.

52

Está em nosso poder não opinar sobre nada e não ter uma alma perturbada, pois as coisas em si não têm poder natural para moldar nossos julgamentos.

53

Acostume-se a prestar o máximo de atenção àquilo que alguém diz e, na medida do possível, esteja na mente de quem fala.

54

O que não é bom para a colmeia não é bom para a abelha.

55

Se os marinheiros desmandassem quem comanda o timão, ou os enfermos maldissessem quem os cura, o timoneiro e o médico dariam ouvidos a alguém? Se o fizessem, como poderiam garantir a segurança dos tripulantes ou a saúde dos pacientes?

56

Quantos vieram ao mundo comigo e já o deixaram!

57

Para os ictericos, o mel tem um sabor amargo. Para os mordidos por cães loucos, a água causa medo. Para as crianças, a bola é bonita. Por que, então, está com raiva? Você acha que uma opinião falsa afeta menos do que a bile que contamina o icterico ou o veneno que contagia aquele que é mordido por um cachorro louco?

58

Nenhum homem o impedirá de viver segundo a razão da sua própria natureza. Nada contrário à razão da natureza universal acontecerá com você.

59

Qual tipo de pessoa os homens desejam agradar? Com quais intenções? Por meio de quais atos?

O quão rápido o tempo cobrirá tudo. O quanto já cobriu.

Livro VII

1

O que é a maldade? É aquilo que observa com frequência. Em relação a tudo que vier a acontecer, lembre-se: não será distinto do que tem observado ultimamente. Em todo lugar, acima e abaixo, encontrará circunstâncias equivalentes, das quais as cidades, as casas e as velhas histórias—das eras passadas e dos nossos dias—estão repletas. Não há nada novo. Tudo é familiar e transitório.

2

Como nossas convicções poderiam se extinguir se as impressões que lhes correspondem não forem extintas? Está em meu poder inflamá-las continuamente. Na prática, sou capaz de controlar meus pensamentos a respeito de qualquer assunto. Se detenho essa capacidade, por que estou perturbado?

O que é externo ao entendimento não o influencia. Aprenda essa lição e se manterá ereto.

Recuperar sua vida depende de você. Olhe para as coisas como costumava olhar, pois a sua recuperação está nisso.

3

A ociosidade dos espetáculos; as peças no palco; os rebanhos de ovelhas; manadas; exercícios com lanças; o osso arremessado para os cães e o pão para os peixes; a função das formigas; o carregamento das cargas; as corridas dos ratos amedrontados; as marionetes puxadas pelas cordas.

Em meio a tais coisas, deve demonstrar bom humor e não um ar de superioridade. Entrementes, deve compreender que o valor de cada homem equivale ao das coisas com as quais se ocupa.

4

Quando discursarem, preste atenção ao que é dito e observe o que é efetuado a cada impulso. A priori, veja imediatamente o intuito por trás do que dizem. A posteriori, considere com cuidado o que querem dizer.

5

Meu entendimento é ou não suficiente para este trabalho?

Se for, eu o empregarei como um instrumento fornecido pela natureza universal.

Se não, eu o delegarei para alguém mais capacitado—caso não haja um motivo para não delegar—ou farei o meu melhor com o auxílio do homem que, com o suporte da minha faculdade hegemônica, poderá fazer o que é proveitoso e adequado ao bem coletivo. Afinal, tudo o que faço, sozinho ou não, deve ser orientado somente pelo proveito e pela adequação à sociedade.

6

Quantos, depois de serem celebrados pela fama, foram entregues ao esquecimento. Quantos, após celebrarem a fama alheia, estão mortos há tempos.

7

Não tenha vergonha de ser ajudado. É seu dever cumprir o seu propósito tal como um soldado cumpre o dele ao atacar uma cidade. O que faria se fosse coxo e não conseguisse escalar as ameias, porém outro pudesse ajudá-lo?

8.

Não se distraia com questões futuras. Chegará lá—caso chegue—possuindo a mesma razão com a qual lida com o presente.

9

Todas as coisas estão entrelaçadas, unidas por um laço divino. Dificilmente uma está desunida de outra. Todas foram coordenadas e combinadas para formar o mesmo cosmos. Há um universo composto de todas elas, um deus que as permeia, uma substância, uma lei, uma razão comum aos animais inteligentes e uma verdade, caso, de fato, haja também um primor em todos os animais que são da mesma espécie e participam da mesma razão.

10

O que é material logo desaparece na substância do todo. O que é formal logo regressa à razão do universo. A memória de tudo logo se dissolve no tempo.

11

Para o animal racional, um ato consoante à natureza está em consonância com a razão.

12

Erga-se ou seja erguido.

Assim como os membros estão unidos em um corpo, os seres racionais, em seus corpos separados, foram constituídos para uma cooperação. Isso se evidenciará caso repita: “Sou um ‘membro (μέλος)’ do sistema dos seres racionais.” No entanto, caso mude uma letra e fale “parte (μέρος)”, demonstrará que não ama os homens de coração e que considera a beneficência insuficiente e uma obrigatoriedade, ao invés de um benefício para você próprio.

14

Devo deixar incidir externamente o que incidirá sobre as partes que podem sentir os efeitos. Essas partes reclamarão caso assim escolham. Em contrapartida, não serei ferido caso não classifique a incidência como um mal. E está em meu poder não a classificar desse modo.

15

Independentemente do que façam ou digam, devo ser bom. Da mesma maneira que o ouro, a esmeralda ou a púrpura poderiam dizer: “A despeito do que fazem ou dizem, devo ser uma esmeralda e conservar a minha cor.”

16

A faculdade hegemônica não se perturba. Ou seja, não se apavora ou se fere. Caso alguém possa apavorá-la ou feri-la, deixe-o poder, pois a própria faculdade não se contorcerá desse jeito mediante a sua própria opinião. Deixe o corpo, se possível, cuidar para não sofrer e falar caso sofra. Por outro lado, a alma, que está sujeita ao medo e à dor e que pode opinar, não sofrerá, pois não se desviará rumo a tais opiniões. A faculdade que detém a hegemonia nada deseja, a não ser que crie um desejo para si própria. Portanto, é livre de perturbações e impedimentos, a não ser que se perturbe ou se impeça.

17.

A felicidade é um bom gênio interior ou um bem.

O que fazes aqui, ó impressão? Suplico-te pelos deuses: sai por onde chegaste, pois não te quero. Vieste conforme teu velho costume. Não estou zangado contigo. Apenas vai embora.

18

Teme a mudança? Por quê? O que existiria sem ela? O que é mais agradável ou mais apropriado à natureza universal? Como tomaria um banho quente se a lenha não mudasse? Como se nutriria caso o alimento não se transformasse? Como qualquer utilidade poderia existir sem a transformação? Não enxerga que mudar é tão natural e necessário para você quanto para a natureza do universo?

19

Os corpos são transportados através da substância universal, como numa torrente furiosa. Por natureza mantêm-se unificados e cooperam com o todo, tal qual os membros do nosso corpo.

Quantos Crisipos, Sócrates e Epictetos o tempo já engoliu! Aplique esse pensamento a todos e a tudo.

20

Tenho uma única preocupação: não empreender nada que a constituição do homem proíbe, nem o fazer de um modo ou no momento indevido.

21

Está prestes a esquecer tudo e a ser esquecido por todos.

22

É próprio do homem amar até quem pratica o mal. Amará caso, quando errem, recorde-se que são seus parentes, que erram por ignorância e sem querer, que, em breve, ambos morrerão e que, sobretudo, os malfeitores não lhe causam mal, pois não pioram a sua faculdade hegemônica.

23

A natureza do universo maneja a substância universal como se fosse cera para formar um cavalo. Em seguida, quando o fragmenta, usa o material para uma árvore, para um homem e depois para outro objeto. Todos esses subsistem por pouco tempo. Não é difícil fragmentar um vaso, pois não havia nada o fixando.

24.

Um olhar carrancudo é antinatural. Resulta no esgotamento e na extinção completa da beleza, de forma que não mais é viável revigorá-la.

Com base nesse fato, tente concluir que tal olhar é contrário à razão. Caso desapareça até mesmo a clareza do que a contraria, por que continuar vivendo?

25

A natureza que governa o todo logo transformará os objetos que você vê. A partir da substância deles produzirá mais, e outros serão produzidos a partir desses, com o intuito de renovar o cosmos.

26

Quando um homem lhe fizer mal, pondere com que opinião sobre o bem ou o mal ele o fez. Após ponderar, sentirá pena e não se surpreenderá ou se zangará. Caso vocês compartilhem de opiniões parecidas ou iguais acerca do que é bom, é seu dever perdoá-lo. Caso ele classifique coisas diferentes como boas ou más, você estará mais prontamente bem-disposto na presença dele.

27

Pense mais no que possui do que no que não possui. Imagine o quão ansiosamente buscaria as coisas que selecionou como as melhores caso não as possuísse. Em compensação, dado que está satisfeito com elas, tome cuidado para não as valorizar a ponto de se perturbar caso as perca.

28

Retire-se para dentro. A faculdade hegemônica se contenta consigo mesma quando é justa, e assim assegura a tranquilidade.

29

Limpe as suas impressões. Interrompa o puxar das cordas. Limite-se ao presente. Entenda bem o que se passa com você e com o próximo. Divida e distribua cada objeto em causal e material. Pense na sua última hora. Deixe o mal cometido por um homem perdurar com ele.

30

Direcione a sua atenção para o que é dito. Deixe sua inteligência entrar no que está acontecendo e no que faz acontecer.

31

Adorne-se com a simplicidade, com a modéstia e com a indiferença em relação ao que está entre a virtude e o vício. Ame a humanidade. Siga deus. O poeta diz que a lei tudo governa. Basta decorar isso.

32

Sobre a morte: seja uma dispersão, uma decomposição em átomos ou uma aniquilação, é extinção ou mudança.

Sobre a dor: se é insuportável, leva-nos embora; se é duradoura, é tolerável. A mente resguarda a sua tranquilidade ao se circunscrever. A faculdade hegemônica não é prejudicada. Permita que as partes doloridas opinem por conta própria, caso possam.

34

Sobre a fama: observe o entendimento daqueles que a buscam. Inspecione o que é, o que evita e o que persegue. Nos montes de areia, novas camadas recobrem as antigas. Na vida, os eventos passados logo serão cobertos pelos futuros.

“Você supõe que seja possível o homem cujo entendimento é elevado—que enxerga todo o tempo e toda a substância—considerar a vida humana algo grande?”

‘Não, não é possível’, responde o outro.

‘Tal homem, então, também não considerará a morte um mal.’

‘Certamente não.’”

36

“É nobre ser difamado por praticar o bem.”

37

É vergonhoso o semblante obedecer, regular-se e se compor conforme comanda o entendimento enquanto este não se regula ou se compõe.

*“Não é certo se irritar com os fatos,
Porque eles não se importam com a sua irritação.”*

“Aos deuses imortais e a nós, dê alegria.”

40

*“A vida deve ser colhida como espigas de milho maduras.
Um homem nasce, outro morre.”*

41

*“Se os deuses não se importam comigo e com meus filhos,
Há uma razão.”*

42

“O bom e o justo estão comigo.”

“Nada de se juntar à lamentação alheia; nada de emoções violentas.”

“Então eu daria uma resposta satisfatória: ‘Você está incorreto se pensa que um homem minimamente bom deve calcular o risco de vida ou morte em vez de se preocupar unicamente se está sendo justo ou injusto e se faz o ofício de um homem bom ou de um mau’.”

“Atenienses, a verdade é esta: o homem deve, na minha opinião, estacionar e enfrentar o perigo onde quer que acredite ser melhor para si ou onde tiver sido colocado por seu comandante—sem levar em conta a morte ou algo além da infâmia.”

“Mas, meu caro amigo, reflita se o que é nobre e bom não é algo diferente de se salvar e de ser salvo. Idealizar viver por este ou aquele período é uma conjectura dispensável para o homem—ao menos, para o verdadeiro. Não deve amar a vida. Deve confiar essas conjecturas à deidade. Deve crer quando as mulheres dizem que ‘nenhum homem pode escapar de seu destino’ e, em seguida, investigar como viver melhor o tempo que lhe resta.”

47

Admire o percurso das estrelas, como se caminhasse junto delas. Medite sobre a transmutação dos elementos.

Tais meditações expurgam a sujeira da vida terrena.

48

Uma bela ideia de Platão:

“Quem discorre sobre os homens deveria encarar as coisas terrenas como se as avistasse de cima. Assembleias, exércitos e lavouras; matrimônios e divórcios; mortes e nascimentos; tribunais barulhentos e locais desertos; nações bárbaras; festas, funerais e feiras. Uma mistura de tudo e uma combinação ordenada de coisas opostas.”

49

Ao analisar o passado—e as grandes variações de regimes políticos—, talvez consiga prever a posteridade, pois com certeza terá uma forma equivalente. É impossível desviar da ordem dos acontecimentos atuais. Por conseguinte, contemplar a vida humana por quarenta anos equivale a contemplá-la por dez mil. O que mais poderia presenciar?

*“O que cresceu na terra retorna à terra.
O que brotou da semente celestial
Regressa aos reinos celestiais.”*

Isso é uma dissolução do envolvimento entre os átomos ou uma semelhante dispersão de elementos insensíveis.

*“Com comida, bebida e feitiços mágicos,
Buscam mudar o curso para escapar da morte.”*

*“O vento que o céu sopra
Deve ser suportado e trabalhado sem reclamações.”*

52

Ele pode ser melhor em derrubar seus oponentes. Contudo, não é mais sociável, modesto, disciplinado para abraçar as ocorrências ou indulgente com as falhas dos vizinhos.

Não temos nada a temer onde é plausível trabalhar em conformidade com a razão—comum aos deuses e aos homens. Não há suspeita de ameaça onde podemos nos beneficiar de uma atividade bem-sucedida e condizente com a nossa constituição.

54

Em todos os lugares e momentos, está em seu poder:

- i..consentir piedosamente com a sua condição atual;
- ii. comportar-se de maneira justa com aqueles ao seu redor;
- iii. exercer sua habilidade diante das impressões presentes, para que não seja absorvido por elas sem maiores inspeções.

Não espie a faculdade hegemônica daqueles à sua volta. Dirija-se exclusivamente para onde é conduzido pela natureza—tanto pela universal, por intermédio das eventualidades, quanto pela sua própria, por meio dos atos pertinentes.

Todos os seres devem agir de acordo com as suas respectivas constituições. Os demais entes foram constituídos para o benefício dos seres racionais, posto que, tratando-se dos irracionais, os inferiores servem aos superiores. Os racionais, por outro lado, servem uns aos outros.

Três fundamentos constituem o homem:

i. Primordialmente, a sociabilidade.

ii. A resistência perante as persuasões do corpo, pois os movimentos racionais e inteligentes são, em especial, capazes de se circunscreverem e de não se impulsionarem pelos sentidos ou pelos apetites—ambos animais. A inteligência reivindica a hegemonia e não é dominada por entes inferiores por um bom motivo: foi criada pela natureza para empregá-los.

iii. Ausência de irreflexão e credulidade.

Faça a sua faculdade hegemônica seguir apegada a esses fundamentos. Desse modo, possuirá o que é seu.

56

Considere-se morto. Completou sua vida até este instante. Viva o seu prazo remanescente em harmonia com a natureza.

57

Ame somente os episódios tecidos junto do fio do seu destino. O que há de mais conveniente?

Diante de qualquer incidente, mantenha visível aqueles que já o vivenciaram. Lembre-se de como se aborreceram, trataram-no como estranho e o culparam. Onde estão agora? Em lugar nenhum.

Por que escolhe se comportar como eles? Por que não deixa essas agitações—estranhas à natureza—para quem as causa e é movido por elas? Por que não está totalmente empenhado em empregar corretamente os incidentes? Caso empregue-os bem, serão um material para você!

Apenas atente-se e decida ser um bom homem em cada ação. Recorde-se: o importante é como você age, não onde.

59

Escave o interior. A fonte do bem reside dentro e continuará borbulhando enquanto você escavar.

60

O corpo deve permanecer firme, sem irregularidades nas movimentações ou nas atitudes. A inteligência e a retidão que o entendimento expressa na face devem ser exigidas de todo o corpo. Todavia, devem ser expressas sem afetação.

61

A arte de viver se parece mais com a luta do que com a dança. Deve estar pronto e forte para combater ataques repentinos e inesperados.

62

Observe aqueles cuja aprovação você almeja e quais são as suas faculdades hegemônicas. Caso vislumbre as fontes das suas opiniões e dos seus impulsos, não almejará suas aprovações nem os culpará, pois ofendem involuntariamente.

63

“As almas são privadas da verdade de forma involuntária”, diz o filósofo. Outrossim, da justiça, da temperança, da benevolência e de outras virtudes. É essencial rememorar isso. Caso o faça, será mais gentil com todos.

Quando sentir dor, lembre-se que não é desonroso e que sua inteligência governante não é piorada, dado que não se torna menos racional ou social. Cure-se com este ensinamento de Epicuro: “A dor não é intolerável ou eterna caso se lembre que é limitada e caso não a aumente na sua imaginação.” Recorde-se: esquecemos que outras sensações desagradáveis equivalem à dor, como a sonolência, a queimação ou a inapetência. Quando estiver descontente com tais sensações, diga a você mesmo que está cedendo à dor.

65

Tome cuidado para não sentir pelos desumanos o que eles sentem pelos humanos.

Como sabemos se Telauges tinha ou não um caráter superior ao de Sócrates?

Não basta considerar que Sócrates teve uma morte mais ilustre; que disputou mais habilmente com os sofistas; que resistiu mais ao frio durante as noites; que considerou mais nobre recusar quando foi convocado para prender o homem de Salamina; que andava de maneira arrogante pelas ruas —embora isso seja duvidável.

Devemos examinar qual alma Sócrates possuía; se conseguia se satisfazer apenas sendo justo com os homens e piedoso no tocante aos deuses; se não se aborrecia futilmente com a vilania dos demais; se não se tornava escravo da ignorância alheia; se não considerava sua porção universal estranha ou insuportável; se impedia sua inteligência de simpatizar com os sentimentos da miserável carne.

A natureza não mesclou os atributos com a composição do corpo a ponto de lhe impedir de se circunscrever e de subordinar tudo o que é seu a você. Não se esqueça: é possível ser um homem divino e não ser reconhecido como tal por ninguém. Pouco é preciso para viver feliz. Não renuncie à esperança de ser livre, modesto, sociável e obediente a deus por ter abdicado da dialética e da física.

É factível viver com uma mente tranquila e livre de compulsões mesmo caso todos clamem contra você o quanto quiserem e caso feras rasguem em pedaços os membros dessa matéria amassada crescida em seu entorno.

Em meio a tudo isso, o que impede a mente de preservar a tranquilidade, um julgamento justo sobre os arredores e a prontidão para usar bem os objetos apresentados? O julgamento, então, poderá atestar o seguinte para o que observar: “Esta é a sua substância, ainda que discordem.” O uso atestará para o que cair em suas mãos: “Isto é exatamente o que eu procurava, pois, para mim, tudo que se apresenta é matéria para o exercício da virtude racional e política e da arte pertencente ao homem e a deus.” As ocorrências se relacionam com deus ou com o homem. Não são novas ou difíceis de manusear. São matérias usuais e propícias para o trabalho.

69

A perfeição do caráter moral consiste em vivenciar cada dia como se fosse o último, sem agitações violentas, letargia ou hipocrisia.

70

Deuses são imortais, porém não se incomodam por precisarem tolerar por um longo período os homens como são, majoritariamente maus. Pelo contrário: cuidam deles de diferentes formas. Em contrapartida, você, destinado a perecer tão cedo, está cansado de aturar os maus mesmo sendo um deles?

71

É ridículo não se livrar da própria maldade, algo praticável, enquanto tenta escapar da maldade alheia, algo impraticável.

72

A faculdade racional e política considera inferior tudo que julga estúpido e antissocial.

73

Você fez uma boa ação e outro a recebeu. Por que espera algo mais, como fazem os tolos? Busca reconhecimento ou uma recompensa?

74

Ninguém se cansa de receber benefícios. Agir em concordância com a natureza é benéfico. Logo, não se canse de recebê-los ao concedê-los aos outros.

75

A natureza do todo se moveu para criar o universo. Hoje, os acontecimentos principais para os quais o universo se move são consequências ou não são governados por nenhuma razão. Caso se lembre disso periodicamente, ficará tranquilo frente a tudo que acontece.

Livro VIII

1

Esta reflexão pode remover o seu desejo pela fama vazia:

Não mais está em seu poder ter vivido como um filósofo desde o nascimento, nem ao menos desde a juventude. Para muitos, e até para você mesmo, é nítido quão distante está da filosofia. Você caiu em desordem, de modo que não mais obterá a reputação de filósofo com facilidade. Sua vocação dificulta.

Caso tenha realmente compreendido o dilema, abandone a especulação acerca de como será visto pelos outros e se satisfaça caso viva o resto da sua vida da maneira como a sua natureza desejar. Observe o que ela quer e não admita que nada o distraia. Você já experimentou muitas perambulações e não encontrou a felicidade em nenhum lugar. Não estava nos silogismos, na riqueza, na glória ou no prazer.

“Então, onde está?”

Nas ações adequadas às exigências da sua natureza.

“Como o homem deve realizá-las?”

Por meio da posse das convicções onde se originam seus impulsos e seus atos.

“Quais convicções?”

Aquelas que dizem respeito ao bem e ao mal. A convicção de que tudo o que o torna justo, temperante, viril e livre é bom, e de que tudo que faz o contrário é mau.

2

Antes de qualquer ação, questione-se: “Como isto se relaciona comigo? Vou me arrepender disto? Em breve estarei morto e tudo sumirá. O que mais procuro, se a obra que realizo é a de um ser inteligente e sociável, submetido às leis divinas?”

3

Quem são Alexandre, Caio e Pompeu em comparação com Diógenes, Heráclito e Sócrates? Estes estavam familiarizados com as coisas, suas causas e suas matérias e tinham faculdades hegemônicas condizentes. Aqueles se preocupavam com e eram escravos de tantas coisas!

4

Homens continuarão agindo como agem mesmo se você explodir.

5

Isto é o principal: não se atormente, pois tudo condiz com a natureza do universo, e logo você não será ninguém e não estará em lugar nenhum—tal como Adriano e Augusto. Em seguida, tendo fixado os olhos no que está em seu encargo, lembre-se que é seu dever ser um homem bom. Faça o que a sua natureza exige sem se desviar. Fale somente como lhe parecer mais justo. Contudo, o faça com uma boa disposição, com modéstia e sem hipocrisia.

6

A natureza universal tem este trabalho: levar algo daqui para ali, transformá-lo e levá-lo de lá para longe. Tudo muda. Não precisamos temer nada novo. Tudo é familiar. A distribuição de tudo permanece semelhante.

Toda natureza se contenta consigo mesma quando segue bem seu caminho. A natureza racional caminha bem quando não consente com falsidades ou incertezas; quando dirige seus impulsos unicamente para o bem social; quando restringe desejos e repulsões ao que depende dela; quando se satisfaz com o que lhe é atribuído pela natureza comum.

As naturezas particulares compõem a natureza universal, assim como a da folha pertence à da planta. A diferença é que a natureza da folha é parte de uma que é desprovida de percepção ou razão e está sujeita a impedimentos. A natureza do homem, por outro lado, participa de uma que não pode ser impedida e que é inteligente e justa por atribuir a tudo porções equivalentes e proporcionais ao seu valor, ao seu tempo, à sua substância, à sua causa, à sua atividade e ao seu incidente.

Não examine para descobrir que qualquer coisa comparada com outra é idêntica em todos os aspectos. Analise juntando as partes de uma e comparando-as com as partes juntas de outra.

8

Não dispõe de tempo livre para a leitura. Todavia, possui tempo para controlar a arrogância; para se sobrepor ao prazer, à dor e ao amor pelo prestígio; para não se irritar com os estúpidos e os ingratos e até para cuidar deles.

9

Não seja ouvido criticando a vida na corte por ninguém. Nem por você mesmo.

10

O arrependimento é uma espécie de autorrepreensão por negligenciar algo proveitoso. O que é belo deve ter algum proveito e ser algo com o qual o homem aperfeiçoado se preocupa. Em contrapartida, tal homem jamais se arrependeria por negligenciar um prazer sensual. Por conseguinte, prazeres não são belos ou proveitosos.

11

O que é esta coisa em si mesma—em sua própria constituição? Qual é a sua substância e matéria? Qual é a sua natureza causal? O que desempenha no cosmos? Por qual período subsiste?

12

Quando acordar relutante, lembre-se que agir socialmente cabe à sua constituição e à natureza humana, enquanto dormir é comum aos animais irracionais.

O que corresponde à natureza de um indivíduo é mais peculiar dele, mais adequado à sua natureza e, de fato, mais agradável.

13

Continuamente—sempre que possível, quando a alma for impressionada—, aplique os princípios da física, da ética e da dialética.

14

Ao se encontrar com qualquer homem, pergunte-se imediatamente: “Qual é a convicção dele sobre o bem e o mal?” Caso ele possua tais convicções acerca do prazer e da dor—e das causas de ambos—, da fama e da infâmia ou da vida e da morte, não será espantoso ou estranho se ele se comportar de tais e tais maneiras. Nesse caso, ele seria compelido a se comportar assim.

15

Recorde-se: tão vergonhoso quanto se surpreender com uma figueira que dá figos é surpreender-se com o cosmos que gera tais produtos e subprodutos. Igualmente vergonhoso seria um médico se surpreender quando um paciente está com febre ou um timoneiro quando o vento está desfavorável.

16

Relembre-se que mudar sua opinião, e acompanhar quem o corrigiu, condiz com a liberdade tanto quanto insistir no seu erro. Essa atividade depende de você e é exercida segundo seu próprio impulso, seu julgamento e sua inteligência.

17

Se algo está em seu poder, por que faz isso? Se está sob o poder do outro, atribuirá a culpa a quem? Os átomos ou os deuses? Tolice. Não culpe ninguém. Se puder, corrija-o. Se não, ao menos corrija a questão em si. Caso nem isso possa fazer, por que criticar seria útil? Nada deve ser feito sem um porquê.

18

Aquilo que morreu não se ausenta do universo. Se continua aqui, altera-se e se dissolve em suas partes—elementos do universo e de si próprio. Estas também se alteram, mas não murmuram.

19

Tudo—inclusive o cavalo e a videira—existe para uma finalidade. Por que isso o surpreende? Até o sol e os deuses dirão: “Tenho um propósito.” Para qual você nasceu? Para gozar dos prazeres? Veja se essa resposta resiste a questionamentos.

20

A natureza considerou o fim de cada objeto não menos do que o início e o meio, tal qual o homem que arremessa uma bola. Como a bola se beneficia ao subir ou se prejudica ao descer e cair? E quanto à bolha, ao se manter cheia ou ao estourar? O mesmo pode ser perguntado com relação à chama.

21

Vire do avesso e distingua que tipo de coisa é e em quê se transforma ao envelhecer ou adoecer.

Curta é a vida tanto do elogiador e do elogiado quanto de quem lembra e de quem é lembrado. Todos em um recanto desta parte do mundo. Não concordam nem aqui. Não concordam nem sequer consigo mesmos.

A terra é um mero ponto.

22

Atente-se à convicção, ao ato e à palavra à sua frente.

Seu sofrimento está explicado: postergou se tornar bom para amanhã.

23

Estou agindo? Ajo em prol do bem da humanidade. Algo acontece comigo? Recebo-o e o remeto aos deuses e à fonte de tudo—de onde os acontecimentos derivam.

24

Cada parte da vida e de tudo é como o banho: óleo, suor, terra, água suja e outras nojeiras.

Lucila viu Vero falecer. Depois, faleceu. O mesmo se desenrolou com Secunda e Máximo, Epitincano e Diótimo, Antonino e Faustina, Céler e Adriano e assim por diante.

Onde estão aqueles homens perspicazes—videntes ou orgulhosos—, como Charax, Demétrio, Eudemão e semelhantes? Tiveram uma vida efêmera e estão mortos há anos. Alguns não foram lembrados nem momentaneamente. Outros se transformaram em heróis das fábulas. Os demais desapareceram até delas.

Recorde-se: ou esse seu pequeno composto—você—será dissolvido, ou seu sopro vital será dissipado ou movido para outra área.

26

É satisfatório para o homem trabalhar como lhe é apropriado. São trabalhos próprios do homem: ser benevolente com seus vizinhos; desprezar os movimentos dos sentidos; formar um julgamento justo acerca das impressões plausíveis; inspecionar a natureza do universo e o que ocorre nele.

27

Existem três relações:

- i. com o corpo que o rodeia;
- ii. com a causa divina de onde tudo provém para todos;
- iii. com aqueles que moram com você.

28

A dor é um mal para o corpo ou para a alma. Permita que o corpo diga o que pensa sobre ela. A alma está apta a preservar sua serenidade e tranquilidade e a não considerá-la má. Afinal, os julgamentos, os impulsos, os desejos e as repulsões são internos, e nenhum mal adentra tão fundo.

29

Limpe as suas impressões dizendo frequentemente: “Posso impossibilitar que maldades, paixões ou perturbações invadam esta alma. Ao enxergar as coisas, distingo as suas substâncias e uso cada uma proporcionalmente aos seus valores.” Evoque esse poder natural que detém.

30

Comunique-se, no senado e com todo e qualquer homem, apropriadamente e sem afetação. Discurse de forma clara.

31

A corte de Augusto, a esposa, a filha, os descendentes, os antecessores, a irmã, Agripa, os parentes, os íntimos, os amigos, Areio, Mecenas, os médicos e os padres sacrificadores. Toda a corte está morta.

Agora, volte-se para as outras. Não para as mortes de homens específicos, mas sim para cortes como a de Pompeia. Nas suas lápides está escrito: “O último da sua linhagem.” Meça as dificuldades enfrentadas para designar herdeiros. Perceba que, necessariamente, um seria o último. Pondere a extinção de linhagens inteiras.

Deve ordenar bem a sua vida mediante cada ato. Contente-se caso cada um, na medida do possível, cumpra o seu dever. Ninguém é capaz de obstruir tal cumprimento.

“Mas um entrave obstruirá a travessia.”

Ora, nada o impedirá de proceder com justiça, sobriedade e consideração.

“Mas, talvez, outras atividades minhas sejam obstruídas.”

Bem, ao aquiescer, contentar-se e redirecionar seus esforços para o que é realizável, um procedimento alternativo—oportuno e adequado à ordem mencionada—se revelará perante o obstáculo.

33

Receba sem arrogância. Deixe partir com presteza.

Caso já tenha avistado uma mão, um pé e uma cabeça decepada, enxerga como é um homem que, até onde consegue, aparta-se dos demais, descontenta-se com os eventos e se comporta antissocialmente.

A natureza o concebeu como um membro. Supondo que se ampute da unidade natural, ainda assim terá esta bela providência: a capacidade de se reincorporar. Deus não permitiu que nenhuma outra parte se reincorpore. Medite sobre a bondade divina. Por intermédio dela, distinguiu o homem ao capacitá-lo para não se separar do universo e para reintegrá-lo e reassumir a sua participação caso se separe.

A natureza do universo concedeu aos seres racionais o restante dos seus poderes. Dado que somos racionais, também fomos empoderados.

Ela converte os entraves em material, fixa-os nas suas posições predestinadas e os incorpora. Do mesmo modo, o animal racional é dotado da habilidade de convertê-los e de empregá-los para alcançar os fins pretendidos.

36

Não se perturbe refletindo sobre a sua vida. Não deixe sua imaginação abraçar agora eventuais problemas futuros. Em cada ocasião, indague-se: “O que há de intolerável e insuportável nisto?” Você teria vergonha de confessar!

Em seguida, memorize que é perturbado pelo presente, não pelo passado ou pelo futuro. Ademais, essa perturbação é minimizada caso saiba delimitá-lo. Caso seu entendimento seja incapaz de suportá-la, reprima-o.

Panteia e Pérgamo ainda estão sentados perto do túmulo de Vero? Cabrias e Diótimo continuam próximos de onde jaz Adriano? Isso seria ridículo. Supondo que continuassem lá, os falecidos se conscientizariam? Caso sim, os enlutados ficariam satisfeitos? Caso ficassem, tornariam-se imortais? O destino não ordenou que também envelhecessem e morressem? Depois que estivessem mortos, o que os falecidos fariam?

Tudo isso é mau-cheiro e sangue num saco.

38

“Se puder ver com clareza, observe e julgue com sabedoria,” dizia o filósofo.

39

Na constituição do animal racional, não enxergo nenhuma virtude oposta à justiça. Contudo, uma se opõe ao amor pelo prazer: a temperança.

40

Caso retire a opinião a respeito do que parece lhe causar dor, então o seu “eu” estará seguro.

“Quem é este ‘eu’?”

A razão.

“Mas não sou a razão.”

Então torne-se ela! Não a permita se inquietar. Caso qualquer outro componente seu sofra, deixe-o opinar sozinho.

41

Os obstáculos às sensações e aos impulsos são maus para a natureza animal. Outros o são para a constituição da planta. Da mesma maneira, o que é um obstáculo para a inteligência é um mal para a natureza inteligente.

Aplique estas reflexões a você:

i. A dor ou prazer sensual o afetam? Os sentidos cuidarão disso.

ii. Algo inibe seus esforços? Caso se esforce incondicionalmente, sim, esse impedimento será maléfico para você—um animal racional. Todavia, caso considere o curso usual dos fatos, perceberá que não foi ferido ou impedido. Nenhum homem consegue inibir o que é próprio da inteligência, pois o fogo, o ferro, o tirano e o insulto não a tocam. Quando se arredonda, permanece esférica.

42

Não é certo se ferir, pois nunca feriu o próximo intencionalmente.

43

Coisas diferentes alegram pessoas distintas. Para mim, é uma alegria:

- i. manter a sanidade da faculdade hegemônica;
- ii. não me afastar dos homens ou do que intercorre com eles;
- iii. acolher e empregar os episódios conforme seus valores.

44

Trate de assegurar o momento atual. Quem prefere buscar a fama póstuma ignora que os homens de amanhã serão exatamente como os mortais que não aturam hoje. Qual é a diferença entre os futuros proferirem este ou aquele som e terem esta ou aquela opinião sobre você?

45

Leve-me e me lance aonde decidir, pois lá mantereí meu gênio interior tranquilo e satisfeito enquanto puder sentir e atuar de acordo com a sua constituição. Ser levado para outro local é motivo para minha alma ficar infeliz, pior, deprimida, expandida, encolhida ou assustada? O que encontraria lá que poderia motivar isso?

46

Nenhum acidente artificial e incompatível com suas respectivas naturezas pode acontecer com os homens, os bois, as videiras e as pedras. Se os acidentes são usuais e naturais, por que reclamar? A natureza comum não traz nada que não seja suportável.

A causa do seu sofrimento não está em algo externo, mas em seu próprio julgamento. E está em seu poder cessá-lo agora. Se a causa estiver na sua própria convicção, quem o impede de corrigi-la? Se sofre por não estar fazendo o que acredita ser correto, por que não age em vez de se lamentar?

“Mas há uma barreira intransponível no trajeto!”

Então não lamente, pois isso independe de você.

“Mas não vale a pena viver se não ela não puder ser transposta.”

Então parta tão satisfeito quanto quem está em plena atividade apesar das barreiras.

Recorde-se que a faculdade hegemônica fica invencível e serena quando se retira para dentro. Não realiza nada que não tenha escolhido realizar, ainda que por mera obstinação. O que será dela quando julgar racional e deliberadamente, e não de modo obstinado?

Um entendimento livre de paixões é uma cidadela. Não há refúgio mais seguro e inexpugnável. Quem não compreende isso é ignorante. Quem compreende porém não se refugia é infeliz.

49

Não acrescente aos relatos das primeiras impressões.

Suponha que alguém o maldisse. Somente isso foi relatado. Não há um relato de que você se ofendeu. Vejo que meu filho está doente, mas não que a sua vida está em risco.

Atente-se à impressão inicial sem nada acrescentar e nada o atingirá. Ou melhor, adicione a ela como um homem que sabe o que se passa no cosmos.

O pepino está amargo? Jogue-o fora! Há espinheiros na estrada? Dê a volta! Isso é suficiente. Não adicione: “Por que essas coisas existem?” Se adicionar, será ridicularizado por um homem que se familiarizou com a natureza, tal como seria por um sapateiro ou um carpinteiro se os criticasse por conta das aparas e dos retalhos nas suas oficinas.

Eles possuem espaços onde descartam as sobras dos seus trabalhos, mas a natureza universal não. Ela se circunscreveu. A maravilha da sua arte está em converter para si tudo o que dentro dela que decai, envelhece ou se inutiliza e em criar o novo a partir do velho. Ela o faz de um jeito que não necessita de substância externa nem precisa descartar o que se deteriora. Ela se contenta com seu próprio espaço, sua própria matéria e sua própria arte.

51

Não seja indolente nos seus atos, incoerente nas suas falas ou vago nos seus pensamentos. Não tolere contendas internas ou efusões externas à sua alma. Não se ocupe a ponto de não dispor de lazer.

Suponha que o matem, esquartejem-no e o amaldiçoem. Como tal violência poderia sufocar a pureza, a sabedoria, a sobriedade e a justeza do seu entendimento? Caso um homem se aproxime de uma fonte pura e límpida e a amaldiçoe, ela não interromperá o fluxo de água potável. Caso lhe jogue barro ou sujeira, ela rapidamente os dissolverá e os enxaguará, de forma que não ficará poluída.

Como, então, perpetuará a sua fonte, em vez de secá-la? Ancorando-se a cada instante na liberdade mediante o contentamento, a simplicidade e a modéstia.

52

Quem não conhece o cosmos não sabe onde está. Quem não conhece o propósito cósmico não sabe quem é ou o que é o cosmos. Quem desconhece ambos nem sequer poderia dizer para qual finalidade existe. Portanto, o que esperar de quem busca aplausos dos homens que desconhecem quem são ou onde estão?

53

Você deseja ser elogiado por quem se amaldiçoa três vezes por hora?
Gostaria de satisfazer aquele que não se satisfaz? Quem se arrepende de
quase todos os seus feitos se alegra?

Não basta que sua respiração harmonize com o ar circundante. É preciso harmonizar a sua inteligência com aquela que abrange tudo. A força inteligente não está menos difundida por todos os lotes. Ela permeia o todo, e está tão disponível para quem está disposto a inspirá-la quanto o poder aéreo para quem é capaz de respirá-lo.

55

Em geral, a maldade não desarranja o universo. A perversidade daquele um não danifica este. Só é danificado quem está apto a se livrar do dano quando quiser.

A volição do meu vizinho é, para a minha, tão indiferente quanto o seu pobre sopro vital e a sua carne. Embora tenhamos sido feitos para o bem um do outro, nossas faculdades hegemônicas detêm seus próprios encargos. Do contrário, a crueldade do meu vizinho seria minha e a minha infelicidade dependeria de outrem—o que deus não quis.

O sol parece ter se dispersado. De fato, propaga-se em todas as direções, mas não se dispersa, pois essa propagação é uma extensão. Seus raios são chamados de “extensões” porque se “estendem”.

Você pode observar o que é um raio solar caso enxergue um feixe de luz atravessando uma abertura estreita e iluminando uma sala escura. Ele se estende em linha reta e se difunde quando incide sobre qualquer objeto sólido que o eclipsa e que intercepta o ar. Nessa superfície, a luz se fixa— não desliza nem desprende.

Assim deve ser a propagação e a difusão do entendimento. Deve não se dispersar, mas sim se estender. Não deve colidir violenta ou impetuosamente com as superfícies. Deve fixar-se sem desprender e iluminar onde atinge. A superfície que não o absorve se priva da iluminação.

58

Quem teme a morte teme a perda dos sentidos ou a alteração da qualidade das sensações. Caso perca os sentidos, não sentirá dores. Caso a qualidade das suas sensações seja alterada, você se tornará um ser vivo distinto e não deixará de viver.

59

Os homens existem para o benefício uns dos outros. Ensine-os ou tolere-os.

60

A trajetória da flecha é uma e a da inteligência é outra. A inteligência avança em direção ao seu alvo mesmo quando está cautelosa ou investigadora.

61

Entre na faculdade hegemônica de cada um. Autorize que entrem na sua.

Livro IX

1

Age injustamente quem age impiamente. A natureza universal criou os animais racionais uns para os outros—para se ajudarem conforme seus méritos, e não para se prejudicarem. Quem transgride a vontade natural, bem como quem mente, é culpado de impiedade em relação à divindade suprema. Afinal, a natureza do universo é a mesma natureza das coisas existentes, e essas se relacionam com tudo que vem à existência. Ademais, a natureza universal é denominada “verdade” e é a causa primária de todas as coisas verdadeiras.

Quem mente de modo voluntário demonstra falta de piedade, na medida em que é injusto ao enganar. Quem mente de maneira involuntária, idem, visto que diverge da natureza do universo e que perturba a ordem ao contrariá-la. Além disso, afasta-se da verdade, pois, apesar de a natureza ter provido aptidões, negligencia a sua aptidão para distinguir o que é falso do que é verdadeiro.

De maneira análoga, é impiedoso aquele que persegue o prazer como se fosse um bem e evita a dor como se fosse um mal. Necessariamente, tal homem critica a natureza universal com frequência, alegando que ela atribui coisas desmerecidas aos homens maus e aos bons. Alega que os maus gozam do prazer e das coisas prazerosas, ao passo que os bons sofrem devido ao que lhes foi proporcionado e às coisas dolorosas.

Quem teme a dor às vezes também teme acontecimentos futuros—demonstrando impiedade. Quem busca o prazer não abdica da injustiça, o que é nitidamente impiedoso.

A natureza universal é afetada com igualdade pelas coisas indiferentes—afinal, a dor e o prazer não teriam sido criados caso não a afetassem igualmente. Quem pretende seguir a natureza deve partilhar da sua mente e ser igualmente afetado por essas coisas. Logo, age de maneira ímpia quem, diferente da natureza do universo, não emprega da mesma forma a dor e o prazer, a morte e a vida ou a honra e a desonra.

Quando digo que a natureza universal emprega as coisas indiferentes de modo idêntico, quero dizer que essas acontecem da mesma maneira para o que é produzido em uma sequência de eventos e para o que sucede a partir de um movimento original da providência. Segundo esse impulso, o que é

indiferente se moveu do início até a presente ordem das coisas, concebeu os princípios das coisas que viriam a existir e atribuiu a capacidade de produzir coisas existentes, metamorfoses e sucessões.

2

O mais feliz destino de um homem seria abandonar a humanidade sem experimentar a falsidade, a hipocrisia, a pomposidade e o orgulho. Uma viagem ainda melhor, segundo o ditado, seria dar o último suspiro quando estiver farto desses vícios.

Você está determinado a tolerar o vício? A experiência não o induziu a fugir dessa pestilência? A corrupção do entendimento é uma peste pior do que qualquer adulteração da atmosfera à nossa volta. Esta corrompe os animais enquanto animais, ao passo que aquela corrompe os homens enquanto homens.

3

Contente-se com a morte e não a despreze, dado que ela é um dos desejos da natureza. A dissolução é uma das operações naturais trazidas pelas estações da vida, tal como ser jovem e envelhecer, maturar e atingir a maturidade, ter dentes, barba e cabelos grisalhos e procriar, engravidar e parir.

Isto posto, é consistente com o caráter de um homem ponderado aguardar a morte do mesmo jeito que aguarda uma operação da natureza—sem descuido, impaciência ou desdém. Assim como agora você espera a criança sair do ventre de sua esposa, esteja pronto para sua alma desabitatar esse envelope.

Não obstante, a fim de se capacitar para reconciliar com a morte, talvez você demande um conforto vulgar que toca o coração. Nesse caso, pense nas coisas das quais você será privado e na moral daqueles com quem a sua alma não mais será misturada.

Não é certo se ofender com os homens. É seu dever cuidar e ser gentil com eles. Lembre-se de que não deixará os homens com os quais compartilha convicções. Viver em meio àqueles cujas convicções partilhamos seria a única possibilidade que poderia nos atrair para o caminho oposto—se é que existe alguma. Agora, entretanto, você mede o quão grande são os problemas oriundos da discordância com aqueles com quem convive, a ponto de dizer: “Venha depressa, ó morte, para que, porventura, eu também não me esqueça de mim mesmo.”

4

Quem comete o mal acomete contra si próprio. Quem perpetua a injustiça é injusto consigo mesmo—porque se torna mau.

5

Atua injustamente não só quem age, como também quem se abstém de agir.

6

São suficientes: a sua atual opinião baseada na compreensão, a sua vigente conduta direcionada ao bem social e a sua presente satisfação com as circunstâncias.

7

Cesse a imaginação. Restrinja o desejo. Suprima o impulso. Conserve o domínio da faculdade hegemônica.

8

Entre os animais irracionais, uma vida é distribuída. Entre os racionais, uma alma inteligente é racionada. Da mesma forma, entre tudo que é terrestre por natureza, uma única terra é partilhada. Por nós, dotados da vitalidade e da capacidade de enxergar, uma mesma luz é enxergada e um mesmo ar é respirado.

9

Todas as coisas integrantes de algo comum se atraem por outras congêneres.

O que é terreno retorna à terra. O que é líquido, tal qual o que é aéreo, flui junto—de modo que mantê-los separados requer aplicação de algo externo e da força. O fogo ascende rumo ao fogo elemental, porém está pronto para acender junto do fogo mundano. Substâncias um tanto secas são facilmente inflamadas, porque estão menos misturadas com o que impede a ignição.

Outrossim, tudo o que integra a natureza inteligente comum é atraído por aquilo que é da mesma espécie. Esta atração é, quiçá, maior, pois esses integrantes, por serem superiores a todas as outras coisas, estão mais propensos a se atraírem por e se misturarem com o que é símil.

Dentre os animais irracionais, encontramos enxames, rebanhos e ninhos—onde filhotes são criados, de certo modo, com amor. Mesmo os animais possuem almas, pois a ligação que os une é superior a tudo que já foi observado nas pedras, plantas e árvores.

Dentre os racionais, existem comunidades políticas, amizades, famílias e reuniões. Em meio às guerras, tratados e armistícios. Entre as coisas ainda mais elevadas existe uma unidade mesmo quando há separação, como entre as estrelas. Portanto, a ascensão ao grau superior é capaz de produzir simpatia mesmo entre coisas separadas.

Veja, então, o que agora ocorre: os animais inteligentes negligenciam essa atração e inclinação mútua, e somente neles a propriedade de fluir em conjunto não é vista. Contudo, embora se esforcem para evitar a união, os homens são reunidos e retidos juntos, pois suas naturezas são mais fortes. Caso observe, constatará o que eu digo. Encontrará mais facilmente algo terrestre desprendido da terra do que um homem totalmente isolado dos outros.

10

O homem, deus e o universo produzem frutos. Cada um é frutífero na estação adequada. Não importa se o costume limitou esse termo à videira e às outras plantas. A razão produz frutos para tudo e para si mesma. Desses, brotam outras coisas da mesma cepa que a própria razão.

11

Se for capaz, corrija e ensine aqueles que erram. Se não, lembre-se: a indulgência foi atribuída a você para esse propósito. Os deuses também são indulgentes com eles. São gentis a ponto de ajudá-los a obter saúde, riqueza e reputação para certos fins. Ser indulgente também está em seu poder. Diga-me: quem o impede?

12

Não trabalhe como um miserável ou como alguém digno de pena ou admiração. Dirija a sua vontade apenas para se movimentar e se controlar, conforme exige a razão social.

13

Hoje eu me retirei de todos os problemas. Ou melhor, retirei-os de mim, pois se situavam não fora, mas dentro—nas minhas opiniões.

14

Tudo se mantém idêntico. A experiência permanece familiar. O tempo, efêmero. A matéria, insignificante. Tudo decorre hoje da mesma maneira como decorria na época daqueles sepultados por nós.

15

As coisas existem fora de nós. São autossuficientes, porém não autoconscientes. Não externalizam qualquer julgamento. Então, o que as julga? A faculdade hegemônica.

16

A má e a boa índole do animal social dotado de razão, bem como sua virtude e seu vício, encontram-se na atividade, e não na passividade.

17

Para uma pedra arremessada para o alto, cair não é mau, uma vez que subir não foi bom.

18

Aprofunde-se na faculdade hegemônica dos homens. Assim, saberá quais juízos você teme e quais tipos de juízes eles são no que diz respeito a eles próprios.

19

Tudo está mudando. Você mesmo está em contínua mutação e, em certo sentido, destruição. Todo o cosmos também.

20

É seu dever deixar o ato ilícito de outro homem onde está.

21

O término da atividade, o encerramento do impulso e da opinião e a morte de ambos não são maus. Considere sua vida quando criança, jovem, adulto e idoso. No decorrer desses ciclos, as transformações foram mortes. Isso é amedrontador? Examine, agora, sua vivência com seu avô, com sua mãe e, então, com seu pai. Reencontrará muitas outras diferenças, oscilações e desfechos. Pergunte-se: “Isso é temeroso?” Do mesmo jeito, o término, o encerramento e a transformação da vida não devem ser temidos.

22

Acelere-se para investigar a sua própria faculdade hegemônica, a do universo e a do seu vizinho. A sua, a fim de torná-la justa. A do universo, a fim de lembrar do que você é parte. A do seu vizinho, a fim de discernir se ele agiu ciente ou por ignorância e de relembrar a semelhança entre a faculdade hegemônica dele e a sua.

Como você é membro de um sistema social, conduza cada ação para participar da vida em sociedade. Atos não conduzidos, imediata ou remotamente, para uma finalidade social desmembram a sua vida. Não os admita, porque são da natureza de um motim—tal como quando, durante uma assembleia popular, um homem, agindo de forma independente, aparta-se do consenso geral.

24

Disputas e jogos de crianças. “Pobres espíritos carregando cadáveres.” Então, o que é exibido na representação da mansão dos mortos atinge nossos olhos com maior clareza.

25

Analise a qualidade da forma do objeto. Isole-o de sua parte material. Contemple-o. Delimite o prazo mais longo que tal objeto é feito para durar naturalmente.

26

Você aturou infinitos problemas por não se satisfazer com sua faculdade hegemônica—a qual cumpre com o que a natureza a constituiu para cumprir. Basta!

Quando for inculpado, odiado ou difamado por outros, aproxime-se das pobres almas alheias, adentre-as e veja de qual tipo são. À vista disso, deduzirá que não há motivo para se incomodar com esta ou aquela opinião a respeito de você.

No entanto, você deve estar bem-disposto para com eles, porque são amigos por natureza. Os deuses também os ajudam—por sonhos, sinais e todas as maneiras—a obter o que valorizam.

Os movimentos periódicos do cosmos permanecem os mesmos—para cima ou para baixo e de era em era. A inteligência universal ou se movimenta em direção a cada resultado específico—nesse caso, contente-se com os frutos desse movimento—ou se move uma única vez e tudo segue a partir dessa moção. Do contrário, elementos indivisíveis originam tudo. Em suma, se há um deus, tudo está bem. Se o acaso reina, não o permita governá-lo.

Em breve, seremos cobertos pela terra. Em seguida, a terra se modificará. As consequências dessa modificação também serão transformadas, e essas, por sua vez, idem—pela eternidade. Caso reflita sobre as mudanças e transmutações—e a rapidez com a qual sucedem onda após onda—, o homem desprezará o que é perecível.

A causa universal é como uma torrente: carrega tudo consigo.

Quão indignas são essas pobres pessoas engajadas em questões políticas, supondo que atuam como filósofos! Tolos.

Pois bem, faça o que a natureza agora exige. Caso esteja em seu poder, movimente-se e não se importe se alguém o observará ou não. Não espere pela República de Platão. Satisfaça-se com os menores progressos, e não os desconsidere.

Quem pode mudar as opiniões dos homens? Sem mudança de opinião, o que mais há senão a escravidão dos homens, que lamentam enquanto fingem obedecer?

Mencione Alexandre, Filipe e Demétrio de Faleros. Somente eles próprios dirão se descobriram as exigências da natureza comum e se treinaram de acordo. Todavia, se agiram como heróis de uma tragédia, ninguém me condenou a imitá-los.

Simple e modesto é o trabalho da filosofia. Não me desvie rumo à insolência e ao orgulho.

Observe, de cima para baixo, as incontáveis multidões de homens e suas cerimônias. As infinitas e variadas viagens em meio a tempestades e em meio à calmaria. As diferenças entre aqueles que juntos nascem, vivem e morrem.

Contemple as vidas de outros em tempos antigos. As vidas daqueles que viverão depois de você. As vidas agora sendo vivenciadas em nações bárbaras. Quantos nem sequer sabem o seu nome! Quantos logo o esquecerão! Como você, amanhã, talvez será culpado por aqueles pelos quais, hoje, é louvado. Como nomes de antepassados carecem de valor, de reputação e de qualquer relevância.

31

Que haja emancipação de perturbações por coisas cujas causas são externas. Que haja justiça nas ações feitas em virtude da causa interna. Isto é, que haja impulsos e atos direcionados ao bem social, porque isso está em consonância com a sua natureza.

Você pode remover do caminho as inutilidades que o perturbam, pois se localizam inteiramente na sua opinião. Você, então, desocupará um amplo espaço, com o qual poderá compreender todo o universo em sua mente, a infinidade do tempo, a ligeira oscilação de cada parte do todo, a eternidade antes do nascimento e depois da dissolução e o quão breve é o período entre ambos.

33

Tudo o que você vê perecerá rapidamente. Quem esperar o perecimento também. Quem morrer na mais longínqua velhice será reduzido à mesma condição de quem morrer cedo.

34

Quais são os princípios hegemônicos desses homens? Com que se ocupam?
Por quais motivos amam e honram?

Visualize suas almas nuas. Presumem praticar o mal quando culpam e
o bem quando elogiam. Que arrogância!

A perda nada mais é do que a renovação. A natureza universal se deleita ao se renovar. Tudo que a obedece ocorre bem, conserva sua forma desde a eternidade e se conservará doravante.

Por que, então, você diz que tudo foi e sempre será ruim? E que nenhum entre tantos deuses detém o poder de retificar tudo? E que o mundo foi condenado a nunca se livrar do mal?

36

A podridão da matéria em que tudo se apoia!

Água, pó, ossos e sujeira. As pedras de mármore são as calosidades da terra. O ouro e a prata, os sedimentos. As vestes, os fios de cabelo. A púrpura, o sangue de molusco. E assim por diante, referente a todo o resto.

O que é da natureza do sopro vital também é outra coisa do mesmo gênero, e muda disso para aquilo.

Chega dessa vida miserável de murmúrios e macaquices. Por que você está perturbado? O que há de novo nisso? O que o perturba? É a forma da coisa? Olhe para ela. Ou é a matéria? Observe-a. Não há nada além de ambas.

Com respeito aos deuses, torne-se, finalmente, mais simples e melhor. Não há diferença entre examinar essas questões por cem ou três anos.

38

Se um homem causou algum dano, danificou a si próprio. Contudo, talvez não tenha causado dano algum.

Ou todas as coisas procedem de uma fonte inteligente e vêm incorporadas na totalidade—e, assim sendo, as partes integrantes não devem apontar falhas no que beneficia o todo—ou existem apenas átomos, misturas e dispersões.

Por que, então, está perturbado? Pergunte à faculdade hegemônica: Você está morta ou corrompida? Está sendo hipócrita? Tornou-se uma besta e será arrebanhada e alimentada com as outras?

Os deuses são potentes ou impotentes. Caso não tenham poder, por que rezar? Caso tenham, em vez de orar pela ocorrência ou não de um evento, por que não suplicar pela abstenção do medo, do desejo e da dor? Caso sejam capazes de cooperar com os homens, os deuses poderão contribuir para essas finalidades.

Talvez você alegará que os deuses o capacitaram para alcançar esses fins. Bem, nesse caso não seria melhor empregar, como um homem livre, o que está em seu poder, ao invés de desejar, de modo servil e abjeto, o que não está? Ademais, quem lhe disse que os deuses não nos ajudam quando se trata do que está em nosso poder?

Comece, então, a orar por tais fins e você verá.

Um homem ora deste jeito: “Como deitar com aquela mulher?”

Você, deste: “Como não desejar deitar com ela?”

Outro, assim: “Como me livrar disso?”

Você: “Como não desejar ser livrado?”

Um terceiro: “Como evitar perder meu pequeno filho?”

Você: “Como não temer perdê-lo?”

Enfim, oriente suas orações para esses propósitos e repare o que acontece.

Epicuro diz: “Quando doente, não conversei ou comentei com as visitas sobre meus sofrimentos corporais. Como antes, continuei discorrendo sobre a natureza das coisas e sobre o principal: como a mente se livra de perturbações e mantém seu próprio bem enquanto sente as agitações na pobre carne. Não admiti que os médicos me olhassem de maneira solene ou que acreditassem exercer um grande feito, porque minha vida seguia bem e feliz.”

Comporte-se como ele tanto quando adoecer quanto em quaisquer outras circunstâncias. Independentemente do acontecido, não abandone a filosofia e, seja com um ignorante ou com um não-familiarizado com a natureza, não mantenha conversas triviais—ambos preceitos comuns a todas as escolas filosóficas. Concentre-se somente naquilo que você faz e no instrumento por meio do qual o faz.

Quando se ofender com a conduta despudorada de qualquer homem, indague-se: “É possível este homem não existir no mundo?” Não. Então não exija o impossível! Por necessidade, homens impudentes devem existir, e esse é um deles.

Mantenha isso em mente quando se deparar com um trapaceiro, com um desleal e com qualquer homem incorreto. Em vista disso, ao mesmo tempo que se relembrará da impossibilidade da inexistência de tal homem, você se tornará mais gentil com cada um deles.

Ao longo de cada uma dessas ocasiões, é útil também relembrar qual virtude a natureza atribuiu ao homem para combater cada ato ilícito. Contra a estupidez, foi atribuída a brandura. Contra outros vícios, outros antídotos.

É sempre possível retificar o homem desviado—desvia-se quem perde de vista o caminho reto.

Ademais, onde você foi ferido? Descobrirá que nenhum daqueles com quem se irritou fez algo que pudesse danificá-lo. O que é mau e danoso fundamenta-se apenas na sua mente.

O que há de nocivo ou extraordinário nas ações não instruídas realizadas por um homem sem instrução? Antes de culpá-lo, talvez você devesse se culpar por não ter antecipado tais erros de tal homem. Sua razão providenciou meios para antecipar a possibilidade de um homem errado cometer erros, porém você se esqueceu disso e acabou surpreso.

Sobretudo, quando acusar um homem de infidelidade ou ingratidão, volte-se para você próprio, pois a culpa é sua. Você confiou na promessa de um homem com tal disposição. Além disso, ao ser bondoso, não o foi de forma absoluta e não aceitou como recompensa a sua própria ação. O que mais quer quando serve um homem? Você não se contenta com uma ação consoante a sua natureza e, ainda por cima, procura ser pago por servir? Ora, o olho não exige recompensa por enxergar e nem o pé por andar! Os olhos e os pés foram formados para um propósito intrínseco e, quando se empregam de acordo com suas respectivas constituições, obtêm o que é próprio deles. Da mesma maneira, o homem foi concebido pela natureza para ser benfeitor. Quando pratica o bem e converge para o interesse

comum, o homem age conforme sua constituição e obtém o que é próprio dele.

Livro X

1

Ó alma, nunca serás boa, simples, única, nua e mais evidente do que o corpo que te rodeia? Nunca desfrutarás de uma disposição afetuosa e contente? Nunca estarás completa e sem quaisquer necessidades, ânsias e desejos por prazeres oriundos de entes animados ou inanimados? Quando deixarás de desejar um momento em que terás mais prazer, um lugar ou um clima mais agradável ou uma sociedade onde poderás viver em mais harmonia?

Haverás de satisfazer-te com a tua condição atual e com tudo que te cerca? Tu te convencerás de que já tens tudo? De que tudo te beneficia? De que tudo provém dos deuses? De que tudo que os agrada te convém? De que tudo que providenciam basta para manter um ser vivo aperfeiçoado, benevolente, justo e belo—o qual gera, une, contém e abrange todas as coisas que são dissolvidas para formar outras semelhantes?

Nunca permanecerás em comunhão com os deuses e os homens a ponto de não criticá-los ou ser condenada por eles?

2

Como é governado apenas pela sua natureza, verifique aquilo que ela requer, faça-o e o aceite—caso aquilo não piore sua natureza enquanto ser animado. Em seguida, identifique as exigências da sua natureza de ser vivo e as cumpra—caso não prejudiquem sua natureza enquanto animal dotado de razão. Ora, um animal racional é, por consequência, político. Portanto, aplique essas regras e não se preocupe com mais nada.

3

A natureza o formou ou não para suportar certas eventualidades. Caso determinado evento seja suportável, não reclame e suporte-o. Caso não, não se queixe, pois ele cessará após consumi-lo. Em ambos casos, não se esqueça que foi formado pela natureza para tolerar todos os eventos que se tornam suportáveis e toleráveis caso opine que tolerá-los é de seu interesse ou é seu dever.

4

Caso um homem esteja errado, ensine-o gentilmente e mostre-lhe seu erro.
Se não for capaz, culpe-se ou não culpe ninguém.

5

As ocorrências foram preparadas para você desde a eternidade. O envolvimento das causas teceu os fios da sua existência e daquilo que lhe incide.

6

Seja o universo um aglomerado de átomos ou um sistema natural, preceituo:

- i. sou membro do todo que é regido pela natureza;
- ii. estou intimamente ligado aos outros da mesma espécie.

Recordando-me disso, não me descontentarei com as porções do todo que me forem designadas, pois nada que favorece o todo prejudica a parte. O todo não compreende nada que não seja vantajoso para si. Todas as naturezas compartilham desse princípio, porém a do todo possui outro: não há força externa que poderia compeli-la para se prejudicar. Lembrando que participo dele, eu me contentarei com os incidentes.

Em virtude da minha relação íntima com os membros congêneres, não serei antissocial. Dirigirei meus esforços aos nossos interesses comuns e não ao contrário. Procedendo desse modo, a vida fluirá felizmente. Vive feliz quem mantém um curso de ação benéfico para seus concidadãos e se contenta com o que o estado o atribui.

As partes do todo—de tudo que está contido no universo de forma natural—devem necessariamente perecer. Entenda neste sentido: devem mudar. Caso estarem sujeitas a variadas mudanças e percimentos lhes fosse um mal necessário, o todo não subsistiria em boas condições. Será que a natureza planejou danificá-las, subjugar-las e forçá-las a caírem no mal? Ou será que ela as danifica sem perceber? Ambas as suposições são inverossímeis.

Mesmo se abandonasse o termo “natureza” e as considerasse espontâneas—suscetíveis à mudança—, seria ridículo se surpreender e se aborrecer como se fossem artificiais. Afinal, os componentes se decompõem naqueles dos quais são compostos. Ou há uma dispersão dos elementos a partir dos quais tudo foi composto, ou uma transição de sólido para terreno e de etéreo para aéreo até retornarem à razão universal. São decompostos independentemente de tudo ser consumido pelo fogo de maneira periódica ou renovado pela eternidade.

Não ache que a sua fração sólida e a aérea lhe pertencem desde o seu nascimento. Foram absorvidas ontem e anteontem por meio da comida ingerida e do ar inalado. O que muda é o que foi absorvido, não aquilo que a sua mãe pariu. O que afirmei não é refutado nem caso aquilo tenha se envolvido com as suas demais frações.

8

Quando assumir os títulos “benigno,” “modesto,” “verdadeiro,” “racional,” “equânime,” e “magnânimo,” cuide para não os perder. Caso os perca, recupere-os rapidamente.

Lembre-se:

i. A racionalidade designa a atenção discriminativa a cada objeto e a abstenção da negligência.

ii. A equanimidade é a aceitação voluntária das porções atribuídas pela natureza comum.

iii. A magnanimidade é a elevação da parte inteligente acima das sensações prazerosas ou dolorosas da carne, da pobre fama, da morte e de trivialidades parecidas.

Caso os preserve—sem exigir que seja reconhecido por eles—, será outra pessoa e entrará em outra vida. Permanecer como tem sido até agora—e ser despedaçado e contaminado—é característico de um homem estúpido e apaixonado por viver. Seria comparável àqueles gladiadores parcialmente devorados por feras selvagens e cobertos por feridas e sangue: suplicam pela sobrevivência até o dia seguinte, embora serão expostos à mesma situação e às mesmas garras e presas.

Sendo assim, apoie-se nesses poucos títulos. Se estiver apto, permaneça com eles como se tivesse partido para a ilha dos bem-aventurados. Se notar que está perdendo eles e o controle, vá corajosamente para algum recanto onde possa recuperá-los ou parta de vez—sem paixões, com singeleza, liberdade e modéstia e completando, ao menos, um bom ato partindo desse jeito.

Recordar-se dos deuses ajuda a memorizar esses títulos. Desejam não a lisonja, mas sim que os seres racionais ajam como eles. Recorde-se: só a figueira frutifica figos, só o cão late, só a abelha produz mel e só o homem realiza o trabalho de um homem.

9

A mímica, a guerra, o espanto, o torpor e a escravidão aniquilarão diariamente aquelas suas convicções mais sagradas. Quando não estuda a natureza, quantas coisas imagina e quantas negligencia?

É seu dever examinar e proceder com o intuito de:

- i. aperfeiçoar a sua capacidade de lidar com as circunstâncias;
- ii. exercitar a sua faculdade contemplativa;
- iii. preservar a confiança advinda do conhecimento acerca dos pormenores—sem exibi-lo ou escondê-lo.

Quando desfrutará da simplicidade, da seriedade e do conhecimento sobre cada coisa—quais são as substâncias, quais regiões ocupam no universo, por quanto tempo foram constituídas para durar, de quais são compostas, a quem podem pertencer e quem pode concedê-las e removê-las?

10

Uma aranha se orgulha quando pega uma mosca. Outros quando pegam uma pobre lebre, um peixinho na rede, um javali, um urso e um sármata. Se examinar as convicções deles, não constatará que são ladrões?

11

Adquira o método contemplativo de observar como as coisas se transformam umas nas outras. Atente-se constantemente a ele. Pratique-o, pois nada é tão propício para elevar o seu caráter.

O homem que o faz se despojou do corpo e percebeu que partirá e deixará tudo aqui, apesar de não saber quando. À vista disso, entrega-se inteiramente para a justiça quando atua e para a natureza universal quando vivencia os episódios. Desconsidera o que falam, pensam ou fazem contra ele. Contenta-se com a sua habilidade de trabalhar de forma justa sobre o que tem em mãos e de se satisfazer com o que lhe é atribuído. Distancia-se de todas as distrações e ocupações. Nada busca além de percorrer o caminho reto seguindo deus e a lei.

12

Se estiver em seu poder investigar o que deve ser feito, para que serve esse seu medo desconfiado? Caso possa ver com clareza, siga satisfeito por este caminho, sem voltar atrás. Se não puder, pare e consulte os melhores conselheiros. Caso se depare com algum obstáculo, prossiga como for viável, com a devida consideração e firmando-se no que parece ser justo. Não há nada melhor do que alcançar esse objetivo. Se for falhar, falhe tentando alcançá-lo. Quem segue a razão é, simultaneamente, ativo, tranquilo, alegre e controlado.

Ao acordar, pergunte-se: “Faz diferença ser elogiado ou difamado por ser justo e correto?” Não. Esqueceu-se de como aqueles homens que elogiam e difamam com ar de superioridade se comportam na cama ou na mesa? Do que fazem, do que fogem e do que perseguem? De como pilham e roubam sem usar os pés e as mãos—com seus atributos mais valiosos, de onde, caso houvessem escolhido, emergiria a fidelidade, a modéstia, a verdade, a lei e um bom gênio interior?

14

À natureza que concede e remove, o homem instruído e modesto diz sem orgulho, com obediência e satisfação: “Atribui e retira o que tu desejares.”

15

Breve é o tempo que lhe resta. Viva como numa montanha. É indiferente residir aqui ou lá se reside em comunidade. Permita que observem e conheçam um homem real, que vive em conformidade com a natureza. Caso não o suportem, que o matem, pois é melhor falecer do que viver desse jeito.

16

Pare de conjecturar como um bom homem deve ser. Seja um.

17

Meça, regularmente, a imensidão do tempo e a vastidão da substância. Em relação a esta, cada coisa é análoga a uma semente de figo; àquela, ao girar de uma verruma.

18

Contemple tudo que existe e repare como está se dissolvendo e mudando— como se estivesse putrefazendo ou dispersando, como se houvesse sido constituído pela natureza para sucumbir.

19

Analise:

- i. quem são quando comem, dormem, procriam, relaxam e assim por diante;
- ii. a qual categoria pertencem quando demonstram imperiosidade, arrogância ou raiva e repreendem a partir de uma posição elevada;
- iii. quantos objetos os escravizavam há pouco tempo, e para quais fins;
- iv. em qual condição estarão em breve.

20

Para cada componente, o que a natureza provém é favorável e o instante em que o faz é oportuno.

21

“A terra adora a chuva. O éter solene adora...” O cosmos ama originar os acontecimentos. Em função disso, digo-lhe: “Amo tal como tu amas.” Isso não está implícito quando dizem que “isto ou aquilo ama acontecer”?

22

Continuar vivendo aqui e se habituar, partir por vontade própria ou morrer porque cumpriu seu dever. Não há outra possibilidade além dessas. Por isso, mantenha-se animado.

23

Que isto fique claro: este pedaço de terra é igual a qualquer outro. O que existe aqui existirá no topo das montanhas, na beira das praias ou onde decidir estar. Constatará exatamente o que Platão disse: “Cercado como num redil de um pastor montanhês, ordenhando um rebanho balador.”

24

Para mim, qual é a minha faculdade hegemônica? Como a emprego? Para qual propósito a utilizo? Está desprovida de inteligência, solta e apartada da vida comunitária ou tão fundida e misturada com a pobre carne que se move junto dela?

25

Quem fugiu do seu mestre é um escravo fugitivo. Dado que a lei é mestra, quem a infringe está fugindo. Já quem está aflito, receoso ou colérico está insatisfeito por conta do que foi, é ou será daquilo que lhe foi outorgado por aquele que governa. Ora, o governante é a lei, a qual outorga a cada um o que é adequado. Ou seja, quem se aflige, receia ou se encoleriza também foge.

26

Um homem deposita a semente num útero e se ausenta. Depois, outra causa assume, trabalha nela e gera uma criança. Que fenômeno gerado a partir de tal material!

A criança engole o alimento. Em seguida, uma causa o conduz e provoca a percepção, o impulso, a vitalidade, a força e muito mais. Quantos fenômenos estranhos!

Observe as forças ocultas que os produzem tal como observa aquela que eleva e abaixa os objetos: sem os olhos, porém não sem clareza.

Considere isto reiteradamente: tudo aconteceu e acontecerá do mesmo jeito que acontece. Veja como dramas e cenas inteiras se assemelham ao que experienciou e ao que aprendeu com antigas histórias—das cortes do Adriano, do Antonino, do Filipe, do Alexandre e do Cesó, por exemplo. Mesmo drama, diferentes atores.

Homens que se afligem e se insatisfazem perante as ocasiões são como porcos que chutam e grunhem diante do sacrifício. São como aqueles que, silenciosos em suas camas, lamentam-se devido às amarras que nos prendem.

Acatar os fatos é uma necessidade imposta a todos. Todavia, a opção de aceitá-los voluntariamente é dada somente aos animais racionais.

29

Antes de atuar em cada episódio, pare e indague-se: “A morte é terrível por privar-me disto?”

30

Ao se sentir ofendido por alguém, volte-se imediatamente para dentro e reflita sobre o quanto você mesmo se ofende quando valoriza o dinheiro, o prazer, a reputação e coisas afins. Ao refletir e se lembrar que o ofensor foi coagido a ofender, esquecerá a sua ira. Como ele poderia agir diferentemente? Caso consiga, liberte-o dessa coação.

Quando imaginar Satirion, o socrático, imagine Eutiques ou Himião. Quando pensar em Eufrates, Alcifrão e Xenofonte, pense, respectivamente, em Eutiquíão ou Silvano, em Tropaéforo e em Críton ou Severo. Quando se visualizar, visualize outros Césares. Repita esse procedimento para cada um.

Enfim, indague: “Onde estão?” Em lugar nenhum—ninguém sabe onde, pelo menos. À vista disso, enxergará o que é humano como fumaça ou coisa nenhuma—especialmente ao concluir que o que mudou jamais será como era. Então, por que está preocupado? Por que não se satisfaz ordenando-se durante a sua breve existência?

Está desperdiçando matéria e oportunidade! O que esses materiais são além de exercícios para a razão—a qual inspeciona e examina suas verdadeiras naturezas? Persevere até apropriá-los, assim como o estômago, que se nutre com os alimentos, ou o fogo ardente, que se inflama e resplandece por meio do que nele é arremessado.

32

Impossibilite-os de acusarem-no corretamente de falta de sinceridade e bondade. É possível fazer com que as acusações sejam mentirosas. Afinal, quem poderá impedi-lo de ser sincero e benévolo? Não admita viver se não for. A razão não admite.

Dado esse material, o que pode ser falado ou feito da maneira mais condizente com a razão? Seja o que for, falar ou fazer depende de você. Não se justifique dizendo que foi impedido.

Não suspenderá as lamentações até que o material que lhe é submetido e apresentado seja tão valorizado pela sua mente quanto o luxo o é pelos lascivos. Até que julgue prazerosas as ações adequadas à sua constituição. O poder de julgá-las assim o acompanha para todo canto.

Perceba: a escolha de se direcionar não é dada a um cilindro, à água, ao fogo ou a quaisquer entes governados só pela natureza ou por almas irracionais. São impedidos de inúmeras maneiras. Por outro lado, a inteligência e a razão podem escolher transpor os impedimentos, pois foram constituídas para isso. Note como a razão os transpõe tão facilmente quanto o fogo ascende, a pedra cai ou um cilindro desce por um plano inclinado. Não busque mais nada.

Entraves impedem apenas o corpo—um cadáver. Exceto se assim opinar ou se renunciar à razão, não esmagam nem danificam. Se esmagassem, quem fosse danificado se tornaria pior. Mas, ao passo que os demais entes pioram quando são danificados, o homem se torna melhor e mais elogiável quando emprega esse “dano” com destreza.

Por fim, recorde-se: se não deteriora um cidadão genuíno, não deteriora o estado. Se não afeta o estado, não afeta a lei. Nenhum entrave infringe a lei. Logo, se não fere a lei, não fere o cidadão ou o estado.

Para quem está imerso em convicções verídicas, o menor e mais comum preceito é suficiente para lembrá-lo de se libertar da tristeza e do temor. Por exemplo:

“Às folhas, atira-as o vento ao chão; [...] Assim nasce uma geração de homens; e outra deixa de existir.”

Folhas são seus filhos. São aqueles que clamam como se fossem dignos de crédito, que louvam ou que amaldiçoam, culpam e zombam secretamente. São quem recebe e transmite a fama de um homem para a posterioridade. As folhas “nascem quando a estação da primavera sobrevém”, diria o poeta. Então, o vento as derruba e a floresta faz nascer outras em seus lugares.

A existência de todas as coisas é breve. Ainda assim, você as evita e as persegue como se fossem eternas. Fechará os olhos em instantes. Logo outro lamentará a morte daquele que lamentou a sua.

Um olho saudável não olha para as coisas visíveis e deseja que sejam verdes. Tal desejo é um sintoma de um olho doente. Uma audição e um olfato saudáveis distinguem tudo o que pode ser ouvido e cheirado. Um estômago sadio digere as comidas tal como o moinho trata aquilo que foi construído para moer. Da mesma forma, um entendimento vigoroso deve estar preparado para acidentes. Um entendimento que almeja “a longevidade das minhas queridas crianças” ou “a admiração alheia” equivale a um olho que procura coisas verdes ou a dentes que procuram coisas moles.

Não há homem afortunado a ponto de ninguém festejar seu falecimento. Ainda que seja benfeitor e sábio, alguém comentará: “Respiro aliviado agora que me livrei desse pedante. De fato não foi áspero conosco, mas percebi que nos reprovava tacitamente.”

Comentam isso sobre os bons! Já no nosso caso, por quantos outros motivos querem livrar-se de nós? Ao mensurá-los, morrerá bem-aventurado: “Estou deixando uma vida em que até os meus companheiros—para os quais direcionei atenção, orações e cuidado—esperam pelo meu óbito na esperança de, porventura, obter vantagens. Nessa situação, por que me agarraria a uma estadia mais longa?”

Entretanto, não saia indisposto com eles ou como se estivesse sendo arrancado. Conserve o seu próprio caráter. Continue amigável, benevolente e compassivo. Quando morre tranquilo, a pobre alma se separa do corpo com facilidade. Deixe-os desse modo, pois a natureza os uniu e os associou e agora os desune. Desassocie-me dos meus parentes conforme a natureza: sem ser arrastado ou empurrado.

37

Quando agirem, acostume-se, na medida do possível, a questionar: “Com qual intuito agem?” Contudo, comece com você mesmo. Questione-se primeiro.

Lembre-se: o atributo que puxa as cordas está escondido no interior. Trata-se da atividade, da vida e, pode-se dizer, do homem. Ao contemplá-lo, não inclua o seu invólucro circundante ou os órgãos incorporados nele. Estes são como um machado que cresceu do corpo. Não são mais úteis sem a causa que os direciona do que a lançadeira sem o tecelão, a caneta sem o escritor ou ao chicote sem o condutor.

Livro XI

1

Estas são propriedades da alma racional: auto-observação, autoanálise e autonomia.

Goza dos frutos produzidos por si própria—diferente das plantas e dos animais, cujos produtos são desfrutados por outrem. Alcança o seu propósito particular, onde quer que o limite da sua vida seja estabelecido—diferente das danças, das peças ou das atividades semelhantes, que acabam incompletas quando encurtadas. Independentemente de em qual parte e de onde for interrompida, cumpre por completo o que lhe foi proposto, de modo que pode dizer: “Tenho o que é meu.”

Ademais, atravessa todo o universo e o vácuo circundante e examina a sua forma. Prolonga-se até a infinidade do tempo. Abraça e compreende a renovação periódica do mundo. Entende que os sucessores não encontrarão nada novo, assim como os antecessores não encontraram—quem tem quarenta anos, caso disponha de algum entendimento, observou a uniformidade prevalecente em tudo o que foi e tudo o que será.

Eis outras das suas propriedades: afeição pelos vizinhos, veracidade, modéstia e valorização suprema de si mesma—essa também é própria da lei, logo a razão correta não difere da justa.

2

Valorizará pouco uma canção agradável—tal qual uma dança e o pancrácio—caso decomponha a melodia da voz nos seus diversos sons e se pergunte: “Sou dominado por cada um individualmente?” Nesse caso, a vergonha o impedirá de confessar—tal como quando se trata da dança, após isolar cada movimento e postura, e do pancrácio.

Isto posto, lembre-se de se ater aos componentes de todas as coisas—exceto da virtude e dos seus efeitos—para, por meio da decomposição, valorizá-las pouco. Por último, aplique essa análise para toda a sua vida.

3

Uma alma pronta está preparada para se extinguir, dispersar-se ou subsistir caso seja, a qualquer altura, separada do corpo. Essa prontidão precisa resultar do próprio julgamento do homem, não da mera obstinação—feito os cristãos. Precisa ser ponderada, digna e persuasiva, mas não dramática.

4

Agi pelo interesse geral? Bem, fui recompensado! Mantenha isso em mente, e nunca pare de realizar tais ações.

5

Qual é a sua arte? Ser bom. Como essa é bem realizada, senão mediante teoremas gerais—alguns referentes à natureza universal e outros à constituição típica do homem?

6

No início, as tragédias foram trazidas para os palcos como um meio para lembrar os homens dos acontecimentos, da naturalidade dos fatos e de que, caso os episódios sejam encantadores naquele estreito palco, não devem ser preocupantes neste vasto. Diante disso, você observou a necessidade de tudo ocorrer como ocorre e de tudo precisar ser suportado inclusive por quem clama: “Ó Citéron!”

De fato, certas sentenças foram bem redigidas pelos dramaturgos. Alguns exemplos, dentre vários outros:

*“Se eu e os meus filhos os deuses negligenciam,
Também há uma razão.”*

“Não devemos nos irritar e nos desgastar com os eventos.”

“A colheita da vida deve ser como ceifar uma frutífera espiga de trigo.”

Depois da tragédia, foi introduzida a comédia antiga, caracterizada pela magistral liberdade de expressão. Devido à franqueza, era um útil lembrete de precaução contra a insolência. Tal peculiaridade foi adotada por Diógenes para fins similares.

Em seguida, veio a comédia intermediária. Identifique a sua essência. Por último, a nova. Repare a sua finalidade inicial, eventualmente reduzida a um mero artifício de mímica. Todos reconhecem a existência de boas passagens até mesmo desses escritores. Contudo, considerando a abordagem geral, para qual objetivo mirava toda a poesia e a dramaturgia?

7

É evidente: não há outra condição de vida tão adequada para filosofar como essa em que você agora vive.

8

Um ramo podado de um galho adjacente foi, necessariamente, cortado de toda a árvore. Da mesma maneira, o homem se separa de toda a comunidade social ao se apartar do outro. Enquanto aquele é podado, este se aparta quando odeia ou se afasta do seu vizinho. Ademais, não percebe a simultânea separação entre ele e o sistema social germinada pelo seu ato.

Não obstante, esse homem é privilegiado por Zeus, quem estruturou a sociedade, porque está em nosso poder nos aproximar e nos incorporar ao todo. No entanto, caso a divisão aconteça com frequência, a parte que se dividiu terá dificuldade para se somar à unidade e se restaurar à condição anterior. Afinal, o galho que brotou e se sustentou na árvore desde o início não é como o que foi enxertado. Como os jardineiros dizem: “O caule é o mesmo, porém a mente é outra.”

9

Quem tenta obstruir o seu caminho quando você prossegue em concordância com a razão reta é incapaz de desviá-lo da ação apropriada. Por conseguinte, impeça-o de distanciá-lo da sua benevolência em relação a ele.

Vigie não apenas a firmeza dos seus julgamentos e das suas ações, como também a sua gentileza com quem tenta obstruí-lo ou impedi-lo de qualquer jeito. Aborrecer-se é uma fraqueza tanto quanto se desviar da ação adequada e ceder ao medo. Enfim, ambos são igualmente desertores dos seus cargos: o homem motivado pelo temor e o afastado de quem é, por natureza, um parente e amigo.

10

Nenhuma natureza é inferior à arte, pois as artes imitam as naturezas das coisas. Sendo assim, a natureza mais perfeita e abrangente não pode carecer da maestria artística. Agora, todas as artes criam o inferior em prol do superior. Portanto, a natureza universal também o faz.

Nisso está a origem da justiça, e nela as outras virtudes se fundamentam. Afinal, não é possível ser justo ao valorizar as coisas indiferentes, ao ser facilmente iludido e ao ser descuidado e instável.

11

Se as perseguições e evasões que o perturbam não vierem até você, você irá até elas. Descanse o seu julgamento sobre elas, e elas permanecerão imóveis. Então, você não será visto perseguindo ou evadindo.

12

A forma esférica da alma mantém seu contorno quando está não expandida ou contraída, nem dispersa ou afundada, mas, sim, iluminada pela luz, por meio da qual enxerga a verdade—externa e interna.

Algum homem sentirá desprezo por mim? Deixe-o cuidar disso sozinho. Enquanto isso, cuidarei para não fazer ou dizer nada desprezível.

Alguém me odiará? Deixe-o ser responsável por isso. Em oposição, serei brando e benevolente com todos. Caso não assuma o erro, eu me prontificarei para apontá-lo, não visando reprimir ou exhibir a minha tolerância, mas, sim, ser nobre e honesto—como o grande Focion, na hipótese de que ele não dissimulava. O interior do homem deve ser assim, e os deuses não devem encontrá-lo insatisfeito ou reclamando.

Quais males podem o atingir caso você aja conforme a sua natureza e se satisfaça com o que é apropriado à natureza universal—considerando que é um ser humano encarregado de agir em favor do benefício comum?

14

Os homens desprezam uns aos outros, porém se bajulam. Desejam se elevar, porém se rebaixam.

Quão corrupto e falso é quem afirma: “Estou decidido a tratar você de um modo justo!” O que você está fazendo? Não há porque fazer tal afirmação. Em breve você se manifestará por meio dos seus atos. Está escrito claramente na sua testa. Qualquer que seja seu caráter, está claro no seu olhar—bem como tudo está nos olhos dos amantes, lidos por quem é amado. O homem honesto e bom é como aquele cujo cheiro é forte: quem se aproxima sente, mesmo se não quiser. Já a presunção da simplicidade é como uma vara torta. Nada é mais vergonhoso do que uma amizade entre um lobo e um cordeiro. Evite-a ao máximo. O bom, o simples e o benevolente são visíveis pelo olhar e não deixam dúvidas.

16

A capacidade de viver da melhor maneira está na sua alma. Basta ser indiferente às coisas indiferentes. Adquirirá a indiferença ao observá-las isoladas e juntas, ao se lembrar de que nenhuma produz em nós opiniões sobre si mesmas, e ao notar que nenhuma vêm até nós. Permanecem inertes. Somos nós que produzimos julgamentos sobre elas e, por assim dizer, inscrevemo-nos em nós mesmos. Todavia, está em nosso poder não os inscrever e apagá-los, caso, porventura, invadam nossas mentes de forma imperceptível. Lembre-se que, em breve, nossa atenção e, logo depois, nossa vida chegarão ao fim.

Além do mais, qual é a dificuldade de agir assim quanto a essas coisas? Caso estejam de acordo com a natureza, alegre-se e elas serão fáceis para você. Caso estejam contrárias, procure pelas consoantes e se esforce para achá-las, ainda que não tragam reputação. Todo homem tem a permissão para buscar o seu próprio bem.

17

Considere onde se origina cada coisa, de quê consiste, em quê se transforma, qual coisa será após a transformação e que não danificará nada.

i. Devo considerar o meu vínculo com os homens e que fomos feitos uns para os outros. Sob outra perspectiva, fui concebido para pastorar, como um carneiro que chefia o rebanho ou um touro que conduz a manada. Devo examinar a questão a partir das primeiras convicções: caso não existam somente átomos, a natureza ordena tudo. Assim sendo, as coisas inferiores existem para o benefício das superiores, e essas para o bem umas das outras.

ii. Devo avaliar quais tipos de homens são na mesa, na cama e assim por diante. Particularmente, a quais compulsões estão sujeitos devido às suas opiniões e o quanto se orgulham das suas ações.

iii. Caso os homens façam o que é certo, não devemos nos descontentar. Caso não, agem por falta de consciência e por ignorância. Nenhuma alma é voluntariamente privada da verdade ou tolhida da aptidão para lidar com os homens conforme seus méritos. Esse é o motivo de se chatearem quando são chamados de injustos, ingratos e gananciosos e, em especial, malfeitores dentre seus vizinhos.

iv. Também erro e sou um homem como qualquer outro. Embora não incorra em certas falhas, ainda estou inclinado a cometê-las—mesmo que a covardia, o apego à reputação ou outras motivações vis me previnam de falhar.

v. Nem sequer sei se os homens estão agindo errado ou não, porque muitas ações são realizadas proporcionalmente às circunstâncias. Um homem precisa saber muito para ser capaz de julgar corretamente as ações do outro.

vi. Caso esteja aborrecido ou aflito, devo ponderar: a vida do homem é um breve instante e logo estaremos todos mortos.

vii. O que nos perturba não são os atos dos homens—pois esses se fundamentam nas suas faculdades hegemônicas—, mas sim nossas próprias opiniões acerca dos atos. Portanto, remova a sua opinião. Pare de julgar um ato como doloroso e sua dor cessará.

“Como, então, remover essas opiniões?”

Basta reconhecer que nenhum ato errôneo sofrido por você é vergonhoso. Afinal de contas, se o que é vergonhoso fosse apenas mau,

você cometeria muitos erros, seria um ladrão e tudo mais.

viii. A dor é causada mais pela cólera e pelo aborrecimento em resposta aos atos do que pelos atos em si.

ix. Uma boa disposição é invencível quando é genuína—quando o sorriso não é falso ou fingido. Não há nada que o homem mais violento possa fazer caso você continue tratando-o gentilmente, admoestando-o e calmamente corrigindo-o quando tentar prejudicá-lo. Diga a ele: “Não é assim, meu filho. Fomos constituídos por natureza para outro propósito. Você prejudica não a mim, mas a você mesmo.” Mostre-o, com tato e recorrendo a convicções abrangentes, que nem as abelhas nem quaisquer animais gregários agem como ele. Você deve se dirigir a ele de modo afetuoso, sem sarcasmo ou reprimenda e sem guardar rancor na sua alma. Você deve admoestá-lo não como se fosse um professor ou como se pretendesse impressionar espectadores, mas sim como se ele estivesse sozinho—ainda que outros estejam presentes.

Receba essas nove regras como se fossem dádivas das nove Musas.

Comece, enquanto ainda vive, a ser um homem. Evite, na mesma medida, tagarelar e se aborrecer com os outros, porque ambos são comportamentos antissociais e danosos. Quando encolerizado, retenha esta verdade: ser movido pela paixão não é viril. A brandura e a gentileza, por estarem mais em consonância com a natureza humana, são mais viris. Quem possui essas duas qualidades demonstra força, nervos e coragem, diferente do homem sujeito ao ímpeto da paixão e do descontentamento. Ao passo que se liberta das paixões, o homem se fortalece. A raiva é uma característica da fraqueza tanto quanto o sofrimento. Quem cede à ira está tão ferido e rendido quanto quem cede à dor.

Por fim, caso queira, receba uma décima dádiva do líder das Musas:

x. Esperar que homens maus não façam o mal é insanidade, pois significa expectar o impossível. Permitir que se comportem dessa maneira com o outro mas não com você é irracional e tirânico.

19

Existem quatro desvios principais da faculdade superior dos quais você deve se resguardar. Quando os detectar, elimine-os e diga:

- i. “Este pensamento é desnecessário.”
- ii. “Aquele tende a destruir a união social.”
- iii. “Isso que está prestes a dizer não deriva do seu real pensamento—falar algo distinto do que pensa é absurdo.”

O quarto desvio reprovável acontece quando sua parte divina é dominada e sucumbe ao que é perecível e menos honroso—seu corpo e seus prazeres grosseiros.

Embora seu elemento aéreo e todos os elementos ígneos mesclados em sua composição inclinem-se naturalmente para cima, são dominados aqui, na sua massa composta por obediência à ordem do cosmos. Apesar de todo seu componente terrestre e seu componente aquoso inclinarem-se para baixo, elevam-se e ocupam uma posição antinatural. As partes elementares obedecem ao universo desse modo. Quando fixadas, estacionam-se forçosamente até que o universo sinalize o momento da dissolução.

Não é estranho somente sua parte inteligente desobedecer e se descontentar com seu próprio posto? Apesar de nada além do que é consoante à sua natureza ser imposta a ela, recusa-se a obedecer e é levada na direção oposta. Esse deslocamento rumo à injustiça, à intemperança, à fúria, à tristeza e ao medo é um extravio contranatural.

A faculdade hegemônica deserta do seu posto quando se descontenta com as ocorrências. Afinal, foi constituída para ser justa não mais do que para ser piedosa e para reverenciar os deuses—duas qualidades englobadas pelo “contentamento com a decorrência dos fatos” e anteriores à justiça.

“Aquele cuja meta de vida não é uma não permanece o mesmo ao longo da sua vida.” Esse ditado é impreciso caso essa meta não seja especificada, porque nem tudo é considerado um bem de maneira unânime. Somente o que diz respeito ao interesse comum é unanimemente bom. À vista disso, devemos nos direcionar para o que é comum e político. Aquele cujos esforços estão direcionados para esse fim preserva a consistência em suas ações e, por conseguinte, mantém-se consistente.

22

Pense no rato campestre e no urbano, e no alarmismo e agitação do segundo.

23

Sócrates costumava chamar convicções populares de Lârnias—assustadoras apenas para crianças.

24

Nos seus espetáculos públicos, os lacedemônios costumavam posicionar assentos às sombras para os convidados. Em contrapartida, sentavam-se em qualquer local.

25

Sócrates, ao recusar a convocação do Pérδικas:

“Eu não padeceria pelo pior dos fins.”

Ou seja, “não receberia um favor se estivesse inapto para retribuí-lo.”

26

Nos escritos dos Epicuristas havia este preceito: “Evoque constantemente os antepassados praticantes da virtude.”

27

Os Pitagóricos nos convidam: pela manhã, olhe para os céus para contemplar aqueles corpos celestes cumprindo continuamente a mesma função da mesma maneira. Sempre puros e nus, pois não há véu sobre uma estrela.

28

Estime o homem que Sócrates foi quando se vestiu com uma tanga, depois que Xântipe pegou a túnica dele e saiu. Pese o que Sócrates falou aos seus amigos, que se envergonharam e recuaram quando o viram vestido assim.

29

A escrita e a leitura não o capacitarão para estabelecer regras para os outros caso não tenha antes aprendido a segui-las antes. Ainda mais quando se trata da vida.

30

“Você é um escravo. Não é livre para falar.”

31

“E meu coração riu por dentro.”

“Menosprezarão a virtude com palavras ásperas.”

33

Procurar figos no inverno é loucura, tanto quanto buscar seu filho quando não lhe é mais permitido.

Epicteto aconselhou:

“Ao beijar o seu filho, sussurre para você próprio: ‘Amanhã talvez ele morra’.”

“Mas isso é mau presságio”, poderia-se replicar.

Nesse caso, ele responderia: “Nenhuma palavra relativa a uma obra da natureza pressagia o mal. Do contrário, mencionar a ceifa de espigas de milho também o pressagiaria.”

35

A uva verde, o cacho maduro, a uva-passa... Nada deixa de existir, mas sim se transforma em algo até então inexistente.

36

“Ninguém pode roubar nossa volição.”

37

Epicteto disse:

“O homem deve descobrir a arte do assentimento. Deve manter seus impulsos proporcionais às circunstâncias, aos interesses sociais e aos valores dos objetos. Deve abster-se completamente do desejo imoderado. Não deve demonstrar repulsão ao que não está em seu poder.”

38

Ele afirmou:

“A disputa é não acerca de um assunto trivial, mas acerca de ser ou não um louco.”

39

Sócrates: “Vocês querem almas de homens racionais ou irracionais?”

“Queremos almas de homens racionais.”

Sócrates: “De homens sãos ou doentios?”

“De homens sãos.”

Sócrates: “Então, por que não as buscam?”

“Porque já temo-nas.”

Sócrates: “Por que, então, vocês brigam e discutem?”

Livro XII

1

Todas as coisas que deseja alcançar através de uma estrada tortuosa podem ser asseguradas agora, caso não as recuse. Ou seja, você pode assegurá-las caso deixe o passado para trás, confie o futuro à providência e guie o presente apenas conforme a piedade e a justiça. De maneira piedosa para que possa se contentar com a porção que lhe é atribuída, pois a natureza designou ela para você e você para ela. De modo justo para que possa sempre falar a verdade sem restringir ou dissimular e sempre agir proporcionalmente à lei e ao mérito de cada um.

Não admita ser impedido pela maldade de outrem, por opiniões e vozes ou pelas sensações da pobre carne crescida ao seu redor. Deixe-as sob cuidado da sua parte passiva.

Será um homem digno do cosmos que o produziu caso, quando estiver prestes a partir, negligencie tudo exceto a sua faculdade hegemônica e a sua divindade interior. Ademais, caso tema não deixar a vida, mas, sim, nunca ter começado a viver de acordo com a natureza. Só então você deixará de ser um estranho em sua terra natal, de se surpreender com os acontecimentos diários como se fossem inesperados e de depender disso ou daquilo.

2

Deus vê as mentes dos homens despidas de vestimentas materiais, casca e impurezas. Toca, com sua parte intelectual, somente o que fluiu e derivou de si para esses corpos.

Caso faça o mesmo, você se livrará de perturbações. Afinal, ao desprezar a simples carne pela qual é revestido, não se perturbará com trajes, moradia, glória e outras exterioridades e aparências.

3

Seus três componentes: carne, sopro vital e inteligência. Os dois primeiros são seus por estarem em seu cuidado, porém apenas o terceiro é propriamente seu.

Você—isto é, seu entendimento—será isento do que é trazido pelo destino, viverá puro e livre, fará o que é justo, aceitará as ocorrências e dirá a verdade caso se desanexe:

- i. do que os outros fazem ou dizem;
- ii. do que você fez ou disse a você mesmo;
- iii. das eventualidades que o perturbam;
- iv. do que pertence ao que foi incorporado a você independentemente da sua volição—o invólucro de carne e o sopro vital;
- v. do que o vórtice circunfluyente externo arrasta ao redor, seja o que for.

Será capaz de passar seu tempo remanescente de vida livre de perturbações, de forma nobre e obediente ao seu próprio gênio interior caso também:

- i. Separe-se do que lhe foi anexado pelas impressões sensoriais, do futuro e do passado—de modo a se tornar como a esfera de Empédocles: “Redonda e alegre em seu repouso.”
- ii. Empenhe-se para viver unicamente o que é a sua vida—o presente.

4

Pergunto-me como é possível o homem amar a si próprio mais do que aos outros ao mesmo tempo que valoriza mais a opinião alheia sobre si do que a sua própria. Caso um deus ou um mestre sábio se apresentasse e o desafiasse a não pensar ou conceber nada sem instantaneamente proferir em voz alta, não cumpriria sequer um único dia. Respeitamos mais o que nossos vizinhos pensam sobre nós do que os nossos próprios pensamentos acerca de nós mesmos.

5

Após ordenarem tudo de maneira boa e benevolente para a humanidade, como pode ser plausível que os deuses tenham negligenciado uma única questão: a inexistência eterna e a extinção completa de alguns falecidos—homens bons, comungados com a divindade e íntimos mediante atos piedosos e à observância?

Partindo do pressuposto de que essa questão é verdade, tenha certeza de que os deuses a teriam ordenado diferente se fosse viável. Afinal, se as alternativas fossem justas, seriam viáveis. Caso fossem naturais, a natureza as ordenaria. Visto que—assumindo que—essa questão foi ordenada desse modo e não de outro, convença-se da inviabilidade de ter sido diferente.

Você mesmo reconhece que ao não se convencer está debatendo com os deuses. Ora, somente deveríamos debater com eles caso sejam mais excelentes e justos. Todavia, nesse caso não teriam permitido que qualquer questão inerente à ordem do universo fosse negligenciada injusta e irracionalmente.

6

Pratique até mesmo o que você não espera realizar. Por ser exercitada, a mão esquerda segura as rédeas mais firmemente do que a direita, embora, por falta de prática, seja ineficiente para o resto.

7

Considere qual deve ser a condição do corpo e da alma de um homem quando a morte o alcançar. Contemple a brevidade da vida, o abismo ilimitado do passado e do futuro e a fragilidade da matéria.

8

Analise os princípios formativos das coisas despidas de seus invólucros. Avalie os propósitos das ações. Reflita sobre o que é a dor, o prazer, a morte e a fama. Examine como alguém causa sua própria inquietude. Note como nenhum homem é impedido por outro. Observe como tudo é opinião.

9

Ao manusear suas convicções, deve ser como o lutador de pancrácio, e não como o gladiador. Este morre quando derruba sua espada, enquanto aquele sempre tem suas mãos e só precisa usá-las.

10

Veja o que as coisas são em si mesmas, dividindo-as em matéria, forma e propósito.

11

Quão fundamental é o poder do homem de não fazer nada exceto o que deus aprova e de aceitar tudo o que deus pode lhe dar!

12

Não devemos culpar os deuses pelas situações consonantes com a natureza, pois não fazem nada de errado voluntária ou involuntariamente. Tampouco os homens, pois não erram de modo voluntário. Por consequência, não devemos culpar ninguém.

13

Quão ridículo e estranho é quem se surpreende com qualquer ocorrência na vida!

Existe ou um destino fatal e uma ordem invencível, ou uma espécie de providência ou uma confusão despropositada e desgovernada. Caso haja um destino inevitável, por que resistir? Caso haja uma providência que se permite ser apaziguada, torne-se digno da ajuda divina. Caso haja uma desordem sem um governante, contente-se por, em meio a tal tempestade, possuir uma certa inteligência hegemônica. Se o redemoinho o levar embora, despeça-se da pobre carne, do sopro vital e de tudo mais. A inteligência, ao menos, não será levada.

15

A luz da lâmpada brilha sem perder seu esplendor até ser apagada. A verdade, a justiça e a temperança em você se apagarão primeiro?

16

Quando presumir que um homem errou, pergunte-se: “Como posso ter certeza de que foi um erro?” Ainda que tenha sido, como você pode saber se ele não se condenou—ou rasgou o próprio rosto?

Esperar que o homem mau não faça maldades equivale a desejar que a figueira não dê figos suculentos, que as crianças não chorem, que o cavalo que não relinche ou que o inevitável seja evitado. Ora, o que você espera de um homem com tal caráter? Caso seu temperamento esteja irritável, cure-o!

17

Se não for certo, não faça. Se não for verdade, não diga. Deixe seus esforços serem...

18

A todo momento, olhe para a coisa por trás da impressão e a defina por meio da análise da sua forma, da sua matéria, do seu propósito e do seu prazo.

19

Finalmente, perceba: possui dentro de você algo melhor e mais divino do que as coisas que o afetam de diversas maneiras e que o puxam pelos fios.

O que se passa na minha mente agora? Medo, suspeita, desejo ou qualquer coisa do gênero?

20

- i. Não aja sem ponderação e propósito.
- ii. Não direcione seus atos para nada além de uma finalidade social.

21

Em breve você não será ninguém e não estará em nenhum lugar. Nada do que você agora vê será visto e nenhum daqueles que agora vivem estarão vivos.

Todas as coisas são formadas pela natureza para mudar, converter e perecer, de modo que outras possam sucedê-las.

22

Tudo é opinião, e opinar está em seu poder. Remova a sua opinião quando quiser e você encontrará calma e serenidade—como um marinheiro que transpõe um cabo e encontra um golfo com um mar interior sem ondas.

Nenhuma ação que se encerra no seu devido prazo é prejudicada por se encerrar. Agentes não são prejudicados quando suas ações chegam ao fim. Da mesma maneira, a vida, constituída por cada ação, não é deteriorada ao cessar no tempo adequado. Também não o é o agente cuja série de ações é finalizada.

O prazo apropriado e o limite são estabelecidos pela natureza. Em alguns casos, como na velhice, são estipulados pela natureza particular do homem. Contudo, geralmente são determinados pela natureza do cosmos—que, por meio da transformação de suas partes, mantém o todo sempre jovem e perfeito.

O que é universalmente útil é belo e oportuno. Portanto, o fim da vida não é mau ou vergonhoso, visto que independe da vontade e não se opõe ao interesse geral. Pelo contrário: é bom, porque é oportuno, proveitoso e congruente com o universo.

É divino quem se movimenta com a divindade e move sua mente para a mesma direção.

24

Tenha de prontidão estes três princípios:

i. Não aja sem ponderar ou diferentemente de como a própria justiça agiria.

Eventos externos acontecem por acaso ou por concordância com a providência. Você não deve culpar aquele nem acusar esta.

ii. Pondere o que é cada ser—da semente ao recebimento de uma alma e, depois, até a devolução desta—, de quais coisas é composto e em quais é decomposto.

- iii. Imagine você se elevando de repente, olhando para as coisas humanas na terra, notando o quão variadas são e o quão numerosos são os seres habitantes do ar e do éter. Independentemente de quantas vezes você se elevasse e observasse tudo abaixo, você veria as mesmas coisas, formas e breves durações. São coisas para se orgulhar?

25

Rejeite a opinião e você estará a salvo. Quem, então, pode impedi-lo de rejeitá-la?

26

Quando você está preocupado com algo, você se esquece que:

- i. tudo acontece em consonância com a natureza universal;
- ii. o ato injusto de um homem não é nada para você;
- iii. todos acontecimentos sempre ocorreram assim, ocorrem agora em toda parte e continuarão ocorrendo;
- iv. um homem e toda a raça humana são parentes próximos—não de sangue ou semente, mas de inteligência;
- v. a inteligência de todo homem é divina e flui de deus;
- vi. nada é próprio do homem—seu filho, seu corpo e sua alma vieram da divindade;
- vii. tudo é opinião;
- viii. cada homem vive e desperdiça apenas o tempo presente.

Lembre-se dos rabugentos, dos famosos, dos infelizes, dos hostis ou dos—por qualquer motivo—conspícuos. Em seguida, questione-se: “Onde estão todos eles agora?” São fumaça, cinzas e histórias—ou nem mesmo uma história. Recorde-se de exemplos como Fábio Catulino no campo, Lúcio Lupo nos seus jardins, Estertínio em Baiae, Tibério em Cápri e Vélio Rufo. Pense na busca ávida por objetos associados ao orgulho e na trivialidade desses pelos quais os homens se esforçam violentamente. Meça o quão mais filosófico é, diante das oportunidades apresentadas, manifestar-se justo, temperante e obediente aos deuses—de maneira simples, pois o orgulho da humildade é o mais intolerável de todos.

28

Àqueles que perguntam “onde viu os deuses” ou “como sabe que existem e os reverencia”, eu respondo:

- i. podem ser vistos até com os olhos;
- ii. não vejo minha própria alma, ainda assim eu a honro.

Por meio do poder divino que eu reiteradamente experimento, certifico que eles existem e os venero.

29

Para assegurar a vida é preciso examinar tudo por completo: o que é, de que é a matéria e qual é a forma. Ademais, é preciso, com toda a sua alma, ser justo e dizer a verdade.

O que resta, senão aproveitar a vida ao encadear uma coisa boa à outra, sem espaçá-las?

A luz solar é uma, embora seja ofuscada por muros, montanhas e outras inúmeras barreiras. A substância comum é uma, embora esteja distribuída entre incontáveis corpos com diversas qualidades. A alma é uma, embora esteja repartida entre infinitas naturezas com limitações individuais. A alma inteligente é uma, embora pareça estar dividida.

Nenhuma outra parte, tal como o sopro vital e a carne, tem sensação ou associação. Ainda assim, o princípio inteligente as mantém unidas e gravitando em torno de si. Já o intelecto se inclina peculiarmente para o que é familiar e ambos se combinam, de modo que o sentimento de comunhão não é interrompido.

31

O que você busca? Continuar existindo? Experimentar sensações e impulsos? Crescer e deixar de crescer? Falar e pensar? O que há de desejável nessas coisas?

Caso seja fácil valorizar pouco essas coisas, volte-se para o que resta: seguir deus e a razão. Segui-los e se incomodar porque a morte o privará dessas coisas é inconsistente.

Quão curto, em comparação com a ilimitada e insondável eternidade, é o intervalo de tempo atribuído a cada homem. Logo tudo é absorvido pelo que é eterno! Quão pequena é uma fração de toda a substância. Quão pequena é uma parte da alma universal. Quão estreito é o torrão onde você rasteja em proporção com todas as terras!

Ao refletir sobre isso, considere irrelevante tudo exceto agir como a sua natureza o guia e suportar o que a natureza comum lhe traz.

33

Como a faculdade hegemônica faz uso de si própria? Tudo depende disso. O restante, seja volitivo ou não, são apenas cinzas e fumaça sem vida.

34

Esta reflexão é a mais adequada para nos convencer a menosprezar a morte: até mesmo quem considera o prazer um bem e a dor um mal a menospreza.

35

Nem mesmo a morte aterroriza o homem para o qual:

- i. o bem é somente o que ocorre na estação devida;
- ii. agir mais ou menos em conformidade com a razão justa é semelhante;
- iii. contemplar o mundo por um tempo longo ou curto é indiferente.

Meu caro, você tem sido um cidadão desse grande estado. Qual é a diferença entre viver nele por cinco ou cem anos? O que conforma às leis é justo para todos. Por que sofrer? Quem o expulsará do estado não será nenhum tirano ou juiz injusto, mas quem o admitiu em primeiro lugar: a natureza. É como se um pretor que contratou um intérprete o dispensasse do palco.

“Mas eu só terminei três dos cinco atos!”

Bem, na vida, os três atos completam o drama. Quem delimita o que é um drama completo é quem o compôs e agora o dissolverá. Ou seja, não é você. Por fim, parta satisfeito, pois quem o liberta também o está.

Um pedido e uma gentileza

Este livro ajudou você de alguma forma? Então gostaríamos de lhe fazer um pedido.

Nosso intuito com essa tradução foi fazer os pensamentos tão belos e puros do Marco Aurélio chegarem a mais pessoas. Acreditamos no potencial transformador que este livro tem, e acreditamos que mais do que nunca as pessoas necessitam das palavras aqui escritas.

Por isso, se essa tradução lhe foi útil e quiser contribuir para que ela chegue a mais leitores, gostaríamos de pedir que deixe uma *review* na Amazon. Esse é um gesto pequeno, mas que tem um impacto tremendo. Revisões sinceras e honestas ajudam mais pessoas a encontrarem os livros certos para elas.

Mas não se sinta na obrigação. Essa é só uma gentileza que pedimos—faça apenas se quiser e se sentir-se à vontade.

No mais, agradecemos por ter lido até aqui. Esperamos que nossa singela tradução tenha servido à sua jornada de auto-desenvolvimento tanto quanto serviu à nossa própria.

Um forte abraço fraternal,

Icaro Moro & Mateus R. Carvalho

Notas da tradução

Livro I

I.1 ...[*herdei*]: no manuscrito original não há verbo conectando os nomes ao restante do parágrafo. Uma tradução literal seria “Meu avô, bons costumes e temperamento controlado.” Esse padrão se repete em todos os capítulos do livro I. Os verbos entre [colchetes] foram inseridos dos tradutores para facilitar a leitura e o entendimento.

De meu avô Vero: consulte VERO (a) no Índice de Pessoas.

I.2 *De meu pai*: consulte VERO (b) no Índice de Pessoas.

I.4 *Ao meu bisavô*: consulte SEVERO (a) no Índice de Pessoas.

I.5 *Com o meu tutor*: não há registro de quem tenha sido este tutor. Provavelmente foi um escravo doméstico que participou de sua educação na sua juventude.

não ser partidário do time verde ou do azul: cores usadas para identificar as equipes de corredores biga nos jogos circenses. Verde e Azul provavelmente eram as equipes mais populares, ou equipes de alta rivalidade; além destas haviam outras como a branca e a vermelha.

nem dos Parmulários ou dos Escutários: classes principais de gladiadores que competiam nos jogos. Parmulários usavam escudos pequenos; Escutários (Scutarius) usavam escudos grandes. Assim como ocorria com a corrida de biga, essas duas classes de gladiadores eram rivais e motivavam rixas entre torcedores.

I.6 *ter optado por uma cama de tábuas coberta com pele animal*: a escolha por uma vida ascética era comum aos filósofos gregos. Dormir e viver ausente de confortos fazia parte desta opção. Segundo a *Historia Augusta*, Marco Aurélio tinha o costume de dormir no chão usando apenas uma pele de animal, e sua mãe tentava convencê-lo a dormir em uma cama com cobertas mais confortáveis.

I.7 *Sinuessa*: cidade localizada na região da Campânia, onde hoje é o sul da Itália.

desfilas com vestimentas luxuosas: provavelmente uma referência às vestimentas imperiais usadas por governantes para eventos públicos, julgamentos e outras ocasiões formais.

I.11 *patrícios*: termo designado a famílias cujos chefes tinham um lugar no Senado romano, comumente adquirido por hereditariedade. Estes aristocratas configuravam uma espécie de nobreza da época. O patriciado existiu ao longo de toda a história de Roma, da ascensão à queda do Império. Mas seu poder e influência variaram ao longo dos séculos.

I.13 *assim como é dito acerca de Domício e Atenodoro*: a anedota a qual Marco Aurélio se refere é desconhecida.

I.14 *meu irmão*: Marco Aurélio não teve nenhum irmão consanguíneo, por isso há algumas interpretações acerca deste trecho. Talvez se referisse a um primo próximo ou amigo íntimo; ou usou o termo de forma metafórica para demonstrar afeto por Severo; ou, então, o termo foi adicionado posteriormente por algum copista, que confundiu os sobrenomes “Vero” e “Severo” (consulte VERO (c) e SEVERO (b) no Índice de Pessoas).

Severo: consulte SEVERO (b) no Índice de Pessoas.

Catão: consulte CATÃO (b) no Índice de Pessoas.

I.16 *Em meu pai*: consulte ANTONINO no Índice de Pessoas.

A superação da pederastia: o significado desta frase é ambíguo. Talvez fosse uma crítica a ADRIANO (a), antecessor de Antonino, cujo caso de amor com o jovem Antínoo era notório. Ou então se referisse a alguma restrição legal por parte de Antonino para refrear a pederastia, que era comum na alta classe da sociedade grega e romana. Ou, ainda, um reconhecimento à autorregulação de Antonino.

Lório... Lanúvio... Túsculo: Lório é uma cidade localizada na Etrúria, já Lanúvio e Túsculo ficam no Lácio. Ambos são lugares não muito afastados de Roma e associados à família de Antonino.

sua vila litorânea: Antonino possuía uma casa de campo num pequeno burgo entre Etrúria e Lácio (ambos na Itália), que frequentava regularmente e onde faleceu 161 d.C.

quando o coletor de impostos em Túsculo pediu perdão: não se sabe a que incidente em Túsculo é este que Marco faz menção.

Nada o levava “até o ponto de suar”: Xenofonte, Memoráveis 3.15.

O que é dito acerca de Sócrates: ou uma referência ao comentário de Xenofonte sobre Sócrates em Memoráveis 1.3.14; ou ao elogio feito por Platão, em “O Banquete”, sobre notável capacidade de Sócrates de beber muito sem sofrer nenhum efeito aparente.

quando Máximo estava doente: Nada se sabe da doença de Máximo.

I.17 *uma boa irmã*: consulte FAUSTINA (a) no Índice de Pessoas.

concubina do meu avô: após a morte prematura de seu pai, Marco foi criado por seu avô, Marco Ânio VERO (a). Com a morte de sua esposa, Ânio Vero tomou uma amante como companheira, que passou a ser “madrasta” de Marco por um tempo.

um irmão como o meu: Lúcio Aurélio Vero (consulte VERO (c) no Índice de Pessoas), adotado junto com Marco Aurélio por Antonino Pio em 138.

honrar meus tutores: pode ser que Marco estivesse pensando em Herodes Ático e em FRONTO, que assumiram como cônsules em 143 quando ele foi nomeado César. Ou, então, se referia a RÚSTICO, que ocupou o consulado em 162, quando Marco Aurélio já era imperador.

Não ter tido filhos debilitados física ou mentalmente: Marco Aurélio e Faustina tiveram 14 filhos ao todo, sendo que 7 morreram na primeira infância. Sobreviveram 6 filhas e um único filho, Lúcio Élio Aurélio Cômodo, que o seu sucedeu como imperador após sua morte.

Nunca ter tocado em Benedita ou Teódoto: consulte BENEDITA e TEÓDOTO em Índice de Pessoas.

Nunca ter necessitado amparo de terceiros: aparentemente, esta frase é uma citação, mas não há nenhuma obra sobrevivente onde se possa localizá-la.

Não ter progredido na oratória: é evidente a inclinação do Jovem César à retórica e à oratória em suas correspondências com Fronto. Mas em algum ponto decisivo de sua trajetória, talvez influenciado por Rústico, Marco voltou-se completamente à filosofia e abandonou e limitou-se ao conhecimento superficial das outras duas artes.

Entre os Quados, às margens do rio Granua: os Quados eram um povo bárbaro hostil ao império romano. Viviam na parte sul da Boêmia e da Morávia. Marco Aurélio fez uma expedição contra eles e em defesa do estado. Granua provavelmente é o rio Graan, que deságua no Danúbio.

Livro II

II.1 “*Hoje encontrarei um intrometido...*”: Xenofonte, Memoráveis 2.3.18.

II.2 *you are an old man*: Marco Aurélio morreu aos 59 anos. Ao que consta, ele deve ter escrito estas meditações durante sua última década de vida (entre 172 e 180). Para os parâmetros da época, alguém com 50 anos poderia ser considerado um ancião.

como se fosse uma marionete: referência ao quadro da psicologia humana traçado por Platão em As Leis (644d-645b).

II.13 “*vai até os confins da terra*”: verso do poeta lírico Píndaro (frag. 282), citado por Platão em Teeteto 173e.

II.16 *lei das cidades e dos governos mais antigos*: Roma, enquanto sede do Império Romano, possuía características de uma cidade-Estado muito similares a Atenas e Esparta.

II.17 *Escrito em Carnunto*: Carnuto era uma fortaleza militar ao sul do rio Danúbio, cerca de noventa quilômetros ao leste de onde hoje é Viena. A fortaleza abrigou a *Legio XIV Gemina* (14ª legião gêmea) e serviu como sede para o governo da Alta Panônia. Sabe-se que Marco esteve pela região entre 172 e 173.

Livro III

III.3 *Alexandre*: consulte ALEXANDRE “O GRANDE” no Índice de Pessoas.

Demócrito foi morto por uma espécie de verme e Sócrates por outra: Demócrito aqui é confundido com Ferécides de Siro, pensador grego que supostamente fora comido por vermes. Da parte de Sócrates, a referência é para o relato de Platão, em *A Apologia*, sobre a condenação do filósofo ao suicídio pela corte ateniense.

III.3 *Os Caldeus*: povo semita oriundo da região da Caldéia, à margem oriental do rio Eufrates. Sua nação existiu desde meados do século X até o século VI a.C. quando foram assimilados pela Babilônia.

III.6 *como Sócrates costumava dizer*: não está claro se é uma referência direta a uma passagem específica (talvez Platão, *Fédon* 83a-b) ou se apenas a uma compreensão geral dos ensinamentos de Sócrates.

III.14 *Você não lerá suas próprias memórias*: provavelmente uma seleção pessoal de anotações ou relatos escritos de sua própria vida. Pode ser até que se referisse ao próprio *Meditações* ou a outras obras suas que não sobreviveram ao tempo.

III.16 *catamitas*: o termo possui significado pejorativo. Era usado para acusar homossexuais passivos, vistos como homens sem caráter que se entregavam a quaisquer prazeres.

Livro IV

IV.3 “*O universo é transformação...*”: Demócrito, frag. B 115.

IV.23 “*querida cidade de Cécrope*”: Aristófanes, frag. 112.
Cécrope: consulte CÉCROPE no Índice de Pessoas.

IV.24 “*Ocupe-se com pouco...*”: Demócrito, frag. B 3.

IV.33 *Catão*: consulte CATÃO (a) no Índice de Pessoas.
Adriano: consulte ADRIANO (a) no Índice de Pessoas.

IV.34 *Entregue-se à Cloto*: consulte CLOTO no Índice de Pessoas.

IV.41 “*Você é uma pequena alma...*”: Epicteto, frag. 26 (aparentemente esta citação estava contida em um de seus livros perdidos no tempo).

IV.46 “*A terra, quando morre...*”: Heráclito, frag. B 76.

IV.46 “*daquele que se esquece...*”: Heráclito, frag. B 71.

IV.46 “*as coisas que aparentam estranheza...*”: Heráclito, frag B 72.

IV.46 “*não devemos agir e falar como se estivéssemos dormindo...*”: Heráclito, frag B 73.

IV.46 “*não devemos, feito crianças...*”: Heráclito, frag B 74.

IV.48 *Helice, Pompeia, Herculano*: Helice foi uma cidade grega destruída por um terremoto e engolida pelo mar em 373 a.C. Pompéia e Herculano (cidades vizinhas) foram ambas destruídas pela erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C.

Livro V

V.8 *quando ouvimos que Asclépio receitou*: Asclépio é o deus da cura e da medicina na mitologia grega. Pessoas doentes costumavam dormir em seu tempo para receberem “visões” nos sonhos com receitas de Asclépio para curar seus males.

V.10 *pervertido*: a palavra que Marco Aurélio usa em grego não possui uma tradução direta para português. Aqui ela se refere a uma classe de homens passivos que se entregam aos prazeres sexuais a qualquer custo (similar a *catamita*). Mas é provável que Marco se referia aqui a homens que abusam de todos os prazeres, de uma forma geral.

V.12 “*Quem as possui em abundância...*”: provérbio popular originado no século IV a.C. É citado pelo poeta cômico Menandro em um dos fragmentos de suas peças remanescentes (A Aparição).

V.29 “*Se a casa está enfumaçada, eu saio*”: Epicteto, Discursos 1.25.18

V.31 “*Nunca ofendeu ninguém com ações ou palavras.*”: Homero, Odisséia 4.690

V.33 “*partiram da ampla terra rumo ao Olimpo*”: Hesíodo, Os Trabalhos e os Dias 197

V.36 *Rostra*: grande plataforma em Roma utilizada para discursos e pronunciamentos públicos.

Livro VI

VI.13 *Considere o que Crates disse sobre Xenócrates*: referência desconhecida.

VI.13 *“Falerno”*: vinho famoso da antiguidade. É proveniente da região que leva o mesmo nome, Falerno, localizada na Campânia (Itália).

VI.13 *A toga púrpura*: A toga era a vestimenta mais comum usada na corte. Já a cor púrpura era um pigmento raro, altamente valoroso em Roma e destinado apenas à família imperial. A Toga Púrpura era usada como um sinal de nobreza e superioridade.

VI.30 *Cuidado para não se tornar um César*: César era um título comum atribuído aos herdeiros do império. Mas, aqui, Marco Aurélio está se referindo aos atos de crueldade dos Césares que o antecederam, atos que ele reprova recorrentemente ao longo do *Meditações*.

VI.36 *Monte Athos*: montanha localizada no norte do mar Egeu na Grécia.

VI.42 *“Mesmo dormindo, os homens são trabalhadores...”*: Heráclito, frag. B 75.

VI.42 *no papel cujo verso é mesquinho e ridículo*: Crisipo, frag. 1181. Uma alusão à necessidade de se usar versos ruins para fazer-se uma boa uma peça cômica.

VI.43 *deveres da frutífera*: consulte DEMÉTER no Índice de Pessoas.

VI.44 *Como um Antonino*: quando Marco se tornou imperador, adotou o nome Antonino de seu pai adotivo como um ato simbólico. Essa mudança de nome era um costume entre aristocratas romanos. Neste capítulo ele se refere a si mesmo, nas suas obrigações de “Antonino”.

VI.47 *Filistio, Febo e Origânio*: pessoas desconhecidas. Possivelmente conhecidos de Marco Aurélio, falecidos recentemente.

Livro VII

VII.13 “*Sou um ‘membro (μέλος)’...*”: em grego, as palavras usadas para “membro” e “parte” são similares na grafia, porém distintas em significado. A analogia é que ao trocar uma letra, “Mélos” (μέλος), que significa “membro”, se torna “Meros” (μέρος), que significa parte, e com isso, acaba-se subvertendo o papel do ser racional em sociedade.

VII.15 *o ouro, a esmeralda ou a púrpura*: alusão a uma passagem de Epicteto, Discursos 1.2.17-18.

VII.22 *É peculiar do homem amar até os que praticam o mal*: alusão a Eurípides, frag. 898.

VII.35 “*Você supõe que seja possível ao homem...*”: Platão, República 6.486a.

VII.36 “*É nobre ser difamado por praticar o bem.*”: Antístenes, frag. 20b. A citação também aparece em Epicteto, Discursos 4.6.20.

Livro VIII

VIII.3 *Alexandre*: trata-se de ALEXANDRE “O GRANDE” (consulte no Índice de Pessoas).

Caio: talvez seja Caio Júlio CÉSAR (consulte no Índice de Pessoas).

VIII.5 *Adriano*: trata-se de ADRIANO (a), imperador romano e antecessor de ANTONINO (consulte ambos no Índice de Pessoas).

VIII.19 *Até o sol e os deuses dirão*: o Sol era um deus personificado segundo a mitologia grega.

VIII.25 *Vero*: trata-se de Marco Ânio VERO (b), pai biológico de Marco (consulte no Índice de Pessoas).

Adriano: trata-se de ADRIANO (b), e não do imperador romano ADRIANO (a) (consulte ambos no Índice de Pessoas).

Demétrio: consulte DEMÉTRIO “O PLATONISTA” no Índice de Pessoas.

VIII.37 *Vero*: trata-se de Lúcio VERO (c), irmão adotivo de Marco e co-imperador (consulte no Índice de Pessoas).

Adriano: trata-se de ADRIANO (a) (consulte no Índice de Pessoas).

VIII.41 *Quando se arredonda, permanece esférica*: Empédocles, frag. B27.

VIII.51 *ela não interromperá o fluxo de água potável*: Plutarco, Moralia 467a-477b.

Livro IX

IX.24 “*Pobres espíritos carregando cadáveres.*”: citação Epicteto, possivelmente a um de seus fragmentos que se perderam no tempo.

IX.24 *representação da mansão dos mortos*: referência à descida de Ulisses à terra dos mortos. Homero, *Odisséia* 11.

IX.29 *Alexandre*: trata-se de ALEXANDRE “O GRANDE” (consulte no Índice de Pessoas).

Demétrio de Faleros: filósofo ativo durante o século IV a.C. (consulte no Índice de Pessoas). No entanto, há a hipótese de que o termo “de Faleros” fora adicionado equivocadamente por um copista posterior. Provavelmente Marco estivesse se referindo ao monarca Demétrio Poliorceto, “O saqueador de cidades”.

IX.41 *Quando doente, não conversei ou comentei*: Epicuro, frag. 191.

Livro X

X.8 *Seria comparável àqueles gladiadores*: também chamados de Bestiarii, eram combatentes de feras selvagens durante os jogos circenses. Diferente do que se imagina, a maioria dos gladiadores não era forçados a competir, mas se voluntariavam para o combate em busca da glória e de imortalizar seus nomes na arena. Marco Aurélio se refere a esse ato de se submeter ao sofrimento voluntariamente.

X.8 *a ilha dos bem-aventurados*: na mitologia grega, heróis que morriam bravamente, como Aquiles e Diomedes, não iam para a mansão de Hades, no submundo, mas para a ilha dos bem-aventurados.

X.9 *A mimi*: um gênero de comédia romana em que as gesticulações (a mímica) compunham a maior parte do espetáculo, senão o espetáculo todo.

X.10 *um sármata*: os Sármatas foram uma das tribos bárbaras contra quem Marco Aurélio passou sua última década lutando.

X.21 “*A terra adora a chuva...*”: Eurípedes, frag. 898.

X.27 *Adriano*: trata-se de ADRIANO (a) (consulte no Índice de Pessoas).

Alexandre: trata-se de ALEXANDRE “O GRANDE” (consulte no Índice de Pessoas).

X.23 “*Cercado como num redil...*”: paráfrase de Platão, Teeteto 174d-e.

X.31 *Severo*: trata-se de SEVERO (c) (consulte no Índice de Pessoas).

X.33 *um cilindro desce por um plano inclinado*: Crisipo, frag. 1000.

X.34 “*Às folhas, atira-as o vento ao chão...*”: Homero, *Ilíada*, 6.146-147.

Livro XI

XI.2 *pancrácio*: estilo de combate corpo-a-corpo introduzido pelos Gregos e que depois foi adotado pelos Romanos. Hoje, é popularmente conhecido como “luta greco-romana”.

XI.3 *feito os cristãos*: no manuscrito original, esta frase está deslocada e não tem sentido gramatical correspondente ao texto precedente. Possivelmente foi um comentário adicionado por um leitor posterior. Não há razão para acreditar que Marco Aurélio tivesse com os cristãos em mente nesse momento.

XI.6 “*Ó Citéron!*”: Sófocles, Édipo Rei 1391.

XI.15 *é como uma vara torta*: referência ao provérbio popular grego “vara torta não se pode endireitar”.

XI.22 *Pense no rato campestre e no urbano*: fábula popular narrada por mais de um autor, como Esopo, Horácio e Bábrio.

XI.23 *Sócrates costumava chamar*: possivelmente uma citação Epicteto que, em Discursos 2.1.15, cita Platão, Crítion 46c e Fédon 77e.

XI.23 *Lâmias*: na mitologia grega, Lâmia foi uma rainha da Líbia que se transformava em um monstro devorador de crianças. Mas o termo também era comumente atribuído a toda figura monstruosa feminina, como bruxas e espíritos.

XI.25 *Sócrates, ao recusar a convocação do Pérdicas*: provavelmente um erro cometido pelo autor. Quem convoca Sócrates não foi Pérdicas, mas o filho dele, Arquelau. Aristóteles, Retórica, 2. 23.1398a25

XI.28 *Estime o homem que Sócrates foi quando*: anedota desconhecida.

XI.31 “*E meu coração riu por dentro.*”: Homero, Odisséia 9.413

XI.32 “*Menosprezarão a virtude com palavras ásperas.*”: Hesíodo, Os Trabalhos e os Dias 186.

XI.33 *Procurar figos no inverno é loucura*: Epicteto, Discursos 3.24.86.

XI.34 *Epicteto aconselhou*: Epicteto, Discursos 3.24.88.

XI.35 *A uva verde, o cacho maduro, a uva-passa...*”: Epicteto, Discursos 3.24.

XI.36 “*Ninguém pode roubar nossa volição.*”: Epicteto, Discursos 3.22.105.

XI.37 *Epicteto disse*: Epicteto, sem indicação de qual fragmento.

XI.38 *Ele afirmou*: Epicteto, sem indicação de qual fragmento.

XI.39 *Sócrates*: Não se sabe a qual anedota Marco Aurélio se refere.

Livro XII

XII.3 *se tornar como a esfera de Empédocles*: Empédocles, frag. B27

XII.27 *Baiae*: uma espécie de resort romano na baía de Nápoles.

XII.34 *quem considera o prazer um bem*: alusão aos epicuristas.

Índice de pessoas

ADRIANO (a)

Imperador romano conhecido por suas viagens, exacerbações e gozo dos prazeres. Adotou ANTONINO como seu herdeiro sob a condição de que este adotasse Marco Aurélio e Lúcio VERO. (IV.33, VIII.5, VIII.37, X.27)

ADRIANO (b)

*Retórico proeminente; nenhuma relação com o imperador
ADRIANO (a). (VIII.25)*

AGRIPA

General romano; foi um conselheiro e um associado bastante próximo de AUGUSTO. Chegou a casar-se com sua filha do imperador. (VIII.31)

ALCIFRÃO

Não identificado. Mas pelo contexto do capítulo podemos supor que era um contemporâneo de Marcus. (X.31)

ALEXANDRE, O GRAMÁTICO

Grego proveniente da Kütahya, hoje Turquia. Foi mestre do grande orador Élio Aristides e também de Marco. (I.10)

ALEXANDRE “O PLATONISTA”

Foi uma figura literária. Foi sarcasticamente apelidado de Alexandre Peloplatão (“O Plagiarista de Platão”) por seus rivais. Serviu como chefe

pelo lado dos gregos no secretariado imperial. (I.12)

ALEXANDRE “O GRANDE”

Governante da Macedônia entre 336 e 323 a.C. e conquistador de grande parte do Oriente Próximo e do Oriente Médio. (III.3, VI.24, VIII.3, IX.29, X.27)

ANTÍSTENES

Seguidor de Sócrates e precursor da escola cínica. (VII.36)

ANTONINO

Tito Aurélio Antonino Pio, imperador romano entre 138 e 161 d.C. Adotou Marco em 138, quando este ainda tinha 16 anos, para ser educado como seu sucessor. (I.16, I.17, IV.33, VI.30, VIII. 25, IX.21, X.27)

APOLÔNIO

Apolônio de Calcedônia, filósofo Estoico e um dos principais professores de Marco. (I.8, I.17)

ARQUIMEDES

Matemático, cientista e engenheiro da cidade grega de Siracusa, na Sicília. (VI.47)

AREIO

Filósofo Estoico proeminente na corte de AUGUSTO. (VIII.31)

ARISTÓFANES

Dramaturgo cômico ateniense. (IV.23, VII.66)

ASCLÉPIO

Deus grego da medicina. (VI.43)

ATENÓDOTO

Filósofo Estoico e professor de FRONTO. (I.13)

AUGUSTO

Sobrinho-neto e filho adotivo de Júlio César. Alcançou o poder após o assassinato de César e se tornou o primeiro imperador romano depois de derrotar o comandante imediato de César, Marco Antônio, na batalha de Ácio em 31 a.C. (IV.33, VIII.5, VIII.31)

BACHIUS

Filósofo platônico. (I.6)

BENEDITA

Desconhecida. Provavelmente uma escrava doméstica de Marco junto a Teodoro. (I.17)

BRUTO

Marco Júnio Bruto, aristocrata e político romano que liderou a conspiração para assassinar Júlio CÉSAR em 44 a.C. (I.14)

CEDICIANO

Talvez se trate de um governador da Dácia dos anos 120 e 130. (IV.50)

CÉSAR

Caio Júlio César, político e general romano que marchou sobre Roma em 49 A.C., precipitando uma guerra civil contra as forças leais ao POMPEU e ao Senado. Após a derrota das forças republicanas na batalha de Farsália e o assassinato de Pompeu, ele foi nomeado ditador vitalício, mas assassinado em 44 a.C. (III.3, III.3)

CESÃO

Desconhecido, embora possamos deduzir que foi uma figura da história republicana. (IV.33)

CAMILO

Marco Fúrio Camilo, general que salvou Roma quando estava sob ataque dos gauleses invasores no século IV a.C. É capaz que seja uma figura mítica. (IV.33)

CATÃO (a)

Marco Pórcio Catão “o Velho”. Foi cônsul e sensor no século II a.C. Era um emblema da retidão moral romana e das virtudes robustas. (IV.33)

CATÃO (b)

Marco Pórcio Catão “o Jovem”. Bisneto de CATÃO (a), foi um senador e Estoico no final da República. Lutou contra a arremetida de Júlio CAESAR e foi imortalizado como um emblema da resistência estoica à tirania depois de ter sido condenado ao suicídio. (I.14)

CATULO

Sabemos pela História Augusta que Cina Catulo, juntamente de MÁXIMO, foi nomeado para ser mentor Estoico de Marco. Fora isso, nada mais se sabe dele. (I.13)

CÉCROPE

Fundador de Atenas, conforme reza a lenda. (IV.23)

CÉLER

Um dos professores de retórica de Marco, mas que também ensinou a Lúcio VERO. (VIII.25)

CABRIAS

Assim como DIÓTIMO, foi um associado de ADRIANO (a). Nada mais se sabe a seu respeito. (VIII.37)

CHARAX

Talvez seja Charax de Pérgamo, um historiador ativo durante os séculos segundo e terceiro. (VIII.25)

CRISIPO

Filósofo Estoico que sucedeu a Zenão e Cleantes como líder da escola. Além de filósofo, foi um prolífico escritor, e é um grande responsável pela concepção dos fundamentos Estoicos que hoje conhecemos. Em seus escritos estão conservados os pilares originários dessa filosofia. (VI.42, VII.19)

CLOTO

Na mitologia grega, é uma das três entidades responsáveis por fabricar, tecer e encerrar o fio da vida que permeia a todos os mortais. Também conhecidas por serem as responsáveis pela concepção do destino de cada um. (IV.34)

CRATES

Trata-se de Crates de Tebas, filósofo cínico, mentor de Zenão (fundador do Estoicismo), e discípulo de DIÓGENES. (VI.13)

CRÍTON

Talvez seja Tito Statílio Críton, médico ativo durante o império de Trajano. (X.31)

CESO

Famoso rei da Lídia no século VI, conhecido por acumular enorme riqueza e poder até ter sido tomado pelos persas. (X.27)

DEMÉTER

Deusa grega da agricultura. (VI.43)

DEMÉTRIO DE FALEROS

Filósofo ativo durante o século IV a.C. e também governador de Atenas durante o domínio dos macedônios. Estudou com TEÓFRASO. (IX.29)

DEMÉTRIO “O PLATONISTA”

Possivelmente não se trate de nenhum Demétrio conhecido pela história. O mais provável é que fosse uma figura contemporânea de Marco, mas sem rastro histórico para que pudéssemos encontrá-lo. (VIII.25)

DEMÓCRITO

Filósofo pré-socrático conhecido por ter desenvolvido a teoria dos átomos. (III.3; citado IV.3, IV.24, VII.31)

DIÓGENES

Filósofo grego fundador da escola cínica. Amplamente reconhecido pelo seu estilo de vida acético e seu desprezo pelas convenções sociais. (VIII.3, XI.6)

DIOGNETO

Segundo a História Augusta, foi professor de pintura de Marco, mas a influência de seu caráter na formação filosófica do imperador foi além da expressão artística. (I.6)

DÍON

Aristocrata siciliano e protegido de Platão. Era visto pelo filósofo como um potencial rei-filósofo. (I.14)

DIÓTIMO

Assim como CABIRAS, foi um associado de ADRIANO (a). Nada mais se sabe sobre ele. (VIII.25, VIII.37)

DOMÍCIO

Não identificado. Talvez um aluno de ATENODORO. (I.13)

EMPÉDOCLES

Filósofo e poeta grego que considerava o mundo natural como sendo o resultado da mistura e separação constantes dos quatro elementos básicos.

(citado em VIII.41, XII.3)

EPICTETO

Um ex-escravo e um dos filósofos mais influentes do Estoicismo romano. (I.7, VII.19; citado ou parafraseado em IV.41, V.29, VII.63, XI.33, XI.34, XI.36, XI.38)

EPICURO

Filósofo grego e fundador do epicurismo, uma das duas grandes escolas filosóficas helenísticas e grande antagonista da filosofia Estoica. (citado em VII.64, IX.41)

EPITINCANO

Talvez um escravo ou ex-escravo de ADRIANO (a). (VIII.25)

ESTERTINIO

Não identificado. (XII.27)

EUDEMÃO

Provavelmente um oficial e literário durante o tempo de ADRIANO (a). (VIII.25)

EUDOXO

Matemático e astrônomo grego. (VI.47)

EUFRADES

Talvez se trate do filósofo mencionado por Plínio, o Jovem e alguém próximo de ADRIANO (a), ou apenas um dos oficiais imperiais mencionado por Galeno. (X.31)

EURÍPIDES

Dramaturgo ateniense controverso em vida, mas um dos autores gregos mais populares nos séculos subsequentes. (citado em VII.38, VII.40,

VII.42, VII.50, VII.51, XI.6)

EUTIQUES

Desconhecido; mesmo a comparação a SATIRION não nos ajuda a identificá-lo. (X.31)

EUTIQUIÃO

Não identificado, a menos que o nome esteja escrito errado e trate-se do gramático Eutíquio Proclo. (X.31)

FÁBIO

Não identificado, talvez seja o mesmo que FÁBIO CATULINO. (IV.50)

FÁBIO CATULINO

Desconhecido. (XII.27)

FAUSTINA (a)

Ana Cornifícia Faustina, única irmã de Marco e possivelmente dois anos mais nova que ele.

FAUSTINA (b)

Esposa de ANTONINO Pio. Sua filha, e esposa de Marco Aurélio, também era Faustina. (I.17)

FRONTO

Marco Cornélio Fronto, retórico proveniente no norte da África e um dos principais educadores de Marco. (I.11)

HELVÍDIO

Helvídio Prisco, genro de TRÁSEA Peto e também Estoico; foi eLivros e posteriormente executado por sua oposição ao imperador VESPASIANO. (I.14)

HERÁCLITO

Filósofo pré-socrático da cidade de Éfeso, famoso por suas declarações enigmáticas e paradoxais; seus pensamentos influenciaram a concepção estoica de logos como um poder divino e do fogo como a substância primordial. De acordo com Diógenes Laertius, ele morreu de hidropsia, e tentou curar-se mergulhando em estrume; mas este relato é quase certamente ficcional. (III.3, VI.47, VIII.3; citado ou parafraseado em IV.46, VI.42)

HIPARCO

Astrônomo grego. (VI.47)

HIPÓCRATES

Médico grego conhecido por ser o pai da medicina moderna; seus escritos, em especial o “Juramento de Hipócrates” ainda é usado na formação de médicos. (III.3)

HIMIÃO

Desconhecido. (X.31)

JULIANO

Talvez se tratasse de um amigo de FRONTO, Claudio Juliano, que foi procônsul da Ásia por volta dessa época. (IV.50)

LÉPIDO

Talvez seja o aristocrata romano que, por um breve período, foi co-governante junto com o futuro imperador AUGUSTO; mas pelo contexto, entende-se ser um contemporâneo de Marco, mais velho que este. (IV.50)

LUCILA

Mãe de Marcus. (I.3, I.17, VIII.25, IX.21)

LUCIO LUPO

Desconhecido. (XII.27)

MECENAS

Conselheiro AUGUSTO e conselheiro não oficial da cultura. (VIII.31)

MARCIANO

Filósofo desconhecido. (I.6)

MÁXIMO

Claudio Maximo; cônsul romano no início dos anos 140; governador da Alta Panônia no início dos anos 150; e, mais tarde na mesma década, governador do Norte da África e juiz no julgamento de Apuleio por feitiçaria. (I.15, I.16, I.17, VIII.25)

MENIPO

Filósofo cínico de Gadara, na Síria; é uma personagem recorrente dos diálogos satíricos de Luciano. (VI.47)

MÓNIMO

Filósofo cínico e aluno de DIÓGENES. (II.15)

NERO

Imperador romano conhecido historicamente por sua tirania e crueldade. (III.16)

ORIGÂNIO

Desconhecido; provavelmente um escravo ou ex-escravo imperial. (VI.47)

PANTEIA

Amante de Lúcio VERO, também mencionada em várias obras do satírico Luciano. (VIII.37)

PÉRDICAS

Rei da Macedônia . (XI.25)

PÉRGAMO

Um associado de Lúcio VERO, talvez um escravo ou amante. (VIII.37)

FÁLARIS

Ditador siciliano conhecido por sua crueldade. (III.16)

FILIPE

Rei da Macedônia e pai de ALEXANDRE, O GRANDE. (IX.29, X.27)

FILISTIO

Desconhecido; mas pode ser que se tratasse de escravo ou ex-escravo imperial, ou de um mímico da época. (VI.47)

FOCION

General e estadista ateniense sentenciado à morte por traição; antes de sua execução, supostamente teria pedido a seu filho que perdoasse os atenienses por tê-lo condenado. (XI.13)

FEBO

Desconhecido; provavelmente um escravo ou ex-escravo imperial. (VI.47)

PLATÃO

Filósofo ateniense, discípulo de SÓCRATES e autor de diálogos filosóficos amplamente relevantes até hoje; sua obra mais famosa talvez seja República, em que ele discute como seria uma sociedade ideal, mesma obra em que ele propõe que o melhor governante seria um rei-filósofo. (VII.48, IX.29, X.23; citado em VII.44, VII.45, VII.46)

POMPEU

Gneu Pompeu Magno, político e general romano que subiu ao poder devido a uma série de campanhas bem-sucedidas no Orient; fora aliado de Júlio

CÉSAR até rivalidades e suspeitas mútuas surgirem; liderou a resistência senatorial contra César quando este marchou sobre Roma e deu início à guerra civil; fugiu para o Egito após a derrota na batalha de Farsalo, e, em exílio, foi assassinado. (III.3, VIII.3)

PITÁGORAS

Matemático, filósofo pré-socrático e místico grego. (VI.47)

RÚSTICO

Junio Aruleno Rústico, filósofo estoico tardio, discípulo de TRÁSEA Peto, cônsul por duas vezes e prefeito de Roma durante a década de 160. Também foi um dos mentores com maior influência na formação filosófica do jovem Marco Aurélio. (I.7, I.17)

SATIRION

Desconhecido; talvez um contemporâneo de Marco. (X.31)

CIPIÃO

Pode ser que Marco se refira a Públio Cornélio Cipião Africano, que derrotou Aníbal na segunda guerra púnica, ou a seu neto adotivo, Públio Cornélio Cipião Emiliano, conquistador de Cartago na terceira guerra púnica. (IV.33)

SECUNDA

Esposa de MÁXIMO. (VIII.25)

SEVERO (a)

Lúcio Catílio Severo, senador romano e bisavô de Marco. (I.4)

SEVERO (b)

Gneu Claudio Severo Arabiano de Pompeiópolis na Ásia Menor, cônsul em 146; era um adepto da escola peripatética fundada por Aristóteles. (I.14)

SEVERO (c)

Provavelmente o filho de SEVERO (b); casou-se com uma das filhas de Marco Aurélio. (X.31)

SEXTO

Sexto da Queroneia, filósofo Estoico, professor de Marco e Lúcio VERO, e sobrinho Plutarco. (I.9)

SILVANO

Talvez Lamia Silvano, genro de Marco Aurélio. (X.31)

SÓCRATES

Filósofo ateniense, professor de Platão. Serviu na Guerra do Peloponeso contra Esparta e associou-se à junta governou Atenas após sua derrota em 404, mas recusou-se a participar das atrocidades cometidas por ela. Foi condenado a suicídio sob a acusação de impiedade após a restauração da democracia; em “A Apologia”, Platão pretende reconstruir seu discurso durante o julgamento. (I.16, III.3, III.6, VI.47, VII.19, VII.66, VIII.3, XI.23, XI.25, XI.28, XI.39)

TANDASO

Possivelmente um filósofo como Marciano; caso contrário, não se sabe quem foi. Há ainda a cogitação de ter sido um erro de edição de algum leitor póstumo; neste caso, trataria-se não de Tandaso, mas de Basíledes, um dos professores de Marco. (I.6)

TELAUGE

Aparentemente um discípulo de SÓCRATES; mas também pode se tratar de filho de PITÁGORAS com o mesmo nome. (VII.66)

TEÓDOTO

Desconhecido; tanto ele como BENEDITA foram, provavelmente, escravos domésticos. (I.17)

TEOFRASTO

Filósofo sucessor de Aristóteles à frente da escola peripatética. (II.10)

TRÁSEA

Públio Clódio Trásea Peto, senador romano e sogro de HELVIDIO Prisco; integrante da chamada Oposição Estoica e grande antagonista ao regime de NERO, por quem foi forçado a suicidar-se; biógrafo do jovem CATÃO (b). (I.14)

TIBÉRIO

Imperador romano sucessor de AUGUSTO. Conhecido por seus excessos (registrados pelo biógrafo Suetônio), e por ter se retirado à sua propriedade privada na Ilha de Capri ao final de seu reinado. (XII.27)

TRAJANO

Marco Úlpio Trajano, general e imperador romano. (IV.32)

TROPAÉFORO

Talvez um senador contemporâneo a Marco. (X.31)

VÉLIO RUFO

Desconhecido; sabemos apenas que fora destinatário de uma das cartas de FRONTO. (XII.27)

VERO (a)

Marco Ânio Vero, avô de Marco. Senador romano três vezes cônsul e uma vez prefeito de Roma. Era uma figura política bastante influente e respeitada na época. (I.1, I.17, IX.21)

VERO (b)

Marco Ânio Vero, pai de Marco e esposo de LUCILA. Morreu entre 130 e 135 deixando Marco Aurélio órfão quando este tinha por volta dos seus 10 anos. (I.2, VIII.25)

VERO (c)

Lúcio Aurélio Vero, filho de Lúcio Élio (futuro sucessor de ADRIANO (a), mas que faleceu antes da sucessão). Foi adotado junto com Marco por ANTONINO Pio e tornou-se co-imperador após a morte do pai adotivo. Foi encarregado de conduzir a Guerra da Pártia e fez campanha com Marco na fronteira norte antes de sua morte repentina enquanto retornava a Roma. (I.17, VIII.37)

VESPASIANO

Imperador romano. Seu reinado foi marcado por um período de estabilidade após a morte de NERO. No entanto, entrou em conflito contra membros da classe senatorial, em especial com HELVÍDIO Prisco e sua oposição estoica. (IV.32)

VOLESO

Sobrenome tradicional no clã Valério, que gerou várias figuras ilustres em Roma, conforme dizem os relatos históricos. Mas não sabemos a qual deles Marco se refere. (IV.33)

XÂNTIPE

Esposa de SÓCRATES. (XI.28)

XENÓCRATES

Filósofo platônico e chefe da Academia (como era conhecida a escola filosófica de Platão) no final do século IV a.C. (VI.13)

XENOFONTE

Possivelmente um médico contemporâneo a Marco Aurélio. (X.31)

ZEUS

Conforme a mitologia grega, era o deus do trovão e chefe do Olimpo. (IV.23, V.7, V.8, XI.8)

Glossário

A

Alma: traduz “psychê (ψυχή)”. Aparece em I.16. Segundo os Estoicos, a alma humana é a porção divina que permeia o corpo e nos torna seres animados. Eles acreditavam que a alma é material e possui substância. O termo está contextualizado nos seguintes capítulos: II.6, IV.41, V.19, VI.14, VII.66, IX.8, X.1, XI.3, XI.12, XI.39.

Análise: traduz “dairesis (διάρισις)”. Aparece em IV.21. Significa analisar um objeto por meio da divisão em fragmentos. Analisar o que está e o que não está em nosso encargo significa dividir os objetos e opinar corretamente acerca deles. Investigue o capítulo XI.2.

Arrogância: traduz “oiêsis (οἴησις)”. Aparece em IX.34.

Arte: traduz “technê (τέχνη)”. Aparece em IV.2. Trata-se da aplicação prática do conhecimento. Para capítulos onde esse termo está contextualizado, explore: IV.31, VI.35, VII.68, VIII.50, XI.10.

Assentimento: traduz “sunkatathesis (συγκατάθεσις)”. Aparece em I.7. Para um Estoico, assentir significa aprovar determinada impressão e permitir que uma ação seja tomada a partir dela. Leia os capítulos V.10 e XI.37.

Autarcia: traduz “autarkeia (αὐτάρκεια)”. Aparece em III.11. Autarcia é uma qualidade análoga à autonomia ou autossuficiência. Demonstrá-la significa estar contente ou satisfeito consigo mesmo, sem maiores necessidades.

B

Belo: traduz “kalos (καλός)”. Aparece em II.1. Em grego, esse termo também carrega o sentido figurado de “bom”, “nobre”, “honroso” ou “virtuoso”. Antonino utiliza esse adjetivo nos capítulos: III.2, IV.20, V.3, V.31, VI.36, VII.48, VIII.10.

Bem: traduz “agathos (ἀγαθός)”. Aparece em II.1. Na filosofia Estoica, apenas os bens devem ser desejados. O que é bom se localiza não fora, mas sim dentro—no que está em nosso encargo. Ou seja, a faculdade hegemônica deve distinguir as opiniões, avaliar as impressões e assentir corretamente para alcançar o próprio bem. Averigue: IV.10, IV.17, IV.42, VI.51, VII.15, VIII.22, IX.17, XI.15, XII.34.

C

Coisas indiferentes: traduz “adiaphora (ἀδιάφορα)”. Aparece em V.20. No Estoicismo, tudo o que não está em nosso poder é indiferente. Aprenda sobre nos capítulos VI.32 e XI.16.

Compreensão: traduz “katalêpsis (κατάληψις)”. Aparece em IV.22. Consulte: VI.30.

Conflagração cíclica: traduz “ekpyrôsis (ἐκπύρωσις)”. Aparece em III.3. Segundo a física Estoica, o cosmos nasce, morre e renasce periodicamente. O início e término dos ciclos do cosmos é demarcado por uma conflagração. Tal crença remonta a Heráclito. Marco Aurélio cita a conflagração cíclica em X.7.

Conhecimento: traduz “episteme (ἐπιστήμη)”. Aparece em X.9.

Convicção: traduz “dogma (δόγμα)”, sinônimo de “hypolêpsis (ὑπόληψις)”. Aparece em II.3. Leia: III.13, IV.16, IV.49, V.9, VII.2, VIII.1, IX.3, XII.9.

Cosmos e universo: traduzem “kosmos (κόσμος)”. Aparece em II.3. Trata-se do todo, ordenado pela razão. O termo também é utilizado nos capítulos: IV.23, IV.29, VI.25, VIII.52, IX.19, IX.28, X.21, XII.23.

D

Desejo: traduz “orexis (ὄρεξις)”. Aparece em V.35. Trata-se da atração por um objeto. Averigue: IX.7.

Destino: traduz “heimarmenê (εἰμαρμένη)”. Aparece em V.8. Leia: VII.46, VIII.35, XII.14.

Deus (ou *deuses*): traduz “theos (θεός)”. Aparece em I.16. Usado por Marco Aurélio ora no singular, ora no plural. Apesar do politeísmo presente na cultura greco-romana, os Estoicos eram panteístas. Ou seja, para eles deus é a natureza, a qual, por sua vez, é o conjunto de tudo que existe. Logo, viver de acordo com a natureza significa obedecer aos deuses. Vale reforçar a importância de não confundir o deus mencionado em *Meditações* com o Deus do Cristianismo. Marco Aurélio menciona deus ou os deuses nos seguintes capítulos: II.11, IV.47, VI.44, VII.70, VIII.34, IX.11, IX.27, XI.13, XII.5.

Dever: traduz “kathêkon (καθῆκον)”. Aparece em III.1. Deveres são ações adequadas à virtude. Marco Aurélio escreve sobre o seu dever nos capítulos VI.22 e X.3.

Diligência: traduz “prosochê (προσοχή)”. Aparece em I.16.

E

Entendimento: traduz “dianoia (διόνοια)”. Aparece em III.1. Trata-se da faculdade da mente que nos permite entender. Consulte: V.16, VI.16, VII.5, VIII.57, IX.2, X.35.

F

Faculdade hegemônica: traduz “hêgemonikon (ἡγεμονικόν)”. Aparece em II.2. Trata-se da parte ativa e superior dos seres humanos. Por meio da razão, governa e rege a parte restante—passiva e inferior. Para compreender melhor, examine: III.9, IV.38, VI.8, VII.16, VII.55, IX.15, IX.22, X.24, XI.20, XII.33.

Felicidade: traduz “eudaimonia (εὐδαιμονία)”. Aparece em VII.17. O termo também é usado no capítulo VII.67.

Finalidade: traduz “telos (τέλος)”. Aparece em II.16. Marco Aurélio escreve sobre a sua finalidade em V.15, IX.23 e XII.20.

G

Gênio interior: traduz “daimôn (δαίμων)”. Aparece em II.13. Trata-se do espírito divino que habita os humanos. Segundo os Estoicos, a felicidade resulta da harmonia entre nosso gênio interior e o cosmos. Consulte: II.17, III.7, V.27, VIII.45, X.13.

I

Impressão: traduz “phantasia (φαντασία)”. Aparece em I.7. Segundo Epicteto, a tarefa do filósofo é testar e analisar as impressões que se apresentam à sua faculdade hegemônica. Consulte: V.2, V.36, VI.13, VII.54, VIII.29, VIII.49.

Impulso: traduz “hormê (ὁρμή)”. Aparece em II.2. Os impulsos, a partir de desejos, atraem pessoas para objetos. Podem ser irracionais ou racionais. Por isso, devem ser vigiados com diligência. Consulte: II.7, VII.4, VIII.16, IX.21, X.26, XII.31.

Inteligência: traduz “nóos (νόος)”. Aparece em II.1. Verifique: III.16, V.30, VI.40, VII.30, VIII.41, XII.26.

J

Justiça: traduz “dikaiosyne (δικαιοσύνη)”. Aparece em III.6. A justiça é uma das quatro virtudes cardinais. No Estoicismo, agir de forma justa significa agir conforme a lei que conduz os seres racionais. Leia: V.12, VI.50, VII.63, X.11, XII.15.

L

Lei: traduz “nomos (νόμος)”. Aparece em III.11. Outra possível tradução é “costume”. Entenda melhor lendo IV.4, VII.9, X.25, XII.1 e XII.36.

Liberdade de perturbações: traduz “ataraxia (ἀταξία)”. Aparece em IX.31.

M

Matéria: traduz “hylê (ύλη)”. Aparece em IV.1. Estude: VII.23, VIII.3, IX.14, IX.25, IX.37, X.31, XII.7.

N

Natureza: traduz “*physis* (φύσις)”. Aparece em I.9. Marco Aurélio repetidamente escreve sobre a importância de harmonizar-se com a natureza. Veja: II.1, II.9, III.12, IV.5, V.1, VI.33, VIII.7, IX.1, X.2, XII.32.

O

O que está em nosso poder: traduz “eph’ hêmin (ἐφ’ ἡμῖν)”. Aparece em VI.41. Segundo os Estoicos, o uso correto das nossas impressões, das nossas convicções e dos nossos impulsos depende de nós. Examine o capítulo IX.40.

Opinião: traduz “hypolêpsis (ὕποληψις)”. Aparece em II.15. As opiniões são julgamentos de valor fundamentados na razão. Segundo Marco Aurélio, nossas opiniões tingem nossa mente. Por isso, devemos descartar as potencialmente danosas e cuidar da nossa capacidade de formá-las. Veja: IV.7, VII.62, VIII.44, IX.6, IX.32, XII.8, XII.22.

P

Paixão: traduz “pathos (πάθος)”. Aparece em I.9. Paixões caracterizam sentimentos excessivos, baseados em falsos julgamentos. As paixões são quatro: o desejo, o medo, o prazer e a dor. Segundo os Estoicos, as paixões agitam a alma e nos impedem de julgar em consonância com a natureza. Estude os capítulos I.17, II.5, III.4 e VIII.48.

Providência: traduz “pronoia (πρόνοια)”. Aparece em II.3. A providência é um meio pelo qual a razão ordena tudo que existe. Ao longo de *Meditações*, Marco Aurélio contrapõe a visão Estoica, de que o cosmos é providencial, com a perspectiva Epicurista, de que é apenas de um amontoado de átomos. Ou seja, ele se questiona se há um porquê de o fio do destino se desenrolar como se desenrola ou se o todo é desordenado. O termo está contextualizado nos capítulos IV.3, VI.10 e XII.24.

R

Razão seminal: traduz “logos spermatikos (λόγος σπερματικός)”. Aparece em IV.14. Na física Estoica, esse termo representa o princípio a partir do qual tudo é criado e para o qual tudo retorna. Veja: IV.21, VI.24.

Razão: traduz o termo “logos (λόγος)”. Aparece em I.8. No Estoicismo, a razão permeia, ordena e anima o cosmos. Para os Estoicos, os humanos são racionais porque possuem uma parte da razão divina. Antonino emprega o termo em diversos capítulos, incluindo: IV.13, IV.46, V.14, VII.11, VIII.40, IX.10, X.33, XI.9.

Renovação periódica do mundo: traduz “palingenesia (παλιγγενεσία)”. Aparece em XI.1. É um conceito da física Estoica que se relaciona com a conflagração cíclica.

Repulsão: traduz “ekklisis (ἔκκλισις)”. Aparece em VIII.28. Trata-se do oposto de um desejo. Ou seja, um impulso para não agir. Compreenda o termo lendo o capítulo XI.37.

S

Sábio: traduz “sophos (σοφός)”. Aparece em X.36.

Simpatia: traduz “sympatheia (συμπάθεια)”. Aparece em IV.27. Na física Estoica, trata-se da afinidade e interdependência entre as partes do todo. Veja: V.26, IX.9.

Sopro vital: traduz “pneuma (πνεῦμα)”. Aparece em II.2. Na física Estoica, a alma dos seres animados é um fragmento do sopro vital—a alma divina. O sopro vital está presente inclusive nos seres irracionais. Os Estoicos eram materialistas, por isso classificavam o sopro vital como algo material—uma combinação dos elementos ar e fogo. Estude os capítulos V.33, VIII.25 e IX.36.

Substância: traduz “ousia (οὐσία)”. Aparece em II.17. Para compreender o termo, investigue: IV.40, V.23, VI.1, VII.25, X.17, XII.30.

T

Teorema: traduz “theorêma (θεώρημα)”. Aparece em IV.2. Trata-se de uma percepção fundamentada. Relaciona-se com as convicções. Marco Aurélio emprega o termo no capítulo XI.5.

V

Virtude: traduz “aretê (ἀρετή)”. Aparece em III.11. Antonino lista as virtudes em VI.17, VIII.39, IX.16, IX.42 e XI.26.

Volição: traduz “prohairesis (προαίρεσις)”. Aparece em VI.41. Trata-se da nossa capacidade de fazer escolhas racionais. Consulte: VIII.56, XI.36, XII.3.

Agradecimentos

Esta tradução foi uma realização independente e não teria sido possível sem o apoio e incentivo de:

- Allan de Almeida Vigiano;
- André Moura;
- Edjames Oliveira;
- Fabio Ferrari;
- Fabricio Garcia;
- Felipe Duarte Cardozo de Pina;
- Ian Gomes Barreto;
- Ivan Biava;
- Leonardo Torres;
- Luiz Eduardo Roman Alves Perna;
- Luiz Fernando Pires Sena; e
- Vinicius Bravo de Oliveira Santos.

Assim como foi crucial o apoio do Prof. Aldo Dinucci, que nos aconselhou e generosamente revisou partes da tradução.

Sem vocês, este projeto jamais teria sido finalizado. Portanto, um enorme obrigado.

Referências bibliográficas

Aelius, S., & Brandão, J. L. (2012). *História Augusta (1a)*. Rio de Janeiro: Annablume.

Alfred, R. (2009). *Aug. 24, A.D. 79: Vesuvius Buries Pompeii*. Último acesso em 26 de Março de 2021, em <http://www.wired.com/2009/08/0824-vesuvius-pompeii-pliny/>

Andrade, R. G. de. (2001). *Uma abordagem sobre ser e aparecer no estoicismo antigo*. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 0(2), 9–17.

Antoninus, M. A., & Casaubon, M. (1990). *Marcus Aurelius Antoninus, His Meditations concerning himself*. (W. H. D. Rouse, Ed.) (2nd ed.). New York: E. P. Dutton & Co. Retirado de https://en.wikisource.org/wiki/Marcus_Aurelius_Antoninus_-_His_Meditations_concerning_himself

Antoninus, M. A., & Haines, C. R. (1916). *Glossary of Greek Terms*. In E. Capps, T. E. Page, & W. H. D. Rouse (Eds.), *The communings with himself of Marcus Aurelius Antoninus* (p. 409). London: The Loeb Classical Library. Retirado de [https://en.wikisource.org/wiki/Marcus_Aurelius_\(Haines_1916\)](https://en.wikisource.org/wiki/Marcus_Aurelius_(Haines_1916))

Antoninus, M. A., & Long, G. (1889). *Thoughts of Marcus Aurelius Antoninus. Wikisource (3rd ed.)*. Boston: Little, Brown, and Company. Retirado de <http://books.google.com/books?id=K7iRPQAACAAJ>

Britannica, T. E. of E. (2006). *Pherecydes of syros*. Último acesso em 26 de Março de 2021, em <https://www.britannica.com/biography/Pherecydes-of->

Syros

Matos, A. S. M. C. (2010). *A phýsis como fundamento do sistema filosófico estoico*. *Kriterion*, 51(121), 173–193. <https://doi.org/10.1590/s0100-512x2010000100009>

Desconhecido. (n.d.). *O Logos Filoniano e a Razão Estóica*. PUC Maxwell.

Desconhecido. (n.d.). *Termo “patrizio.”* Último acesso em 26 de Março de 2021, em <https://www.treccani.it/enciclopedia/patrizio/>

Dinucci, A. (2016). *Cinco diatribes de Epicteto sobre razão e loucura*. *Griot: Revista de Filosofia*, 14(2), 469–490. <https://doi.org/10.31977/grirfi.v14i2.702>

Dinucci, A. (2017). *The Stoic concept of phantasia: em Zeno to Chrysippus*. *Revista Archai*, (21), 33–37. https://doi.org/10.14195/1984-249x_21_1

Farquharson, A. S. L. (1944). *The Meditations of the Emperor Marcus Aurelius Antoninus (1st ed.)*. London: Oxford University Press. Retirado de https://en.wikisource.org/wiki/The_Meditations_of_the_Emperor_Marcus_Antoninus

Franco, A. B. (1969). *Ascensão e queda*. *Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais*, 4(4), 16. <https://doi.org/10.17851/0103-5878.4.4.16-18>

Guimarães, M. A. (2009). *Os Estóicos e a lida com as paixões (sic)*. *Anais de Filosofia Clássica*, 3(6). <https://doi.org/10.47661/afcl.v3i6.16855>

Hibi, S., & Fukuda, K. (2001). *The colors of Japan*. *Choice Reviews Online*, 39(01), 39-0079-39–0079. <https://doi.org/10.5860/choice.39-0079>

Hutcheson, F. (2012). *The meditations of the Emperor Marcus Aurelius Antoninus*. Indianapolis: liberty fund, inc. Retirado de <https://oll.libertyfund.org/title/silverthorne-the-meditations-of-the-emperor-marcus-aurelius-antoninus-2008>

Kormann, M., Katsarou, S., Katsono, D., & Lock, G. (2016). *Structural Integrity Modelling of an Early Bronze Age Corridor House in Helike of Achaea, NW Peloponnese, Greece*. Último acesso em 26 de Março de 2021, em <http://www.helikeproject.gr/discoveries.htm>

Leopold, J. H. (n.d.). *M. Antonius Imperator Ad Se Ipsum*. Retirado de <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0641%3Abook%3D1%3Achapter%3D1>

Lorenz, H. (2009). *Ancient Theories of Soul*. (E. N. Zalta, Ed.), Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2008). Metaphysics Research Lab, Stanford University. Retirado de <http://plato.stanford.edu/archives/sum2009/entries/ancient-soul/>

Markowitz, M. (2016). *Philosopher King: The Coinage of Marcus Aurelius*. Último acesso em 26 de Março de 2021, em <https://coinweek.com/ancient-coins/philosopher-king-the-coinage-of-marcus-aurelius/>

Pinheiro, M. R., & Almeida, H. C. de. (2011). *Deus e o Estoicismo em Marco Aurélio*. UFF- Universidade Federal Fluminense. Retirado de <http://www.helenismo.uff.br/sites/default/files/Henrique - Deus e o Estoicismo em Marco Aurélio.pdf>

Porto, M. V. C. (2018). O Estoicismo de Sêneca e suas considerações sobre Deus e Morte. Universidade Federal Fluminense, Niteroi. <https://doi.org/1022409/PFI.2018.02983852792>

Robertson, D. J. (2019). *Three Modern Translations of Marcus Aurelius*. Retrieved March 25, 2021, em <https://medium.com/stoicism-philosophy-as-a-way-of-life/three-modern-translations-of-marcus-aurelius-be8dc3ef3bab>

Silva, T. F. da. (n.d.). *Caldeus*. Último acesso em 26 de Março de 2021, em <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/caldeus/>

Tarquínio, A. C. (2010). *A meditação de Epicteto sobre a verdadeira propriedade e o tempo oportuno do colhimento de jabuticabas e figos*.

Kínesis - Revista de Estudos Dos Pós-Graduandos Em Filosofia, 2(04), 136–148. <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2010.v2n04.4371>

Ullmann, R. A. (2008). *Filosofia da natureza nos estóicos (sic)*. Filosofia Unisinos, 9(1), 5–11. Retirado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5334/2579>